

FOLHA DE S.PAULO

HÁ 100 ANOS ★ ★ ★ UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA

ANO 101 ★ Nº 33.914

TERÇA-FEIRA, 8 DE FEVEREIRO DE 2022

R\$ 5,00

Ciência B6

Pequeno astrônomo

Aos cinco anos de idade, o garoto Miro Latansio Tsai, de São Paulo, foi reconhecido como a pessoa mais jovem do mundo a identificar um asteroide.

Esporte B7

Primeiro gol em Mundiais é meta inicial do Palmeiras nos Emirados Árabes

Ilustrada C1

Performance de Nuno Ramos retorna debate sobre animais em obras de arte

Comida C8

No estilo anos 1990, sorvetes ganham montagens gulosas na capital paulista



Spencer Platt/ANSA

PUTIN E MACRON NEGOCIAM SOBRE CRISE NA UCRÂNIA

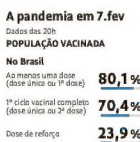
Presidente russo conversa com o francês no Grande Palácio do Kremlin; ao mesmo tempo, Biden ampliou ameaças caso Moscou invada o vizinho **Mundo A11**

União Brasil nasce gigante, mas terá de definir rumo

O TSE julga hoje o pedido de fusão entre PSL e DEM, o que resultará na União Brasil. O partido nasceu como o maior da Câmara dos Deputados, mas já em iminente esvaziamento.

Além de uma anúncio da saída em bloco de parlamentares bolsonaristas, a nova sigla ainda está em busca de um rumo na eleição presidencial. **Política A4**

Evangélicos bolsonaristas promovem fake news contra Lula e Moro A7



ESTÁGIO DA DOENÇA

Cópias

Média diária

765 ↑ 149,0%*

Casos ↑ +9,5%* (acelerado)

*Variação em relação a 14 dias

Em 24 h 437

Total 632.770

Produção de veículos no país cai 27% em janeiro

Queda abrupta ante 2021 vem de salto nos casos de Covid e de férias coletivas

O total de veículos produzidos no Brasil em janeiro despencou 27,4% em relação ao mesmo mês do ano anterior e 31,1% na comparação com dezembro, quando a Anavea (associação de montadoras), a fabricação foi afetada pela disparada de casos de Covid causados pela variante ômicron durante as férias coletivas, que, por sua vez, foram atrasadas.

Mudanças na legislação ambiental exigiram acelerar a produção em dezembro, o que levou ao adiamento do período de descanso que tradicionalmente ocorre naquele mês. Apesar, ainda, os problemas na cadeia de fornecimento de peças.

Segundo a consultoria KBB Brasil, os preços dos dez veículos mais vendidos subiram em média 25,4% no ano. Ademais, a elevação da taxa referencial de juros, a Selic, para 10,75% ao ano deve inibir as vendas, 60% das quais são financiadas. **Mercado A12**

Economia teme que debate da PEC dos Combustíveis pressione o dólar A14

Michael França

Minorias querem, em vão, o poder

Querer não é poder. A pretensão política das minorias não tem se refletido, na mesma magnitude, em uma realidade. Elas tendem a ser foco de amplo conjunto de políticas públicas, mas estão distantes dos espaços decisórios do Estado. **Mercado A20**

Doria garante vaga para crianças, mas adia início de aulas

O governo João Doria (PSDB) tem convocado pais para matricular as crianças na 1ª série do ensino fundamental em São Paulo após a Folha revelar que milhares estavam na fila por vagas. O início das aulas, porém, não está garantido. **Cotidiano B2**



Karim Xavier/Folhapress

BUROCRACIA CONTRA CULTURA PERIFÉRICA É CRITICADA

Os atores gêmeos Jefferson e Júlio Silvério, 36, da série 'Sintonia', da Netflix, afirmam ter desistido de se inscrever em editais públicos e citam linguagem incompreensível. **Ilustrada C4**

Algemas em deportados criam impasse entre Brasil e EUA

O uso de algemas em brasileiros deportados dos EUA criou impasse entre os governos Jair Bolsonaro e Joe Biden. O Itamaraty vem fazendo, desde o fim de 2021, apelos para parar com a prática e melhorar o tratamento dado a esses cidadãos, mas tem sido ignorado.

Segundo depoimentos obtidos pela Folha, pessoas foram algemadas na frente dos filhos em um voo que chegou em 26 de janeiro. Passageiros disseram ter sofrido maus-tratos e autoridades envolvidas confirmaram que receberam relatos semelhantes. **Mundo A10**

Três em quatro escolas públicas do Rio já foram alvo de tiroteio

Levantamento da plataforma Fogo Cruzado mostra que, em 2019, 74% das escolas municipais do Rio foram afetadas por ao menos uma troca de tiros. Eventos reduzem aprendizado dos alunos, dizem especialistas. **Cotidiano B1**

Gilmar Mendes liga morte de Moisés a atuação de milícias B1

EDITORIAIS A2

Ocidente na mira
Acerca de implicações da aliança entre Xi e Putin.

Primazia militar
Sobre preservação de investimentos das Forças.



ISSN 1678-7752 33914
9 771674 339102

**Faça parte do nosso grupo
exclusivo no Telegram!**



@Jornaisbrasil

**JORNAIS
BRASIL**



Jornais e Revistas do Brasil acesse <https://t.me/Jornaisbrasil>

Acesse também <https://t.me/Brasilrevistas>

opinião

FOLHA DE S.PAULO

UM JORNAL A SERVIÇO DA DEMOCRACIA
Publicado desde 1921 - Propriedade da Empresa Folha da Manhã S.A.

PUBLISHER Luiz Fries
DIRETOR DE REDAÇÃO Sérgio Dávila
SUPERINTENDENTES Carlos Ponce de Leon e Judith Brito
CONSELHO EDITORIAL Fernando Diamant, Helio Schwertman, Joel Pinheiro da Fonseca, José Vicente, Luíza Helena Trajano, Patrícia Banha, Patrícia Campos Mello, Persio Aira, Ronaldo Lemos, Thiago Amparo, Luiz Fries e Sérgio Dávila (secretário)
DIRETOR DE OPINIÃO Gustavo Patu
DIRETORIA EXECUTIVA Paulo Narcélio Simões Amaral (finanças, planejamento e novos negócios) e Marcelo Benez (comercial)

EDITORIAIS

editorial@grupofolha.com.br

Ocidente na mira

Aliança entre Xi e Putin tem limites, mas é sinal aos EUA de obsolescência da ordem pós-Guerra Fria

Em relações internacionais, estabelecer grandes marcos de eras é um esporte fútil e, usualmente, das décadas impiedosas. Isso dito, a sexta-feira passada (4) tem chances de ingressar na história como um ponto de inflexão formal do período que sucedeu a Guerra Fria. Aquele conflito, iniciado dos escombros da Segunda Guerra Mundial pela disputa entre Estados Unidos e União Soviética, acabou na prática com o ascenso de Mikhail Gorbachev ao Kremlin em 1985.

Oficialmente, contudo, foi no Natal de 1991 que o império soviético deu seu último suspiro. De lá para cá, houve uma história com diversas fases da dominância do Ocidente vitorioso na contenda, com Washington à sua frente.

Claro, houve desafios de diversas ordens, como o 11 de Setembro e suas guerras ou a crise de 2008, mas até aqui essa foi uma canção entoada por seus vencedores.

A formalização da aliança entre Xi Jinping e Vladimir Putin contra os narradores ocidentais da história, ocorrida sexta em Pequim, apresenta considerável potencial de influir nessa linha do tempo. É, antes de tudo, uma resposta à percebida prepotência americana, em momento de declínio relativo da influência política de um país cada vez mais esfacelado entre poderes internos.

Há também ressentimentos em jogo, principalmente em Moscou.

Primazia militar

Num contexto de penúria geral de investimentos, prioridade às Forças Armadas configura distorção

Entre 2008 e 2014, auge dos anos pastelistas, o governo federal destinava cerca de 5,6% de sua despesa a investimentos. No início do segundo mandato de Dilma Rousseff, os recursos para obras e equipamentos começaram a entrar em colapso.

A penúria exigiu a redução de gastos em geral —certos que, como de costume, recaíram em especial sobre investimentos, que foram reduzidos a 2,3% do Orçamento, na média de 2014 a 2018, e, nos anos de Jair Bolsonaro, 2,2%.

Nesse grupo de despesas, as destinadas à defesa nacional foram das mais preservadas, e não apenas no governo Jair Bolsonaro. Também desce sob o investimento, como nota a Folha.

Seja qual for o motivo, a escolha de prioridades parece incoerente e problemática. Ciência e tecnologia, por exemplo, estão entre as áreas que sofrem os maiores arcos. No ano passado, o investimento de maior valor do Ministério da Infraestrutura foi a conservação de estradas no Pará, com cerca de R\$ 390 milhões; em segundo lugar, a construção da Ferrovia de Integração Leste-Oeste, na Bahia, com R\$ 337 milhões.

Já no caso da Defesa, empenhou-se R\$ 14,5 bilhão para o programa de compra de caças da FAB e

dos russos dizem que, em vez de terem sido aceitos como iguais pelo EUA após 1991, foram espoliados de sua liberdade, que os mesmos restos do seu país nos anos 1990 e tiveram suas áreas de contenção geopolítica tomadas a partir dos 2000, com a expansão a leste da Otan, o braço armador ocidental. Já os chineses buscam ser reconhecidos como atores políticos de quilate proporcional a seu peso econômico, o segundo maior do mundo, fruto de uma parceria com o mesmo Ocidente que hoje teme a musculatura asiática.

Há, por certo, limitações à aliança entre Putin e Xi, de resto intrinsicamente baseada em um discurso libertário de soberania e multilateralismo —que não se aplicam às suas audiências domésticas, claro.

Não se antevê ainda uma aliança militar, dadas as desconfianças mútuas entre países historicamente rivais e com largas fronteiras. O gigantismo econômico chinês, ademais, faz o Kremlin temer a ideia de virar uma potência energética da região —um sócio minoritário.

A ditadura chinesa também não tem ainda como suplantará a Europa como mercado principal da Rússia, e há fatores culturais em jogo.

Ainda assim, a possibilidade de cooperação contra interesses de um Ocidente dividido, seja na Ucrânia ou no Oriente Médio, não é um sino ruído no centro da moldagem deste pedaço do século 21.

R\$ 435 milhões para o cargueiro militar. Destinou-se mais de R\$ 1 bilhão para os submarinos convencionais e nucleares. Entre outros gastos maiores estão carros de combate, helicópteros e navios.

A cúpula militar argumenta que não se pode permitir a obsolescência das Forças Armadas, com o que perderia sentido a ideia de manter as. Além do mais, aponta-se que tais programas resultam de contratos de longo prazo, não raro com fornecedores estrangeiros, que não podem ser interrompidos.

Quanto ao primeiro aspecto, notem-se a de degradação acelerada da já precária infraestrutura de transporte e o desmonte do sistema de pesquisa científica e tecnológica. Não é difícil listar casos desperdiçadores de carências em setores essenciais, e a despesa militar não pode ter privilégio no julgamento adequado das prioridades.

Mais relevante é o fato de que o governo federal destina apenas o equivalente a 0,4% do Produto Interno Bruto para investimentos em 2021, em um gasto não financeiro total de 18,6% do PIB.

Em casa onde faltam pão, ciência e educação e saúde, é mais complexo dizer quem tem mais a reclamar. Falta justificativa razoável, de todo modo, para a primazia militar.



Os aplicativos e as leis

Helio Schwartsman

Um aplicativo não pode ignorar as leis e a Constituição de um país. A frase anterior resume bem o tom de críticas que recebi de leitores por causa da coluna "Bloquear o Telegram é uma boa ideia?", em que sugeri que pode ser positivo que sites e aplicativos escapem aos controles de autoridades nacionais. Aço que esse é um tópico que vale a pena explorar melhor.

Imagine, leitor, que você é um empreendedor digital e desenvolveu um site de encontros amorosos que é utilizado no mundo inteiro. Um dia, recebe uma mensagem da Justiça suanesa solicitando ajuda numa investigação criminal. Pedem que você revele os nomes de usuários do site que moram no Sudão e tiveram encontros com outros usuários do mesmo sexo. Pelas leis da Constituição do Sudão, relações homossexuais podem ser classificadas como crime. Em 2022, o sudão não deixou de ser um delito punível com a pena de morte e com chicotadas, mas ainda pode render alguns anos de cadeia a seus praticantes. Você,

dileto leitor, entregaria os nomes dos usuários ou ignoraria as leis e a Constituição de um país?

Mas o Sudão é uma nação retrógrada, se não uma ditadura plena, o que certamente não é o caso do Brasil, daria o certo cioso por distinções. Ser? Imagine uma jovem brasileira, residente no país, que engravidou e desejou abortar. Por não saber bem como proceder, buscou orientações num site estrangeiro, tendo chegado a conversar com um profissional da instituição. Esse site deve revelar o nome da menina, se a Justiça brasileira pedir?

Eu penso que o Telegram poderia, a exemplo de outros aplicativos, tentar reduzir as "fake news" que circulam por seus canais de comunicação. No longo prazo, não é bom para uma plataforma virar refúgio dos maiores mentirosos do planeta. Mas essa é uma decisão que cabe a seus administradores. De minha parte, fico feliz em viver num mundo em que nenhum país tenha jurisdição universal.

helio@uol.com.br

Querem apagar a história do Brasil

Cristina Serra

Um país pode ser analisado pela maneira como lida com o seu passado. Se dependesse do governo atual, a história do Brasil seria apagada, em linha com o queixume do ex-comandante do Exército Eduardo Villas Boas sobre a Comissão Nacional da Verdade (CNV): "Foi uma facada nas costas".

O que assusta agora, em mais uma tentativa de eliminação do registro histórico, é sua origem em uma decisão judicial. O Juízo 500, sediada no Rio de Janeiro, determinou que sejam cobertas por uma lista de todas as menções ao nome de Olinto de Souza Ferraz no relatório da CNV, sob a guarda do Arquivo Nacional, instituição quase bi centenária, tesouro da nossa memória.

Coronel da PM, Ferraz dirigia a Casa de Detenção do Recife quando o miliciano de oposição à ditadura Amaro Luiz de Carvalho foi morto, no cárcere, sob custódia do Estado brasileiro, conforme determinação da CNV. A sentença determinando o apagamento atendeu a um pedido dos filhos do militar.

A ordem judicial estabelece precedente de enorme gravidade. O relatório da CNV é um documento do Estado brasileiro, que trata da memória coletiva e, portanto, não pode ser mutilado de acordo com conveniências particulares. Nem pelo governo nem por decisão judicial, que, aliás, afronta leis vigentes. Impossível lembrar que a CNV fez um trabalho de reconstituição histórica, sem o poder de punir qualquer crime, mas que tenha agido em nome do Estado.

A Lei de Anistia, de 1979, aprovada ainda em regime de exceção, estende um mantimento de proteção que até hoje beneficia assassinos e torturadores bestiais, livrando-os do banco dos réus. É o contrário do que fizeram outros países, como Argentina e Chile. A esse respeito, o Museu da Memória e dos Direitos Humanos, em Santiago, é uma aula dolorosa, mas necessária, de como se olhar no espelho por mais tempo do que seja o reflexo. Para isso, contudo, é preciso coragem.

O tesão de matar

Alvaro Costa e Silva

Em 1958, o chefe da polícia no Rio de Janeiro, general Amaury Krueel, com uma equipe especial de combate ao crime, nasceu sob a marca da vingança e da caça ao assassino Cana de Cavallo —executado em 1964 com mais de cem disparos. Cana de Cavallo foi um dos primeiros bandidos midiáticos. Também endossada pela imprensa, a Scuderie Le Cocq —que se transformou em associação teve mais de 7.000 seguidores espalhados pelo país —introduziu o estereótipo de marginais como prática da polícia. Parte da população aplaudia a nova ordem.

Em 1969, o general Luiz França, chefe da polícia na Guanabara durante a ditadura militar, criou o grupo de elite Dope Homens de Ouro, um para cada signo do zodíaco, que nos anos seguintes roubariam, extorquiriam e, lógico, matariam. O líder era Ma-

riel Mariscot, tio exilista da família que fazia questão de buscar a namorada, a travesti Rogéria, à porta do teatro de Amália. Amália de ser assassinada, puxou a cadeia na ilha Grande.

Tanto a Scuderie Le Cocq como os Dope Homens de Ouro estão na origem dos escritos do crime, dos esquadrões da morte e dos grupos paramilitares que hoje infestam o país —e um privilégio que não é só do Rio. Em qualquer ranking de violência, o Brasil se destaca como campeão de homicídios no mundo. Mais do que a vontade de fazer justiça com as próprias mãos, instalou-se o desejo de eliminar o outro. O tesão de matar virou estilo de vida. Como no famoso bloco de Carnaval, cada pessoa armada é uma scuderie, um esquadrão do eu sozinho. Ricos colecionam lixo, dizem-se caçadores esportivos e fazem terapia em clubes de tiro. A classe média usa pedras. Pobres vão de faca, paus e pistolas e são ao mesmo tempo alvos e vítimas do linchamento gerale.

Desigualdade que mata

Préto Zecú

Presidente Nacional da Cifa, escritor e membro da Frente Nacional Antirracista

A semana que passou foi dura demais.

Acompanhei lideranças da Cifa nas ações de apoio às cidades de Embu e Franco da Rocha (SP), atingidas pelas fortes chuvas, e conversei com pessoas que perderam parentes, pertencentes à comunidade da levada, literalmente, por água abaixo.

Vi os mesmos cenários em Minas Gerais, na Bahia, no Tocantins, no Piauí, no Maranhão e em Goiás. Parte da população destes países está entregue à própria sorte, contando apenas com a solidariedade de organizações e voluntários, que, em parceria com empresas, realizam ações para amenizar a dor e os impactos econômicos e sociais.

As chuvas atingiram as mesmas pessoas e as mesmas áreas de campo, por isso me recuso a chamar esses acontecimentos de acidente ou de catástrofe. Foi uma tragédia anunciada. Mesmo assim não vemos por parte dos governos políticas habitacionais para realocar essas pessoas em moradias seguras, onde haja equilíbrio entre qualidade de vida, meio ambiente e uma vida social de convivência e trabalho.

No meio disso tudo, temos o assassinato violento de Moisés Mugenyi Kibagamba, congoleses que chegou ao Brasil ainda criança.

Assassinado e brutalmente e assassinado na cidade do Rio de Janeiro por vários homens, por cobrar diárias de trabalho. Restou-nos a rua com o nome de Moisés Kibagamba, e as autoridades, exigiu justiça e honrar o legado de um dos seus nomes. Kibagamba saiu do seu país fugindo das suas mãos, veio tombou por causa da guerra civil que a população preta vive neste país.

Mai choramos a partida precoce de Moisés e somos surpreendidos com o assassinato de Dural Teófilo Filho, atingido por três tiros por um sargento da Marinha. O militar alegou ter confundido Dural com bandidos.

Somos exilados de direitos no nosso país e perseguidos como inimigos. O cenário invisibiliza qualquer ideia de nação e não tem nada a ver com a lei, somos privados de direitos básicos. E corremos riscos, pois o imaginário popular está habitado com a ideia de preto e oportunidade. Nos suas vidas são meros números em estatísticas.

Essas são marcas de um racismo de tipo brasileiro, que está entranhado nas relações sociais, econômicas e institucionais e nos empurra para um dilema: ou o Brasil reatue pactos de convivência para a nação e vá com todos ou isso aqui vai explodir.

Não podemos chamar de país um lugar cheio de desigualdades e racismo. Ou se dividem riqueza e oportunidade, ou essa tragédia vai transbordar. A sorte é que ainda queremos somente justiça, por inteiro, na pele metida.

TENDÊNCIAS/DEBATES

folha.com/tendencias debates@grupofolha.com.br

Os artigos publicados com assinatura não traduzem a opinião do jornal. Sua publicação obedece ao propósito de estimular o debate dos problemas brasileiros e mundiais e de refletir as diversas tendências do pensamento contemporâneo.

Por um setor público mais moderno

Só uma reforma administrativa poderá valorizar os bons servidores

Tadeu Barros

Diretor-presidente do Centro de Liderança Pública

O ano de 2022 será desafiador e cheio de expectativa de mudanças para nossa sociedade no que se refere à política, cidadania, ciência e sustentabilidade. Para o setor público, não será diferente. Uma vez que o setor privado busca sempre o melhor de atuação neste ano, a administração pública tem o dever de assumir um papel protagonista com vistas a proporcionar um melhor bem-estar social à população. É para que isso seja realmente possível e fundamental modernizar esse sistema.

A maioria dos brasileiros está insatisfeita com os serviços públicos oferecidos no país. De acordo com o último estudo da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), que avalia países com um índice de 0 a 100 pontos, a satisfação do brasileiro com o sistema educacional caiu de 58, em 2007, para 49 em 2016. No saúde, a queda é ainda maior: 42 para 31.

Ou seja, a percepção da população é de que não há a devida contrapartida do Estado em bons serviços em relação à alta carga tributária, criando uma urgente necessidade de modernização da máquina pública brasileira. Nesse contexto, uma das perguntas que ficam é: qual o melhor modelo a ser adotado e como incentivar e bonificar os bons servidores?

Em primeiro lugar, o Congresso tem a obrigação de aprovar uma reforma administrativa que seja capaz de reestruturar a máquina pública, estimulando o desenvolvimento dos servidores e valorizando os profissionais de alta performance.

O modelo atual já mostrou incapaz de resolver esses desafios, começando pelas distorções na estrutura

de carreiras. Existe uma parcela de servidores que já ingressam no serviço público com remunerações elevadas, alcançando, em pouco tempo, o topo da carreira e sem qualquer embasamento em entrega de resultados.

Hoje, gastamos 13,6% do PIB para custear salários, benefícios e encargos do setor público, segundo a OCDE. Neste sentido, a regulamentação do teto do funcionalismo é essencial; primeiramente, por uma questão de moralidade pública. Depois, caso implementada, tal regulamentação abrirá mais espaço no Orçamento para alocarmos recursos

[...]

O modelo atual já se mostrou incapaz de resolver desafios, como as distorções na estrutura de carreiras. Existe uma parcela de servidores que já ingressam no serviço público com remunerações elevadas, alcançando, em pouco tempo, o topo da carreira e sem qualquer embasamento em entrega de resultados

em áreas bem mais prioritárias para o país, como o combate à Covid-19 e a formulação de políticas focalizadas nos mais vulneráveis.

Essa parcela de servidores representa apenas 0,2% de todo o quadro de funcionários públicos do país, mas pesa todos os anos R\$ 2,6 bilhões nos bolsos dos brasileiros. O valor é suficiente, por exemplo, para arcar com sete edições da Mega-Sena da Virada de 2021 — e ainda sobra dinheiro.

Outra mudança fundamental para o setor público em 2022 é o incentivo à formação de lideranças, bem como ferramentas que facilitem o processo decisório do servidor a partir de dados e evidências. Nesta direção, o Centro de Liderança Pública segue desenvolvendo iniciativas capazes de influenciar esse novo paradigma na liderança pública. O Ranking de Competitividade dos Estados, ferramenta que reúne dados para auxiliar gestores públicos a diagnosticar problemas e elencar prioridades, se junta a outras seis novas ferramentas, sobretudo o Ranking de Competitividade dos Municípios. Para avançarmos em direção à agenda sustentável, ambos os levantamentos ganharam em 2021 certidades ESG (governança ambiental e sustentável) e de ODS (definidas pelos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, da ONU).

Com um serviço público mais moderno e eficiente, o poder público no Brasil será capaz de formular políticas públicas efetivas, transparentes e inovadoras que melhor atendam à população. Que em 2022 tenhamos um setor público que seja capaz de ajudar a construir um Brasil mais justo para todos e todos.

PAINEL DO LEITOR

folha.com/paineldoleitor leitor@grupofolha.com.br

Cartas para o Painel do Leitor. 425, São Paulo, CEP 01302-900. A Folha se reserva o direito de publicar trechos das mensagens. Informe seu nome completo e endereço.

Policiais na área da cracolândia, na região central de São Paulo
Rivado Gomes - 8-dez-2021/Folhapress

Drogas

Excelente o artigo de Lygia Maria ("Máquina reprodutora de racismo", Opinião, 7/12). Está coberta de razão ao afirmar que a questão da legalização ou descriminalização das drogas tem passado batida entre nós, enquanto as sociedades mais desenvolvidas se ocupam disso faz tempo. É um tema que deveria ser debatido nas campanhas presidenciais, pois são os mais pobres e negros as maiores vítimas dessa tragédia resultante do sistema de proibição, que gera o tráfico e faz crescer o crime organizado.

Alaine França Leme (Campinas, SP)

Fake news evangélicas

"Lula e Moro são vítimas de fake news promovidas por evangélicos pro-Bolsonaro" (Política, 7/12). Evangélicos divulgando mentiras.

Mizael Dias (Patos, MG)

Jesus Cristo foi um revolucionário que pregava o amor e a caridade, palavras que não têm sentido para Malafais e seguidores, um bando de fariseus cynicos. Deus está vendo!

Daniel Barbosa (Ubatuba, SP)

Desolador saber que uma parcela gigante do povo teve a mentalidade sequestrada por um bando mentiroso, voraz e ávido por gratia alheia.

Mara Passos (São Paulo, SP)

Com tanta mentira produzida e reproduzida por esses que se dizem cristãos, dá para perceber de que modo a fé tem sido usada como uma ferramenta para enganar o povo. STF deu veracidade às revelações do capeta aqui na Terra.

Ricardo Sá Miranda (Natal, RN)

A extrema esquerda, como sempre, quer atribuir a toda comunidade evangélica fides isoladas de pessoas comuns. Esta é a verdadeira intenção deles: demonizar os cristãos para tentar isolá-los.

Getúlio Cunha (São Paulo, SP)

Lula e Palocci

A insolença do ministro Ricardo Lewandowski ao negar o desbaleque dos bens de Antonio Palocci é uma vingança por Palocci ter feito uma declaração sobre o cubão do PT e de Lula ("Palocci se compara a Lula e pede para STF liberar bens, mas Lewandowski nega", Mônica Bergamo, 7/12). Os ministros do STF devem ter o cuidado de não cometer o mesmo erro de esquecer o contexto do Lula e do "soltaram". Mas Lula vai responder em primeira instância em Brasília, como Antonio Palocci. Temos memória.

Tania Tavares (São Paulo, SP)

Semana de Arte Moderna

Excelente o artigo de Ruy Castro sobre a Semana de Arte Moderna ("A vanguarda oficial"), Ilustrada Ilustríssima, 6/12. Gostaria de realçar o trabalho de levantamento em jornais e outras fontes de informação pertinentes ao contexto da época, a embasar surpreendentes revelações acerca do movimento de 22. A narrativa propõe não somente conhecimento mas boas risadas, graças às piadas de humor e fina ironia inerentes à prosa do articulista.

Patrícia Porto da Silva (Rio de Janeiro, RJ)

O nibório

"Sob Bolsonaro, autorizações para exploração de níbio explodem na Amazônia" (Ambiente, 7/12). Autorizações para a exploração de níbio escondem um verdadeiro motivo: exploração de terras indígenas, unidades de conservação federais e assentamentos. O vendedor de ilusões aqui a matilha de lobos para devorar a fauna protegida, os incendiários da flora e os envenenados das águas com mercúrio.

Luiz José Almeida Payad (Bálorio Aguiar, SC)

Gostei! Ótima iniciativa do governo Bolsonaro. Que tenhamos uma exploração bem feita, trazendo riqueza aos brasileiros; e sem contratos secretos, como havia na era do PT.

Ricardo Villas (São Paulo, SP)

Moisés

Sentimos dor, revolta e força para a luta diária. Estamos do lado que resiste. Como psicanalistas nossa alma tem a cor de gente. Sofremos diariamente com ofensas e violências impostas por um regime infame. Não foi nosso filho e irmão assassinado a pauladas, mas nosso afeto que transcendeu os limites de nossas famílias e as lágrimas quentes rolam em nossas faces.

Marília Taffare e mais cem psicanalistas da CAPES e da Sedes Sapientiae (São Paulo, SP)

Capas

Em relação ao artigo "Prevenção 'super-poder' (Saúde, 7/12), da professora Marcia Castro, a Capes informa que o seu orçamento anual para 2016, subindo de R\$ 3,1 bilhões para R\$ 3,8 bilhões de 2020 para 2022, só para os programas de pós-graduação, o investimento envolve 99,6 mil bolsas. Também foram concedidas 2.600 bolsas em projetos envolvendo pesquisas sobre Covid-19, com recursos de R\$ 250 milhões para 55 universidades.

Thais Mesquita Cantanhede, consultora de comunicação das Capes (Brasília, DF)

ERRAMOS

erramos@grupofolha.com.br

TENDÊNCIAS / DEBATES (7.FEV, P. A3) Por um reto de montagem, o último parágrafo do artigo "Olavo de Carvalho morreu; mas o Olavo de Carvalho vive" foi alterado. Segue a versão correta: "Olavo de Carvalho criou um movimento milenarista e contrarrevolucionário que não acabará com a sua morte. Através da mídia, ele conseguiu criar uma rede de influenciadores digitais de direita etc. — todos esses levarão a sua obra adiante. Se academia e imprensa ignorarem esse negócio, como fizeram anteriormente, aliás, correemos o risco de só acordarmos quando for, mas uma vez, tarde demais".

ENTREVISTA (6.FEV, P. A6) Durali Tedilo Filho falou não pouco mais de uma semana após Moisés Mugenyi Kabagame, não pouco mais de duas semanas depois, como foi incorretamente publicado no texto "Brasil tem repulsa de imigrantes negros, mas é receptivo a europeus".

MUNDO (6.FEV, P. A13) Fabrício Alvarado é filiado ao partido Novo Republicano, não à Unidade Social Cristã, como dito na reportagem "Costa Rica vai às urnas com número recorde de candidatos".

Odesmone dos instrumentos de gestão

Desestruturação é imenso retrocesso, principalmente na educação superior

Moria Arlete Duarte de Araújo

Professora titular de administração pública da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), é doutora pela Eaesp/FGV-SP (Escola de Administração de Empresas de São Paulo da Fundação Getúlio Vargas)

A gestão pública, entendida como um conjunto de ações administrativas e políticas empreendidas pelos diversos organismos da administração pública, sofreu nos últimos anos, a partir da reforma do Estado em 1995, mudanças consideráveis em função dos instrumentos adotados e das diferentes capacidades de cada um. No governo Jair Bolsonaro (PT), estamos assistindo ao desmonte dos instrumentos de gestão em diversas áreas.

Um olhar sobre algumas políticas públicas evidencia que essa crítica é procedente e que a deterioração dos instrumentos de gestão ocorre em um ambiente em que também se desestrutura a participação da sociedade civil em diversos comitês, comitês, conselhos, conferências etc.) sob o pretexto de dar mais eficiência à gestão. No plano da educação superior, a debandada da sociedade civil em diversos comitês, comitês, conselhos, conferências etc.) sob o pretexto de dar mais eficiência à gestão. No plano da educação superior, a debandada da sociedade civil em diversos comitês, comitês, conselhos, conferências etc.) sob o pretexto de dar mais eficiência à gestão.

Assim, dado o tamanho, a complexidade e a dinâmica da pós-graduação, a paralisação do fluxo de avaliação, a perda de competência técnica e o aprendizado coletivo implicam prejuízos incalculáveis e, em especial, minam a confiança no sistema de avaliação. Outrossim, a tentativa

de modificação dos critérios na direção do afrouxamento das atuais regras solapa igualmente o esforço que vem sendo feito pela qualidade de todo o sistema nacional de pós-graduação e abre brechas para o credenciamento de novos programas de pós-graduação, em especial na modalidade a distância, sem que haja a minimização das falhas das comissões de Avaliação da Capes sob os instrumentos de gestão, e sua expertise não se forma de um dia para o outro. Assim, essa desestruturação representa um retrocesso em relação à educação superior, e ainda provisória 1,075, de 6 de dezembro de 2021, ao permitir que o Programa de Avaliação da Capes (Prav) seja acessado por estudantes não bolsistas oriundos de instituições privadas, o que gera graves problemas para as políticas afirmativas que objetivam a inclusão dos mais pobres, indo na contramão de programas que mudaram o perfil das universidades brasileiras, como a criação do Bônus (Reestruturação e Expansão das Universidades Federais), da Lei de Cotas e de outras políticas afirmativas. Aqui, o instrumento de acesso ao ensino superior é claramente desvirtuado e torna-se uma nova fonte de financiamento para as instituições privadas.

Assim, pode-se afirmar que o novo modelo está emergindo se apoia: 1 - na ampliação da lógica privada para a oferta da educação à medida que cria novos mercados; 2 - na flexibilização de critérios de mérito acadêmicos para avaliação do sistema de pós-graduação; e 3 - na ampliação da desigualdade.

Pode-se afirmar que o novo que está emergindo se apoia: 1 - na ampliação da lógica privada para a oferta da educação à medida que cria novos mercados; 2 - na flexibilização de critérios de mérito acadêmicos para avaliação do sistema de pós-graduação; e 3 - na ampliação da desigualdade

[...]



Continuação de pag. A4

Seu pré-candidato, o ex-ministro da Saúde Henrique Mantovani (DEM), não conseguiu viabilizar politicamente até o momento. Luciano Bivar, que preside o PSI, ocupará o mesmo cargo na nova sigla, encasilhando seu nome para aumentar o cacife da legenda.

"Se é para colocar um nome, não vejo por que não entramos também no debate, desde que exista um encontro de contas [a união em um candidato] lá na frente, principalmente pela afiliação que a gente está vivendo em relação a essa polarização", diz o deputado federal Bozella (PSL-SP).

Aliado a Bivar, Bozella defende o apoio à candidatura do ex-juiz Sergio Moro. "As pesquisas tem mostrado o Moro [mas] bem posicionado na terceira via] e eu acho muito difícil alguém dentro desse campo ter uma carta na manga que dê um cavalo de pau tão radicalmente para sair dos seus 1% para 15%, 20% em três, quatro meses", afirma. Paralelamente, Bivar tenta fechar uma federação com o MDB de Tabet. As conversas encontram menos resistência do que as com o PSD-B de Dória. Mesmo assim, há dificuldade pelo prazo exíguo para que os pedidos de federação sejam apresentados ao TSE — até o fim deste mês — e por divergências entre União e MDB em alguns estados.

"Temos dificuldades em cinco ou seis estados, dificuldades grandes, vamos ver se conseguimos avançar, mesmo que eventualmente tenhamos que sacrificar um ou outro desses estados. Essas conversas ficaram de evoluir essa semana", disse o deputado Elmar Nascimento (DEM-BA).

Bivar teria reuniões presenciais, mas nesta segunda (7)

disse a políticos aliados que recebeu diagnóstico de Covid.

Mesmo entre os parlamentares que ficaram na União Brasil, há políticos que admitem apoio nos estados a Bolsonaro, mesmo que o palanque seja dividido com outros candidatos ao Palácio do Planalto.

"Minha linha é de direito, conservador, tenho o mesmo perfil de direita. Pessoalmente, eu trouxe ele [Bolsonaro] para Goiás, para todos os eventos em Goiás na última campanha [2018] fui quem trouxe, quando ele tinha 1% das pesquisas", disse o deputado Deleagado Waldir (PSL-GO), que pretende se lançar ao Senado na chapa à reeleição do governador Ronaldo Caiado (DEM).

"Atendência é o União Brasil fazer o que fez na eleição passada, quando o Caiado abraçou o palanque para mais de um candidato", disse, citando Bolsonaro, Moro, Dória e Tabet. O PSL foi um partido nanico por cerca de 25 anos, desde a sua fundação, em 1994, até 2018, quando abraçou a surpreendente eleição de Bolsonaro para a Presidência.

O DEM é uma das principais siglas da política brasileira, sendo a segunda da Arena, o partido de sustentação do regime militar. Teve seus tempos áureos nos anos 1980 e 1990, quando sob o nome de PFL (Partido da Frente Liberal) chegou a ter a maior bancada na Câmara e a presidir as duas Casas do Congresso, além de ter a vice-presidência da República.

Com a chegada do PT ao poder, em 2003, o partido trilhou o caminho da oposição e entrou em declínio. Em 2007, na tentativa de se renovar, trocou o comando e mudou o nome para DEM. Em 2014, chegou ao fundo do poço, tendo eleito apenas 21 deputados federais.

Moro usa argumento de Lula contra pedido de bloqueio de bens no TCU

Matheus Teixeira

BRASÍLIA O ex-juiz Sergio Moro enviou uma manifestação ao TCU (Tribunal de Contas da União) contra o pedido de bloqueio de seus bens apresentado pelo subprocurador-geral Lucas Rocha Furtado, que atua no Ministério Público junto à corte.

Na peça, a defesa de Moro acusa Furtado de "lawfare", expressão em inglês que traduz situações em que a justiça é aparelhada para perseguir alguém a quem era amplamente usado pela ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) contra as decisões do ex-magistrado durante a Operação Lava Jato.

O Tribunal de Contas é um órgão de fiscalização financeira da União e não integra o Poder Judiciário. Moro também afirma que não houve sonegação fiscal no pagamento que recebeu da empresa Alvarez & Marsal, que administra judicialmente a recuperação judicial de firmas que foram alvo da Lava Jato e para a qual ele prestou serviço.

Ocorre que a mera identificação de eventual sonegação fiscal por contribuinte é matéria que, data vênica, escapa à atuação desta Corte de Contas", diz.

A defesa afirma que "o TCU não tem competência para interferir ou inibir-se em direitos contratuais privados". Diz, ainda, que sempre que o Tribunal identifica possível sonegação encaminha o caso para a Receita Federal.

A peça é assinada pelo advogado Gustavo Bonini Gue-

des, que já advogou para o ex-presidente Michel Temer (MDB). Além de "lawfare", ele também usa outra expressão em inglês que, traduzida, significa "porta giratória" e é usada para falar de situações em que políticos ou servidores deixam seu posto na administração pública para tornarem-se lobistas.

"Revolving door: lawfare e até mesmo uma inusitada perda de arrecadação tributária pela situação econômica da Odebrecht — causada pelo ex-juiz e não pelos episódios de corrupção já reconhecidos também por esta Corte de Contas — fundamentaram seus vários pedidos cautelares".

O pedido do subprocurador-geral foi apresentado na última sexta-feira (4) no âmbito do processo que investiga eventual conflito de interesses na contratação de

Moro pela Alvarez & Marsal. Após Moro revelar os valores que recebeu da Alvarez & Marsal, Furtado havia solicitado que a investigação sobre o assunto fosse arquivada. Depois, ele voltou atrás e afirmou que, após análise de fatos novos, acredita que a apuração deve continuar.

No pedido de Furtado encaminhado para o ministro do TCU Bruno Dantas, relator do processo, o subprocurador-geral pede ainda o bloqueio dos bens do ex-juiz. "Reverendo os fatos e diante dos nossos elementos analisados, entendo que a possibilidade de arquivamento processual se torna insubsistente", disse Furtado. "Pelo contrário, os fatos narrados de notória medida robusta por esta Corte de Contas".

O objetivo principal é averiguar possíveis irregularidades na contratação de Moro com o objetivo de que ele pague menos tributos no Brasil.

Em live no último dia 28, Moro afirmou que recebeu ao menos R\$ 37 milhões pelos serviços prestados para a consultoria americana, onde trabalhou de novembro de 2016 a outubro de 2021.

Segundo o procurador, há inconsistências nos documentos que comprovam contratação de Moro pela empresa de consultoria Alvarez & Marsal. Ele pede a integral dos contratos, "já que os recibos isolados (além de inconclusivos no caso dos emitiidos nos EUA) mostram os valores não registrados, mas não a existência de outros".

Colaborou José Matheus Santos, do Recife

Eu talvez seja o primeiro deputado do Brasil a deixar o União Brasil rumo ao PL. Não vou esperar janela, já me filiarei nesta semana

Bibo Nunes (PSL-RS) deputado federal

N NELSON
WILLIAMS
GROUP

APRESENTA

Big Brother Brasil (eleitoral) 2022

Nelson Williams*

"A medida que a democracia é aperfeiçoada, o cargo de presidente representa, cada vez mais adequadamente, a alma profunda do povo. Em algum grande e glorioso dia, a frase simples das terras realistas, finalmente, aplicável de sua vontade e a Casa Branca será adornada por um completo idiota."

A frase atribuída ao controverso jornalista americano H.L. Menckens é de 1920. Ele era um defensor da liberdade, mas não exatamente um fã da democracia representativa.

Para alguns críticos americanos, a frase de Menckens era uma profecia, que se concretizou com a chegada de George W. Bush à presidência dos Estados Unidos, em 2001. Desde então, ela se realiza novamente a cada mudança no assento da cadeira presidencial da Casa Branca, de acordo com a oposição, clamor, ou democracia, ou república etc.

Depois de Bush, já se reverenciou no poder Barack Obama, Donald Trump e o atual presidente Joe Biden.

Bush tem contra si a inequívoca invasão do Iraque; Obama, a guerra do Afeganistão, e Trump,

esse choro-concursos, incentivou a invasão do Capitólio e colocou em xeque o regime democrático que o conduziu ao poder. Ele deve ter visualizado um horizonte lanúria para um galpão de estado. Quanto a Biden, ele está em "construção".

Nesse mesmo período, por aqui, a alma profunda do povo se fez representar por Lula, Dilma, Bolsonaro (os eleitos cabeças de chapa).

"A maior desgraça da democracia é que ela traz à tona a força numérica dos idiotas, que são a maioria da humanidade." J. Nossio Nelson Rodrigues também já descreveu o descontentamento amargo contra a democracia.

E não consigo deixar de perceber um elitismo nacional cínico arraigado nessa afirmação.

Da mesma forma que não consigo deixar de imaginar uma eleição aos moldes do BBB (Big Brother Brasil). Talvez seja essa a forma mais eficiente para a avaliação dos candidatos, inclusive com um paralelo humano.

Eles estariam expostos ao eleitor 24 horas, sendo possível conhecer bem suas propostas, programas de governo e princípios, sob a pressão da eliminação. Imagine Lula, Bolsonaro, Dória, Moro e Ciro numa mesma casa (uma DR dis-

ria)? A votação aconteceria no site do TSE, apostando pela segurança do sistema. O participante com a porcentagem de mais votado seria eliminado.

Isso é mais uma idiotice? Talvez. Pelo menos evita a interrupção da novela com os propagandas eleitorais.

Ma simpatizante, Perfeita a democracia não é.

Porém, uma autocracia não vale mais suficiente das democracias. Mais importante que a escolha de um candidato é a possibilidade de alternância pacífica no Poder.

Relevante destacar que a pandemia aprofundou a tendência de deterioração democrática. Em 2021, 64% dos países adotaram uma ação considerada desproporcional, desnecessária ou ilegal para conter a pandemia, de acordo com o relatório The Global State of Democracy.

Além disso, a maioria das democracias foi resiliante e realizou eleições, e os parlamentares, os juizes e a mídia conseguiram exercer suas funções de supervisão.

O que convergia, mais uma vez, que a abstração e a natureza humana não estão além do autoritarismo, que quer "silenciar" e "troubar" os cidadãos (para usar parte de outra frase de Menckens).

Alternância no poder por meio



O advogado Nelson Williams

Emerson Lima

de eleições multipartidárias competitivas para resolver as diferenças sociais (um hibridismo). O resultado, obviamente, não segue um caminho predeterminado.

Não por acaso, nos Carta Magna, de 1988, após o período da ditadura, consolidou os índices democráticos e o Estado Democrático de Direito. A profusão de partidos, por um bom ou para o mal, tem alcançado todos os segmentos da população, para que todos sejam representados. Ou seja, nossa Constituição Federal aponta mais democracia para a "cura dos males da democracia".

Obviamente, que devemos trabalhar para aperfeiçoar as instituições para que promovam os direitos civis e garantam uma sociedade livre e justa, independentemente do chefe do Executivo de plantão.

Um contrário de uma utopia perfeita e sem defeitos, a democracia é, sim, "a pior forma de governo, salvo todas as demais formas que têm sido experimentadas de tempos em tempos", como bem disse Churchill.

E ainda que alternar o poder da direita para a esquerda ou para o centro pareça na superfície uma rachadura irreparável, essa é a capacidade da democracia de se regenerar no sentido visível das frentes no Poder. E, no fim das coisas, são os ideólogos, espalhados por todas as câmaras, em uma nova oportunidade de mudatudo, a cada eleição."

*Empreendedor e advogado

EstúdioFOLHA

Ateliê de produção de conteúdo em todas as plataformas |

política

José Guimarães

PT não aceita tomar pito nem considera federação com PSB essencial

'Quem não quiser não vai', diz um dos vices do partido de Lula, em resposta à reclamação do presidente pessebeista, Carlos Siqueira

ENTREVISTA

Ranier Bragan

BRÁSILIA O deputado federal José Guimarães (CE), um dos vice-presidentes do PT, afirmou que o partido recebeu com indignação as reclamações do presidente do PSB, Carlos Siqueira, segundo quem faltaria reciprocidade do partido de Lula nas negociações para a formação de uma federação.

"A militância não aceita que alguém de outro partido fique dando pito no PT. Faça isso senão não vou... Quem não quiser não vai. Não estamos pedindo favor a ninguém para compor a federação", afirmou Guimarães, 64, do núcleo político próximo a Lula.

A Folha, Siqueira havia apontado como entrave a proposta de o PT controlar 27 das 50 cadeiras de deputados federais no PT, PSB, PC do B e PV, que seguiria a proporcionalidade do tamanho das bancadas na Câmara.

Siqueira disse esperar também "reciprocidade" do PT em palanques estaduais, em especial São Paulo, onde Fernando Haddad (PT) e Márcio França (PSB) disputam a vaga de candidato da coligação.

"Ninguém tira tamanho dos partidos por decreto. O PT é do seu tamanho e é desse tamanho que nós vamos para a eleição", afirmou Guimarães, dizendo considerar muito difícil Haddad não ser candidato.

O presidente do PSB manifestou preocupação de o PT tentar ter a hegemonia em uma eventual federação. Como o partido irá contornar essa insatisfação? OPT não iniciou o debate sobre federação somente por questões eleitorais. O PT entende que a estrutura é um instrumento que pode ser fundamental para alterar a correlação de forças dentro do Congresso, com um bloco de esquerda no centro-esquerda, e se vale a pena, e eu tinha entendido que havia um consenso que se respeitasse o princípio da proporcionalidade. Ninguém tira tamanho dos partidos por decreto. O partido tem representatividade social, tem voto. O PT é do seu tamanho e é desse tamanho que nós vamos para a eleição.

Mas em número de prefeitos o PSB é maior. Eleição municipal é outra coisa, em federação você parte do princípio nacional. Nós levamos essa ideia, e PV e PC do B concordaram. Mas nem batemos o martelo porque não tem decisão sobre a federação. Se o Siqueira discorda, que ele diga na reunião.

Mas ele não manifestou isso a vocês, em reuniões? Ele manifestou na reunião, eu estava nela, e eu tinha entendido que havia um consenso que se respeitasse o princípio da proporcionalidade. Ninguém tira tamanho dos partidos por decreto. O partido tem representatividade social, tem voto. O PT é do seu tamanho e é desse tamanho que nós vamos para a eleição.

Esse tipo de posição do presidente do PSB não ajuda, só atrapalha, e complica fortemente aquele desejo que é que se unifique na bancada de deputados do PT e de muitos deputados do PT.

O PT não estaria obtendo apoio de Lula sem dar o levantamento em troca? No debate que fizemos com os quatro partidos sobre o estatuto da federação foi colocado um critério para respeitar o tamanho dos partidos, tamanho do Congresso, ninguém pode querer ser mais do que outro se não tem voto para isso.



José Guimarães, 64

Um dos vice-presidentes nacionais do PT e membro da executiva nacional do partido. Deputado federal no quarto mandato, pelo Ceará, foi o líder do governo na Câmara no segundo mandato de Dilma Rousseff. É formado em advocacia

Gustavo Becker/Divulgação

OPT, então, não abre mão dessa proporcionalidade? O PSB não vai abrir mão de seu tamanho, porque estaríamos incorrendo em um erro grave. É um tamanho dado pelas urnas, não é por decreto.

O tamanho das bancadas no Congresso que decide fundo eleitoral, funco partidário, liderança no Congresso.

Essa ideia de que o PT quer hegemonizar... Passamos 2021 com um espírito de boa vontade tamanho que temos dois líderes no Congresso que são do PSB, o Alessandro Molon [líder da oposição] e o Marcelo Freixo [líder da minoria].

O PSB vai participar da federação com o seu tamanho, o PV com o seu tamanho, o PC do B com o seu tamanho. Isso é respeito e reconhecimento de que o eleitor decidiu na última eleição e poderá decidir na próxima. E temos que agregar outras forças de centro.

Temos que atrair o Aklemin, temos que sentar com o PSD do Gilberto Kassab. E com várias forças, ainda que não sejam com coligações formais. Temos vários palanques estaduais com o MDB, com o Par e em Alagoas.

O PSB argumenta só ter pedido apoio a seus candidatos em cinco estados, incluindo São Paulo. O PV ou o PT está disposto a ceder? Veja bem, Humberto Costa acabou de fazer um baita de um gesto. Renunciou a uma candidatura que está em primeiro lugar ao Governo de Pernambuco [em apoio ao nome do PSB].

Isso não conta?

Eu já falei para o Siqueira: no Espírito Santo é só o governador Renato Casagrande apoiar o Lula. Ele não declarou apoio ainda, como vamos apoiar um cara se você não sabe se ele apoia o Moro ou o Lula? Na hora que ele quiser a sentar com o PT, respeitando o PT e declarando o apoio ao Lula, estamos no Espírito do Casagrande não palanque do Siqueira Santo.

Com o Freixo [pré-candidato do PSB ao Governo do Rio], já tínhamos discutido lá atrás [apoiar]. No Rio Grande do Sul nós vamos discutir lá na frente. O PT tem um nome candidato [Edgar Presto], o PSB também [Beto Alaguires], tem a Manuela D'Avila [PC do B], então até sugerimos que esses três partidos sentassem para discutir o melhor caminho, para se unificar.

E em São Paulo? O Fernando Haddad foi nosso candidato à Presidência [em 2018], se colocou como alternativa. E o candidato do PT, como o PSB diz que tem candidato, o Márcio França. Eu defendo a ideia de que em São Paulo devemos um Haddad, Márcio França, Guilherme Boulos [PSOL] e Geraldo Alckmin [ex-PSB, que negociou ser vice de Lula].

Se esses quatro personagens tiverem grandeza política e tiverem compromisso com o estado de São Paulo, nós podemos ganhar a eleição. E vamos analisar qual é o melhor nome para ganhar, qual é o nome mais forte. Evidentemente, o PT difícil-

mente deixará de ter candidato a governador de São Paulo, pelo que representa o Haddad. Agora, isso é motivo para não sair a federação? Não. Isso é motivo para ter dificuldade para apoiar o Lula? Não. Vamos ter que administrar.

Acho que São Paulo é um emblema, e eles sabem da nossa opinião. E nós nunca fomos externar publicamente nenhuma posição de desrespeito com o Márcio França. Eu acho que quando o Siqueira fala do Haddad é um pouco de falta de respeito. O Haddad é um quadro extraordinário da política brasileira, assim como é o Boulos, o Márcio França. Tínhamos todas as razões preferíveis para reclamar, mas não vamos fazer em respeito à história de cada partido e cada candidato.

Quais razões preferíveis? Na eleição passada, o Márcio França não quis o apoio do PT quando disputou com o João Dória [PSDB]. Mas não vamos ficar... Veja bem, essa eleição não é trivial, é dilemática. Temos que interdiar essa ameaça que ronda o Brasil, que é o Bolsonaro. Portanto as forças que têm algum compromisso com a democracia têm que estar juntas. E o nome que pode somar, aglutinar e liderar isso, é o Lula.

Qual foi a repercussão da entrevista do Siqueira no PT? Pelo que nós representamos, pelo que nós somos, evidentemente que a militância não aceita que alguém de outro partido fique dando pito no PT. Faça isso senão não vou... Quem não quiser não vai. Quem não quiser não vai [repete]. Não estamos pedindo favor a ninguém para compor a federação.

A federação é uma necessidade estratégica para o país. E o interesse é nacional, não pode ser interesse menor desse ou daquele partido. Até porque se fossemos levar em consideração só esse negócio de disputa, o PT pode fazer uma baita campanha de legenda e, pela força que o Lula tem hoje, aumentar fortemente a sua bancada, com federação ou sem federação.

A federação é um instrumento que eu vejo para ajudar a mudar a correlação de forças no Congresso. Com isso eu acredito [sobre tamanho da esquerda], ninguém consegue praticamente mudar. E preciso ter de 10 a 20 deputados [de um total de 513], essa é a meta. Se não for isso é conversa fiada e a gente não muda a realidade.

Como Lula e a Gleisi [Hoffmann, presidente do partido] receberam cobranças? Com surpresa. Eu não falei com o presidente Lula, falei com a Gleisi. Ficamos, primeiro, com surpresa. E uma certa indignação. Temos tratado o PSB com o máximo de respeito. Nunca levamos para impugnação nenhuma dos problemas que acontecem nas reuniões com os partidos.

Essa conduta a gente vai manter. Estamos respondendo por tudo que aconteceu na eleição partidária. Há um ambiente que nós temos, que eu tenho, como vice-presidente nacional do PT, não poderia silenciar frente ao que foi dito, por meio da imprensa. E não é a primeira vez.

Ox, então, considera importante a federação, mas não acha que seja fundamental? Não tem problema se não sair. E não é com imposição de ninguém que nós vamos ou não para federação.

E queria dizer que tudo isso que ele disse e que eu estou falando também não é motivo para interdiar o diálogo, interdiar a construção do palanque com o Lula, que é a centralidade da esquerda, interdiar o debate com a federação. Não adianta governar um estado se não tivermos uma mudança profunda nesse ambiente político que o Bolsonaro representa.

Saiba mais sobre as federações partidárias

Quando foram instituídas as federações? As federações partidárias foram instituídas na reforma eleitoral de 2017. Desde então, passou, por meio da lei 14.208 de 28 de setembro de 2021.

A mudança já é válida para as eleições de 2022? Sim, já que o mecanismo foi instituído com mais de um ano do dia do pleito.

Quanto tempo os partidos deverão permanecer juntos? Os partidos que se unirem para uma eleição deverão ficar juntos durante toda a legislatura seguinte, ou seja, por quatro anos.

O que ocorre com um partido que desista da federação depois das eleições? Além de um programa comum, as federações deverão ter um estatuto comum, com suas regras internas. Porém, já está definido que, em caso de ruptura, o partido que desista da federação, ele só poderá funcionar se ao menos dois outros partidos continuarem federação. E o partido que se desligar sofrerá algumas restrições, como não acesso ao fundo partidário durante o período que faltar para encerrar os quatro anos mínimos.

Qual a abrangência da federação?

A união entre os partidos deverá ser nacional, com a federação partidária. Não será mais permitido partidos que eram coligações em um determinado estado e eram adversários em outros. Isso significa que partidos que decidiram se unir para fazer uma federação serão aliados nacionalmente, mas também deverão ter regras nas disputas estaduais e municipais, o que obriga mudança em suas articulações para sanar arestas regionais.

As federações formadas neste ano também nas eleições municipais de 2024?

Sim, cada federação que vier a ser formada deve permanecer por quatro anos, de modo que os partidos federados estarão juntos nas eleições municipais de 2024.

O que ocorre com um partido que desista da federação depois das eleições?

Além de um programa comum, as federações deverão ter um estatuto comum, com suas regras internas.

FEDERAÇÕES PARTIDÁRIAS EM NEGOCIAÇÃO

- PT/PSB/PV/PC do B
- PSD/L/Reide
- MDB/PSDB
- União Brasil/PODEMOS
- Cidadania/PSDB
- Cidadania/PSB
- Cidadania/PT



Para petista, ataques aumentaram após pesquisas mostrarem grupo dividido

(¹ somente 5 e 7 moltes / ² somente 7 moltes)

Bolsonaro encontra Fachin e Moraes e recebe convite para posse no TSE

Após encontro com ministros, presidente diz a apoiadores só querer "transparência e segurança"

Ricardo Della Coletta

BRASÍLIA Em meio a tensões entre o Palácio do Planalto e o Judiciário, os ministros Edson Fachin e Alexandre de Moraes, do STF (Supremo Tribunal Federal), tiveram na manhã desta segunda (7) uma rápida reunião com o presidente Jair Bolsonaro (PL).

Eles convidaram oficialmente o mandatário para a posse da nova direção do TSE (Tribunal Superior Eleitoral). A audiência no Palácio do Planalto, marcada para 11h30, durou cerca de 10 minutos.

Estiveram presentes no encontro os três comandantes das Forças Armadas e o ministro da Defesa, Braga Neto. Ainda que não tenham qualquer relação direta com a pauta, o general Paulo Sérgio (Exército), o almirante Almir Garmier (Marinha) e o tenente-brigadeiro Carlos de Almeida Baptista (Aeronáutica) já estavam no gabinete presidencial para uma reunião anterior, segundo auxiliares.

Além deles, o advogado-geral da União, Bruno Bianco, e o secretário Nacional de Justiça, Vicente Santini, também acompanharam a audiência. Este último representou o ministro Anderson Torres (Justiça), que não pôde comparecer.

Fachin e Moraes assumem, em 22 de fevereiro, a presidência e a vice-presidência do TSE. A cerimônia de posse será, de acordo com o TSE, os ministros entrarão no Planalto pela garagem e não darão declarações.

Eles repassaram aos comandantes do futuro diretor-geral do TSE, general da reserva Fernando Azevedo e Silva. Ele foi ministro da Defesa de Bolsonaro até o final de março de 2021, quando foi demitido.



Jair Bolsonaro (PL) participa de solenidade no Palácio do Planalto

Pedro Ladaina - A6/22/Folhapress

Segundo relatos, um auxiliar do presidente disse que no dia da posse Bolsonaro estará na Europa e não poderá participar, ainda que seja possível acompanhá-lo à distância.

Bolsonaro vai para Rússia e Hungria na próxima semana, mas sua última agenda oficial no exterior, até o momento, prevê compromisso no dia 17.

O chefe do Executivo terá se limitado a agradecer e conviver, mas interlocutores do tribunal dizem ser improvável saber se ele participará.

Após o encontro, Bolsonaro disse que quer "transparência e segurança". A declaração foi dada a apoiadores no cercadinho do Palácio do

Alvorada, e o presidente não detalhou sobre o que falava. "Missão cumprida. Eu conversei com todo mundo e busco soluções, está certo? Nós queremos uma coisa só: é transparência e segurança", afirmou o presidente.

Como a Folha mostrou na semana passada, trocas no comando dos tribunais superiores neste ano criam ambiente hostil para Bolsonaro. O presidente acumula uma série de ataques com o Judiciário.

O entorno do presidente avalia a mudança no TSE como a mais sensível. Fachin assume no final de fevereiro o mandato, mas entrega o comando do tribunal para Alex-

xandre de Moraes em agosto. A expectativa entre aliados do presidente é que o ministro continue com uma atuação ím-

pe, mas que não seja tão agressiva quanto a de Moraes. Moraes é relator de inquéritos que têm o presidente e seus aliados como alvo, e é considerado por apoiadores inimigo do bolsonarismo.

Os ministros encontraram também os presidentes de Câmara, Arthur Lira (PP-AL), e Senado, Rodrigo Pacheco (PSD-MG). Aos congressistas

Fachin e Moraes defenderam a importância de combater fake news. Os encontros ocorreram nas residências oficiais. Ao presidente da Câmara, mencionaram o texto aprovado em dezembro por um grupo de trabalho formado por deputados. Lira sinalizou a intenção de levar a proposta a plenário, após alguns ajustes.

Os ministros expressaram preocupação especificamente com o Telegram não só pela disseminação de fake news, mas também por abrigar conteúdo de pedofilia.

Com Pacheco, os ministros lembraram o discurso do presidente do Senado na abertura do ano legislativo, ressaltando a defesa da democracia e a necessidade de respeitar o resultado das eleições.

Nas residências oficiais do Senado, também participou da reunião o senador Lucas Barreto (PSD-AP), que é considerado próximo de Bolsonaro.

Lula e Bolsonaro estarão no 2º turno, afirma Ciro Nogueira

Fábio Pupo

BRASÍLIA O ministro da Casa Civil, Ciro Nogueira (PP-PI), afirmou neste domingo (6) que o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o atual presidente Jair Bolsonaro (PL) estarão no segundo turno das eleições e que a disputa representará um duelo pela menor rejeição.

"Acho impossível Lula e Bolsonaro não estarem no segundo turno", disse em entrevista exibida pela Band e TV e pela Rede, descartando

a chance de sucesso de uma terceira via na eleição.

"Vai ser uma disputa de rejeição", disse. "Acho que quem tiver maior capacidade de trazer esperança para as pessoas e de mostrar o que aconteceu ou foi feito e o que pode ser feito é quem vai ganhar essa eleição. É por isso acredito na reeleição do presidente", complementou.

A rejeição a Bolsonaro é um dos maiores entraves da sua campanha. Segundo a última pesquisa Datafolha, feita em dezembro, 66% dos eleitores afirmaram não votar nele de jeito nenhum. No caso de Lula, o percentual é de 34%.

Para Ciro Nogueira, na época das eleições a rejeição ao PT seria maior. "Deixa o Lula aparecer com quem vai governar".

O ministro diz que o repúdio a Bolsonaro hoje é fruto de uma "polarização jamais vista na história". Para ele, o presidente tem se dedicado ao que importa em vez de alimentar clima de instabilidade.

"O país não vai voltar à terra dos nossos pais, não vamos naquela época que você citou [cinco meses atrás, quando o presidente ameaçou o Supremo]. No tempo, condição, nós não temos o direito de não aceitar".

Questionado sobre por que mudou de opinião sobre Bolsonaro, já que antes do governo chegou a chamá-lo de "fascista", o ministro respondeu que não concordava muito com o deputado Bolsonaro. "Agora, o presidente Bolsonaro que eu conheci não dá para comparar", disse.

Sobre o discurso antinacional do presidente, ele respondeu que o importante são "as ações" e que o governo federal não quer "os imunitarizantes aplicado no país".

O ministro, que é presidente do PP — uma das principais siglas do centrão —, disse que o partidário não votaria em seus candidatos a apoiar Lula, mas que estaria liberado a parceria com aliados do petista.

Ele criticou a era petista e pediu a atacar idéias políticas em debates, apesar de seu partido ter sido aliado na época e de ter apadrinhado dirigentes na Petrobras que vieram ao lado da Lava Jato.

Presidente diz a influenciadores que não seria difícil acertar tiro em 'gordinho' como ele

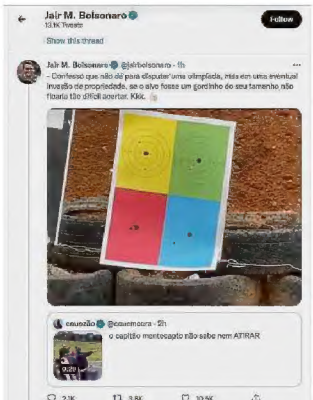
Guilherme Soto

SÃO PAULO Jair Bolsonaro (PL) escreveu nas redes sociais nesta segunda-feira (7) que não seria difícil acertar um tiro em um alvo que fosse "gordinho", como o influenciador Caue Moura, que havia criticado as habilidades do presidente no manuseio de uma arma de fogo.

Moura compartilhou um vídeo em que Bolsonaro tentava atirar com um revólver, mas parece ter dificuldades e não consegue em um primeiro momento. Ele então é ajudado por seu filho, o vereador Carlos Bolsonaro (República- RJ), e por um instrutor. O material foi gravado no último domingo (6) em um clube de tiro localizado em São Paulo.

O influenciador escreveu um comentário em que diz que "o capitão mentecapota não sabe nem atirar".

Em resposta, Bolsonaro disse: "confero que não dá para disputar uma olimpíada, mas em uma eventual invasão de propriedade, se o alvo fosse um gordinho, eu mesmo não ficaria tão apertado. Ele também publicou a foto de um alvo de papel com marcas de tiros. Este não é a primeira vez que Bolsonaro faz ataques de teor gordofóbico. Em janeiro deste ano, o alvo foi o governador do Maranhão, Flávio Dino (PSB). Em conversa com apoiadores na chegada ao Palácio da Alvorada, Bolsonaro afirmou a uma simpaticante que disse ser do Maranhão, "Um



Mensagem na conta oficial de Jair Bolsonaro no Twitter em resposta ao influenciador Caue Moura

mais sofre rejeição, mulheres e nordestinos.

O Datafolha de dezembro mostrou Bolsonaro com 12% de intenções de voto no Nordeste, contra 61% de Lula (PT). No eleitorado feminino, ele tem 20%, enquanto o petista marca 49%.

O presidente da República foi apontado como o candidato em que não votariam de jeito nenhum por 61% das mulheres, mas mais avaliado entre todas as opções. Na sequência aparecem Lula, com 34%, e João Doria, com 29%.

A estratêgia suicida aliados de Lula a apólos para que ele indique uma mulher para vice, como Tereza Cristiana (Agricultura) ou Damara Alves (Direitos Humanos).

O presidente tem um histórico de falsas preconceituosas. Em janeiro de 2020, durante transmissão em suas redes sociais, ele mirou os indígenas. "Com toda a certeza, o índio mudou. Está evoluindo. Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós", afirmou.

Antes disso, em ataque a uma jornalista, Bolsonaro acabou acertando outro alvo: a comunidade de japoneses e descendentes no Brasil.

Ao criticar a jornalista Thaís Oyama, que havia lançado um livro sobre o primeiro ano do presidente no Palácio do Planalto, Jair Bolsonaro afirmou que, no Japão, ela morria de fome com jornalistas. Descendente de japoneses, Thaís é brasileira. O presidente afirmou não saber o que ela faz no Brasil.

Bolsonaro acumula frases preconceituosas; relembre

Está cheio de pau de arra aqui e não sabem que cidade fica padre Cicero? Em fevereiro, para se referir a nordestinos

Já repararam que os países comunistas geralmente o chefe é gordo? Coréia do Norte? Venezuela? É gordinho, né? Maranhão em jan/2021, sobre o governador do Maranhão, Flávio Dino

Com toda a certeza, o índio mudou. Está evoluindo. Cada vez mais o índio é um ser humano igual a nós em jan/2020, durante live em rede social

Esse é o livro dessa japonesa, que eu não sei o que faz no Brasil, que faz agora contra o governo em jan/2020, referindo-se à jornalista Thaís Oyama, brasileira do livro "Tormenta", autora

Daqueles governadores de parábola, o pior é o de Maranhão [Flávio Dino, do PC do B]. Tem que ter nada com esse cara em jul/2019, em conversa com o ministro-chefe da Casa Civil, Onyx Lorenzoni, durante café da manhã com jornalistas

Tudo que eu quero é o país em mai/2019, ao posar para foto com estrangeiro de feição asiática; presidente fez gesto com os dedos, em insinuação sobre órgão sexual

Quem quiser vir aqui [no Brasil] fazer sexo com uma mulher, fique à vontade. O Brasil não pode ser um país de

turismo gay. Temos famílias em ab/2019, durante café da manhã com jornalistas

Podemos perder, mas não podemos estar [no Holocausto]. É minha essa frase: quem esquece seu passado está condenado a não ter futuro em jan/2020, durante encontro com evangélicos no Rio

A criação de campos de refugiados, talvez, para atender a fome, talvez, seja a solução da ditadura de seu país. Porque do jeito que está fugindo da fome e da ditadura, tem gente também que não quer mais no Brasil em nov/2018, já eleito presidente, durante evento militar no Rio de Janeiro

No Japão tem pena de morte. Tinha um japa gordo, de uns 8 arrobas, que foi pago uns dez anos atrás botando gás ranho no metrô. Foi executado no ano passado em ago/2018, durante ato da campanha eleitoral no Rio de Janeiro

Vai num quilômetro em Eldorado Paulista, Oba, o afrodescendente mais leve lá pesava sete arrobas. Não fazem nada. Eu acho que nem para executar não me passaram em ab/2017, na mesma palestra no Rio

Eu tenho cinco filhos. Foram quatro binos. A quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher em ab/2017, na mesma palestra no Rio de Janeiro

Dedo na ferida

Não fazer nada para tolher excessos é permitir que a mentira tome conta do debate

Joel Pinheiro da Fonseca

Economista, mestre em filosofia pela USP

Não foram poucos os alertas que circundaram minha coluna da semana passada: foi-me avisado inúmeras vezes que grande parte do público não entende ironia. Naquele texto, parti de ressalvas razoáveis à liberdade de expressão irrisrita e cheguei, passo a passo, à defesa da censura prévia total exercida por um conselho de notáveis.

Fui massacrado, acusado de ser um comunista defensor de ditaduras. Principes de duas famílias reais lideraram o coro: Luís Philippe de Orleans e Bragança e Carlos Bobalos e o. Tio suscitou respostas e comentários tanto no jornal como fora dele, nas redes, e até mesmo no rádio. O amigo Amparo, Leonard Nørloch, Lygia Maria, E e o coramento se deu na coluna do ombudsman do jornal, José Henrique Mariante. Para ele, o tio tinha um tom beligerante. Mas a beligerância esteve toda nas reações a ele, e não foi a tua. Ao contrário do parecer unânime, porém, fiquei muito mais satisfeito com o resultado, que superou minhas expectativas. É parte do objetivo de um texto irônico que sua ironia não seja entendida por boa parte dos leitores, que ficaram furiosos ou, em alguns casos, aplaudiram o escrito. A reação só ocorreu porque o texto não foi entendido. Os tecnólogos de comunicação provocam os limites da liberdade de expressão.

Demos um megafone na mão de cada cidadão. E o que engaja mais atenção não é necessariamente o melhor, o mais profundo ou o mais verdadeiro. Infelizmente, dada a psicologia

DOM. Elio Gaspari, Janio de Freitas|
SEG. Celso R. de Barros| TER. Joel P.
da Fonseca| **QUA. Elio Gaspari**| QUI.
Conrado H. Mendes| SEX. Reinaldo
Azevedo, Angela Alonso, Silvio Al-
meida| SÁB. Demétrio Magnoli

PF ouve homem que sugeriu envenenar Bolsonaro no RN

SÃO PAULO E BRASÍLIA | UOL. O publicitário Bismarck Victor Diniz recebeu a PF (Polícia Federal) em sua casa nesta segunda-feira (7), no município de Caicó (RN), para prestar esclarecimentos sobre uma publicação que fez contra Jair Bolsonaro (PL) em uma rede social. Nela, Bismarck sugere envenenar o presidente da República.

O chefe do Executivo passará pelo Nordeste nos próximos dias. Diniz escreveu em uma rede social: "Quem será que vai fazer o serviço de colocar veneno?". E seguiu: "É até um serviço de bem pra sociedade".

Segundo a reportagem apurou, os policiais verificaram o endereço de Bismark no domingo (6). Depois de identificarem a casa, os agentes foram à residência do publicitário nesta segunda-feira.

Bismark disse aos policiais que não tinha intenção de fazer mal algum ao presidente. O publicitário afirmou, ainda, que a publicação na rede social foi impensada. Os policiais tomaram o depoimento de Bismark e o liberaram na sequência.

Nesta terça-feira (8) o presidente começa uma pequena viagem pelo Nordeste, onde irá inaugurar o trecho final da transposição do rio São Francisco.

humana, a realidade complexa é muito menos apetecível do que mentiras e distorções feitas sob medida para confirmar nossas crenças e desejos.

Não fazer nada para tolher alguns excessos é permitir que a mentira e o extremismo tomem conta do debate público.

Por outro lado, tentar amordçar o debate, levando-o de volta ao status quo pré-redes, coloca-nos no caminho da distopia totalitária.

E não é que alguns, ao se depararem com uma imagem dessa distopia, gostaram do que viram? No mínimo, isso

deveria suscitar alguma reflexão interna. É na certeza de se travar uma guerra santa que se cometem os piores pecados. Ao dar mais poder aos indivíduos, as redes enfraqueceram as instituições que costumavam detê-lo: imprensa e academia. Mas isso não os tor-

na obsoletos. Torna-os ainda mais importantes, desde que saibam como se colocar. O papel da imprensa segue fundamental: buscar incansavelmente a objetividade dos fatos e, no campo das opiniões e interpretações desses fatos, permitir uma pluralidade de vozes com relevância e qualidade.

As próprias redes têm se preocupado em criar regras para coibir a desinformação. As medidas incluem desde ações mais brandas, como colar um aviso de conteúdo duvidoso, indicar links para informações confiáveis e apoiar agências de checagem, até atos mais duros como limitar o alcance de pos-

tags e perfis, deletar posts e até mesmo banir usuários.

Da mesma forma, a imprensa deve estar disposta a expandir sua pluralidade, desafiando que a Folha tem bancado. Um artigo longo ou uma entrevista em profundidade com questionamentos, pelos seus próprios formatos, convidam à reflexão e não ao extremismo, diferentemente de um meme, uma manchete enganosa ou um vídeo exaltado. Mais do que querer banir opiniões, aqueles indignados com más ideias têm que se habituar a respondê-las eficazmente, inclusive com ironia quando julgarem necessário.

1
GRÁTIS
o volume 2

COLEÇÃO FOLHA 
Os Pensadores

APENAS
R\$ 22,90
cada livro

**Pensadores
essenciais
para encontrar
respostas sobre
a vida, o mundo
e nós mesmos.**

Textos na
íntegra

Refletir sobre a ética, a justiça, a intolerância, o feminismo, o racismo e as liberdades individuais nunca foi tão necessário. Os maiores pensadores da humanidade estão reunidos em uma coleção para iluminar essas e outras questões e ajudar a entender o complexo mundo em que vivemos. São 30 volumes, com obras essenciais de cada autor e na íntegra, impressos em capa dura e papel especial. Colecione.

Peça já sua coleção completa

FRETE GRÁTIS | PAGUE EM ATÉ 12x sem juros no cartão

Ligue: 11 3224 3090 (Grande São Paulo)
ou 0800 775 8080 (outras localidades)
DE SEGUNDA A SÁBADO, EXCETO FERIADOS, DAS 8H ÀS 18H.

folha.com/pensadores

Compre por aqui
ESCANERE O QR CODE

FOLHA100

*OPORTUNIDADE NAS BANCAS DE SP, RJ, MG, PE E SC. PARA DEMAS ESTADOS, A VENDA SERÁ VIA SITE OU TELEFONE. FRETE GRÁTIS VALIDO PARA OS ESTADOS DE SP, RJ, MG E PE. PARA OUTRAS LOCALIDADES, CONSULTAR FOLHA.COM PARA CONDIÇÕES. COMPARAÇÃO DE PREÇOS: COMPARAÇÃO DE PREÇOS ENTRE A FOLHA E A BANCAS. COMPARAÇÃO DE PREÇOS ENTRE A FOLHA E A BANCAS. COMPARAÇÃO DE PREÇOS ENTRE A FOLHA E A BANCAS.

mundo

Uso de algemas em deportados cria impasse entre gestão Bolsonaro e EUA

Diplomacia americana ignora pedidos; brasileiros dizem ter sido amarrados na frente dos filhos

Raquel Lopes

BRASÍLIA. O uso de algemas em cidadãos brasileiros deportados dos EUA criou um impasse entre o governo de Jair Bolsonaro (PL) e o do americano Joe Biden. O Itamaraty vem fazendo, desde o final do ano passado, apelos para interromper a prática e melhorar o tratamento dado a pessoas enviadas de volta ao Brasil, mas tem sido ignorado. Há alguns meses, menores de idade também passaram a ser deportados pelos EUA.

Segundo depoimentos obtidos pela Folha, homens e mulheres foram algemados na frente dos filhos em um voo que chegou ao Brasil no dia 26 de janeiro. Alguns passageiros afirmaram à reportagem ter sofrido maus tratos e autoridades envolvidas no trâmite confirmaram que receberam relatos semelhantes. Apesar de o pedido para abolir o uso de algemas valer para todos os deportados, de acordo com pessoas envolvidas nessas operações, havia o entendimento de que integrantes de núcleos familiares, em especial, não passariam por essa situação.

Por meio de nota, o Itamaraty disse que a situação é vista com "grande preocupação". Segundo a pasta, o ministro Carlos França falou por telefone com o secretário de Estado americano Antony Blinken, no último dia 30 de janeiro para tratar do assunto.

Questionado pela reportagem sobre o uso de algemas em voos com crianças e adolescentes, o órgão disse que tomou conhecimento da ocorrência do fato. "O secretário Blinken respondeu que os protocolos de segurança nos voos não competem ao Departamento de Estado, mas demonstrou atenção ao pedido brasileiro. Informou, ainda, que seriam enviados esforços para que, em futuros voos de deportação, compostos unicamente por gru-

pos familiares, não haja uso de algemas", afirmou a pasta. Em setembro, como mostrou a Folha, o governo brasileiro havia pedido o fim do uso de algemas para os Estados Unidos como parte da negociação para o aumento na frequência desses voos para o Brasil, diante do maior volume de detidos na fronteira americana com o México.

Esses brasileiros são mandados de volta após tentativas de entrar nos EUA de maneira irregular. Por isso, esse tipo de migração não é considerada um crime pela lei brasileira, mas promovê-la a fim de obter lucro, sim — desde 2017. O lado brasileiro tem insistido que a maioria dos cidadãos que retornam não possui condenação criminal prévia e não representa ameaça à segurança da aeronave.

O assunto virou um impasse porque as autoridades americanas tem dito às brasileiras que entendem a preocupação, mas que não encontram uma

forma de resolver a questão. De acordo com informações repassadas ao Itamaraty, a utilização de algemas é uma prática dos Estados Unidos em voos do tipo para outros países, e, portanto, seria difícil abrir uma exceção. Alternativas estão sendo estudadas.

Deportado em 26 de janeiro, o vigilante Everton Júnior Liberato, 36, estava acompanhado da esposa e do filho de 7 anos no voo com 21 brasileiros vindos dos Estados Unidos, dos quais menores de idade — incluindo crianças de até 10 anos.

Ele conta que viajou em 5 de janeiro, com a esperança de conseguir melhorar de vida, e que foi separado da família ao entrar em solo americano. Ficando no mesmo dez dias sem ter notícias da mulher e do filho. No reencontro, relatou ter passado pelo constrangimento de ter sido algemado na frente da criança.

"Amarraram corrente na perna, na cintura, nas mãos. Meu filho me perguntou o que estavam fazendo comigo, chorou muito ao me ver algemado. He perguntava para eles [autoridades americanas] o que estavam fazendo e eles só riam", afirma a Folha. Segundo o relato, além das condições a que ele próprio foi submetido, descritas pelo vigilante como humilhantes, seu filho ainda passou mal e não recebeu assistência. Ele conta que todos os países que estavam no seu voo foram algemados, exceto quando a criança viajou acompanhada de apenas um gestor — houve casos de mães algemadas também.

A bacharel em direito Geisiane Vieira, 33, disse que o marido passou pela mesma situação ao lado do filho mais novo. "Não há o mínimo de dignidade. Faltam remédios para os adultos e para as crianças, elas não vão escutar, há maus tratos", diz. Geisiane havia chegado aos EUA no dia 16 de janeiro, com o marido e os filhos de 12 e 15 anos.

Histórias de abusos são recorrentes entre migrantes mantidos em centros de detenção após serem frustrada a passagem pela fronteira com o México. Com a ruim e falta de medicamentos e de itens de higiene são reclamações comuns.

A intenção das famílias era tentar entrar de forma irregular em solo americano pelo sistema chamado de "cai cai". Como crianças não podem permanecer sozinhas durante os procedimentos de repatriação ao Brasil ou aceitação pelo governo americano, por esse método os adultos ingressam nos Estados Unidos acompanhados de um parente menor de idade e se entregam às autoridades, o que lhes permite responder ao processo em liberdade.

Contrabandistas e "côlotes" viram essa regra como uma oportunidade de negócio. Procurada, a Embaixada dos EUA no Brasil não se manifestou até a noite de segunda (7). A quantidade de crianças e adolescentes enviadas de volta ao país no voo de 26 de janeiro foi inédita nesse tipo de operação. O avião com os 21 brasileiros partiu do estado do Arizona e chegou ao Aeroporto Internacional Tancredo Neves, em Confins (MG), por volta das 18h30.

O delegado da Polícia Federal Daniel Fantini disse que a corporação analisa os depoimentos colhidos. Há interesse da corporação em identificar quadras que promovam essa travessia irregular, quando também as circunstâncias em que as crianças deixaram o território brasileiro e as condições a que foram submetidas no processo de entrada nos EUA.

Além de policiais federais, representantes dos juizados da Infância e da Juventude de Belo Horizonte e de Pedro Leopoldo, cidade na região metropolitana da capital mineira, acompanharam o desembarque dos deportados.

Avança programa que facilita entrada de brasileiros nos EUA

Ricardo Della Cella

BRASÍLIA. O governo Jair Bolsonaro (PL) anunciou nesta segunda-feira (7) o início de uma nova etapa da participação do Brasil em um programa para permitir que viajan-

Global Entry

Quê é?

Facilita a entrada para viajantes com histórico de ingressos frequentes nos EUA, a negócios ou turismo. Ao chegarem a aeroportos americanos selecionados, os inscritos não precisam passar pela imigração nem enfrentar filas e vão direto a um quiosque ligado à iniciativa.

Quanto custa?

No momento do cadastro, os interessados devem pagar uma taxa de US\$ 100 (R\$ 525), que não serão reembolsados mesmo se a inscrição for negada pelos EUA. O pagamento é válido por cinco anos e, após esse período, é preciso renovar o passe.

Há um número mínimo ou máximo de viagens?

O site do Trusted Traveler Programs, no qual é necessário se inscrever para fazer parte do Global Entry, não estabelece limite nesse sentido, mas uma ferramenta que avalia o interessado no registro aponta três opções de viagens anuais: 0, 1 a 3 viagens ou mais de 4. A página ainda deixa claro que o programa está disponível apenas para um número limitado de cidadãos, sem especificar essa quantidade.

tes brasileiros frequentes tenham entrada facilitada nos Estados Unidos — sem isenção da necessidade de visto.

Em comunicado, a Casa Civil e outros ministérios informaram que cidadãos brasileiros interessados já podem fazer sua inscrição no Global Entry. Trata-se de uma iniciativa do governo americano voltada para viajantes com histórico de ingressos frequentes nos Estados Unidos, a negócios ou turismo.

Pelo programa, viajantes pré-aprovados e considerados confiáveis pelas autoridades americanas passam a ter a liberação agilizada no controle de passaportes, no momento da chegada aos Estados Unidos. Em aeroportos selecionados, os inscritos não passam pelos oficiais de imigração nem enfrentam filas.

A autorização é concedida pelo Serviço de Alfândega e Proteção das Fronteiras (CBP, na sigla em inglês). Depois da aprovação, os participantes do Global Entry precisam pagar uma taxa de US\$ 100 (R\$ 525). Atualmente, a países integram o programa de entrada facilitada, entre eles a Argentina e a Colômbia.

"Uma vez aprovados, poderão fazer o trâmite de ingresso nos EUA em aeroportos selecionados de maneira desburocratizada, por meio de quiosques automatizados", diz a nota, também assinada pelos ministérios da Justiça, das Relações Exteriores e da Economia.

"Trâmite simplificado para viajantes brasileiros nos EUA estimulará contatos empresariais, interação cooperativa e turismo, fortalecendo as relações entre os dois países".

Essa é a terceira fase do programa, em prática desde março de 2022, quando se iniciou um período de testes. Na época, os países incluíam apenas 20 convidados do Fórum de Atos Executivos Brasil-EUA na lista de pessoas autorizadas.

Seis meses depois, a parceria avançou para uma segunda etapa e 200 executivos foram incluídos no programa. Agora, de acordo com o Itamaraty, todos os cidadãos brasileiros interessados em fazer parte da iniciativa podem se inscrever para serem submetidos à análise das autoridades americanas.

Para iniciar o processo, deve-se seguir o passo a passo no site do CBP (bit.ly/3xcQF0f). Colaboração: Pedro Lima

Amarraram corrente na perna, na cintura, nas mãos. Meu filho me perguntou o que estavam fazendo comigo, chorou muito ao me ver algemado. Ele perguntava para eles o que estavam fazendo e eles só riam

Everton Júnior Liberato, brasileiro deportado dos EUA, sobre tratamento que recebeu das autoridades americanas



FUNERAL DE MENINO ENCONTRADO MORTO EM POÇO REÚNE CENTENAS DE PESSOAS NO MARROCOS

Entorno do menino Rayan, 51x100, no cemitério da vila de Ighran. No sábado (5), o garoto foi retirado já sem vida do buraco em que caiu na terça (1º), num resgate que parou o país

Folha/SEMP/AF



Os presidentes Emmanuel Macron (à esq.) e Vladimir Putin concedem entrevista coletiva no Kremlin, no centro de Moscou. SP/Reuters/APF

Os próximos dias serão decisivos e irão requerer discussões intensivas que nós iremos buscar juntos. Eu tenho certeza de que chegaremos a um resultado, mesmo que não seja fácil

Emmanuel Macron
presidente da França

Algumas de suas ideias, sobre as quais é provavelmente muito cedo para falar, eu acho que é bem possível que elas sejam a base de nossos próximos passos conjuntos

Vladimir Putin
presidente da Rússia

Macron e Putin abrem canal sobre Ucrânia

Biden renova ameaça a projeto de gás russo; separatistas do Donbass falam em guerra e pedem ajuda ao Kremlin

Igor Gielow

SÃO PAULO Em uma segunda-feira coadunada de momentos diplomáticos em torno da crise na Ucrânia, os presidentes Emmanuel Macron e Vladimir Putin disseram ter encontrado pontos em comum para negociar, enquanto Joe Biden ampliou suas ameaças a Rússia levando o vizinho.

As mesmas, por parte central e ausente até aqui da crise de segurança na Europa, os separatistas étnicos russos do leste da Ucrânia fizeram uma entrada dramática no noticiário, alertando sobre o risco de guerra e pedindo ajuda à Rússia para reforçar suas posições.

Tudo isso se desenrolou entre Moscou, onde o francês se encontrou com o russo, Washington, onde o presidente americano recebeu o primeiro-ministro alemão, Olaf Scholz, e Donetsk, onde falaram os rebeldes pró-Rússia.

O esforço mais vistoso foi o encenado no Grande Palácio do Kremlin, em Moscou,

Lá, Macron passou cerca de cinco horas no canto de uma mesa enorme falando com Putin — se imagem é tudo, o russo ganhou o dia ali. Em uma entrevista coletiva que ocorreu depois da meia-noite local, já na terça (8), ambos mantiveram um tom mais firme.

Putin realinou suas exigências para que a Otan (aliança militar ocidental) esqueça a Ucrânia e Macron, que o Ocidente não aceita tal demanda. Mas o russo falou em “algumas ideias” dos franceses que podem embasar “nossos passos conjuntos”, sem detalhar.

Macron, desesperado por algum tipo de vitória diplomática para mostrar ao eleitorado que deve disputar nas urnas em abril, falou o mesmo e disse que ambos iriam conversar mais após ele visitar Kiev nesta terça-feira (9).

Nenhuma mancha bombástica, mas a manutenção de canais abertos, com mais de 100 mil soldados russos ameaçando fazer valer a determinação de Putin de manter áreas-tampão entre si e o rival.

A França já faz parte do quarteto, com Ucrânia, Rússia e Alemanha, que tenta negociar a paz na Ucrânia desde 2014, quando Vladimir Putin anexou a Crimeia e deu apoio a separatistas no Donbass (leste do país) após a queda do governo pró-Moscou de Kiev.

Um tom menos positivo se viu nos EUA, onde Biden recebeu o novo premiê alemão, que está sob intensa pressão por sua instância ambígua em relação à crise. A Alemanha é a única das maiores economias europeias de gás natural russo, e está segurando a abertura de um novo megaduto para o produto desde o fim do ano.

Se a Rússia invadir a Ucrânia, não haverá Nord Stream 2”, disse Biden, citando o gasoduto central para os planos europeus de Putin. Scholz, questionado, apenas disse que EUA e Alemanha agiriam juntos.

Berlim tem se recusado a fornecer armamentos letais aos ucranianos, e vetou incursões com tais equipamentos do Reino Unido e Estados Unidos sobre seu território.

Omáximo que fez foi anunciar o envio de 330 soldados a mais para o contingente que lidera na Lituânia, uma das quatro bases da Otan (aliança militar ocidental) na linha de frente com a Rússia.

Sua ministra das Relações Exteriores, Annalena Baerbock, está em Kiev ouvindo o mesmo sermão do seu homólogo, Dmitri Kuleba, e o presidente Volodimir Zelenski.

Ambos os líderes disseram estar “trabalhando juntos” para deter o que chamam de agressão russa. Como Estados Unidos e Otan rechaçaram o ultimato de Putin, o discurso segue na linha de que Moscou não pode punir com sanções caso avance a linha militar.

Novidade mesmo veio de duas entrevistas à agência Reuters dadas por líderes separatistas do Donbass. Numa delas, o presidente da autoproclamada República Popular de Donetsk, baseada na cidade homônima no leste ucraniano, afirmou que “uma guerra total pode acontecer a qualquer momento”.

“Não descartamos ser forçados a nos virar para a Rússia caso a Ucrânia ultrapasse certos limites, apoiada pelo Ocidente”, disse Denis Puchlin.

As mesmas, por parte central e ausente até aqui da crise de segurança na Europa, os separatistas étnicos russos do leste da Ucrânia fizeram uma entrada dramática no noticiário, alertando sobre o risco de guerra e pedindo ajuda à Rússia para reforçar suas posições.

Putin nega o intento de invadir o vizinho, mas emitiu um ultimato com seus termos.

Até aqui, o líder russo não jogou com essa carta na crise. Ele elogiou o apelo feito por Andrei Turchak, um dos líderes da Rússia Unida, partido de sustentação de Putin, para que os russos enviassem tropas e reforços para o Donbass.

“Mas isso não é alarmismo”. É em Bruxelas, o secretário-geral da Otan, o norueguês Jens Stoltenberg, manteve a fervera em alta dizendo que os reforços temporários de defesa no Leste Europeu podem se tornar permanentes. “Estamos considerando”.

Quer o fim da expansão da Otan (aliança militar ocidental), a começar pela renúncia de uma adesão ucraniana.

Desde 2014, é certo que forças russas operam na região e entram com equipamentos pesados, embora não seja dito publicamente de forma explícita. Até aqui, cerca de 700 mil passaportes russos foram emitidos para moradores da região, aumentando o laço com Moscou e reforçando o argumento de Putin de defesa de russos fora da Rússia.

China confina 3,6 mi após surto de Covid, e Hong Kong teme alta

PEQUIM | REUTERS A China voltou a confinar uma cidade após identificar um surto local de coronavírus. Desta vez, Baise, na fronteira com o Vietnã, enfrentará restrições mais duras na tentativa de atender à estratégia de Covid zero adotada no país. Cerca de 3,6 milhões de pessoas serão submetidos pela medida anunciada nesta segunda-feira (7).

A decisão foi tomada após a cidade relatar uma infecção por coronavírus no sábado (5), em um mercado que havia retomado recentemente à visita. Autoridades determinaram, então, uma força-tarefa de testes em massa em mais de 27 mil residentes do condado de Dehao, onde mora o paciente infectado. Até esta segunda, 99 casos de Covid-19 haviam sido confirmados.

O confinamento da cidade exige que os moradores permaneçam em casa e evitem viagens desnecessárias. O governo local suspendeu o funcionamento de negócios não essenciais, o transporte público e a vida presencial às escolas. Trabalhadores de áreas essenciais, como o setor

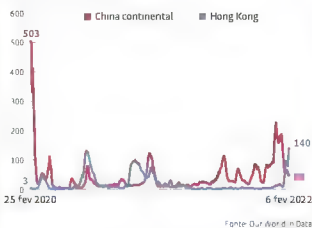
de saúde, precisarão de passes especiais para transitar.

O surto, pequeno se comparado aos padrões observados da pandemia, ameaça a estratégia de eliminar a presença do coronavírus adotada pelo regime liderado por Xi Jinping, em vez de conviver com o vírus em níveis mais baixos de disseminação. Mas a preocupação também cresce em razão de outros dois fatores: a realização dos Jogos Olímpicos de Inverno, em Pequim, e a celebração do Ano Novo chinês, na próxima semana.

A competição esportiva, que teve início na sexta (4), vai até 20 de fevereiro, e dezenas de envolvidos nos jogos tiveram Covid, ainda que as infecções não tenham afetado o evento. O comitê organizador informou que 24 novos casos foram registrados entre trabalhadores da competição neste domingo (6), além de 13 infecções no chamado círculo fechado — sendo os entre atletas ou membros de equipes. Já o Ano Novo chinês, maior festival do calendário do país, teve início no último dia 6 e preocupa porque provoca viagens domésticas em mas-

Pandemia na China e em Hong Kong

Média móvel de novos casos



sa. Antes do início da celebração, 260 milhões de pessoas já haviam se deslocado para encontrar familiares e amigos, e o regime prevê que, nas próximas semanas, 1,2 bilhão de viagens sejam realizadas, aumento de 66% em relação a 2021. Em meados de janeiro, 20 milhões de pessoas chegaram a estar confinadas na China, quando três cidades — Xi'an,

Anyang e Yuzhou — estavam sob lockdown. Xi'an, a primeira das três a entrar no regime rígido de confinamento, foi bloqueada em 22 de dezembro e reabriu pouco mais de uma semana depois, no último dia 24. Segundo Pang Jun, vice-diretor da comissão regional de saúde de Baise, dois dos casos identificados na cidade são da variante ômicron que, as-

sim como em outros países, levou à alta de casos na China. Ele não informou, porém, qual a cepa responsável pelas demais infecções registradas.

O confinamento desperta ainda preocupação com os efeitos econômicos. Um guia turístico de Guangxi, onde Baise está localizada, disse à agência Reuters que sua cidade é basicamente zero. Com a impossibilidade de aceitar novos grupos de viagem, ele teme que seriam os próximos meses, sujeitos a novos lockdowns e surtos da doença.

É também na região de Guangxi, na fronteira sino-vietnamita, que pode ser observada outra estratégia chinesa na contenção da crise sanitária: a construção de uma barreira, com uso de arame farpado e forte policiamento, para reduzir — ou, em alguns casos, impedir — a entrada de cidadãos estrangeiros. Pelo menos 49 quilômetros já foram erguidos, especialmente na fronteira com o Vietnã e na fronteira sul, com Myanmar, de acordo com reportagem do jornal americano The Wall Street Journal.

A parte continental da China relata, ao todo, 45 casos de transmissão local de Covid neste domingo, acima dos 15 de sábado. Não foram registradas novas mortes, e o número oficial de óbitos permanece inalterado em 4.636.

Situação diferente é observada em Hong Kong, território autônomo que viu crescer a influência do regime chinês ao longo dos últimos três anos. A ex-colônia britânica registrou recorde de 614 novos casos desde o início de Covid nesta segunda, e as autoridades locais de saúde dizem esperar que as infecções cresçam nos próximos dias.

O aumento de infecções deve levar as autoridades a aprovarem mais restrições sanitárias em reunião nesta terça (8). Já está previsto que, a partir de 9 de fevereiro, a região passará a adotar o passaporte vacinal, de modo que os residentes terão de apresentar comprovante de vacinação para entrar em locais públicos lotados. O governo poderá estender a exigência do passe também em shoppings e no transporte público.

Apex estende voos em classe executiva a funcionários e convidados

Direito era restrito a integrantes da diretoria-executiva e conselheiros; mudança ocorreu dois dias após governo liberar passagens mais caras

Marcelo Rocha

BRASÍLIA A Apex (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos) seguiu o exemplo do governo Jair Bolsonaro (PL) e ampliou a possibilidade de voos em classe executiva nas viagens internacionais realizadas por funcionários e convidados.

Entre os convidados, estão representantes de setores produtivos no Brasil e no estrangeiro, além de congressistas.

Antes, a benesse se restringia a integrantes da diretoria-executiva e dos conselhos de planejamento e fiscal. Incluía, em alguns casos, quem os acompanhasse.

A agência é uma pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos. Vinculada ao Ministério das Relações Exteriores, tem receita total prevista de R\$ 1,4 bilhão em 2022 e está sujeita à influência política. O órgão recebe recursos por meio de contratos de gestão, tanto dinheiro público quanto privado. A Agência é fiscalizada pelo TCU (Tribunal do Controle da União). Tem 10 funcionários, incluindo diretores.

Procurada pela Folha, a Apex disse que a "revisão das normativas internas de viagens corporativas é procedimento administrativo comum, feita em bases regulares".

A mudança na compra de bilhetes aéreos atende principalmente às missões a Dubai, hoje o principal destino dos promotores comerciais.

De acordo com números da Apex, a cifra de dois Embraer Arabes concentrou mais da metade dos deslocamentos ao exterior em 2020, principalmente em razão da Expo Dubai. A provisão é que o fluxo de viagens ao local ainda em razão do evento siga forte no primeiro semestre deste ano.

Uma planilha disponibilizada pela agência mostra que no ano passado as viagens internacionais custaram R\$ 7,4 milhões com diárias, hospedagem e passagens. Os bilhetes aéreos responderam por 28% (R\$ 2,1 milhões) da despesa. As novas regras terão impacto financeiro.

Em 12 de janeiro, Bolsonaro assinou decreto autorizando que o governo compre bilhetes de classe executiva, durante missões oficiais, em voos internacionais para ministros e representantes de cargos de chefia. A autorização vale para trechos superiores a sete horas. Dois dias depois, foi a vez de

a Apex publicar instrução normativa para atualizar suas regras sobre a emissão de bilhetes aéreos e pagamento de diárias, que foram reavaliadas inclusive em moeda estrangeira.

Dirigentes da agência já usufruíam do benefício de viajar na área mais cara dos aviões, independentemente do tempo de duração dos voos.

As alterações realizadas dão a gerentes e convidados da diretoria-executiva o direito a fazer os deslocamentos na classe executiva em voos com mais de sete horas, excluindo o tempo de escalas e conexões. Funcionários e os convidados das gerências passam a contar com o benefício em viagens superiores a 14 horas, desconsideradas as escalas e conexões. A partir de São Paulo, por exemplo, o voo sem escalas com destino a Dubai se enquadra na categoria.

Outra inovação que contempla o mesmo grupo é para os voos com duração entre 7 e 14 horas. A classe executiva não está liberada, mas poderá ser adquirida ao assento diferenciado da agência, com uma redução de 50% do valor da tarifa original. Antes, a regra tinha validade para viagens superiores a 12 horas.

A divulgação de informações sobre as viagens corporativas no interesse da Apex é algo bem recente. Portaria conjunta do Ministério da Economia e TCU de fevereiro de 2021 tornou obrigatória a divulgação dos dados.

Uma única planilha sobre o tema está, portanto, disponibilizada para consulta. Ela contempla informações sobre os últimos 12 meses.

Entre os dados, 40 deslocamentos catalogados aparecem nomes de congressistas, alguns mais de uma vez, segundo o documento, caso do líder do Republicanos na Câmara, Hugo Motta (PBR), e da deputada bolsonarista Aline Siqueira (PSL-PR).

O levantamento indica que Motta foi convidado para viagens a Berlim e a Houston (EUA), em um total de R\$ 59 mil em despesas para R\$ 38 mil.

No caso de Siqueira, os registros mostram viagens à Alemanha para evento na cidade de Colônia, e ao México. A despesa total é de R\$ 50,4 mil.

Procurados via assessores, não houve resposta até a publicação deste texto.

Constam dois registros em nome do líder do MDB na Câmara, Isnaldo Bulhões Jr. (AL),

+ QUE É A APEX Agência de promoção do comércio exterior, a Apex (Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos) é uma pessoa jurídica de direito privado sem fins lucrativos. Vinculada ao Ministério das Relações Exteriores, tem receita total prevista de R\$ 1,4 bilhão em 2022

um para a Alemanha e outro para os EUA.

Bulhões disse que não pôde ir aos EUA, mas confirmou a ida à Europa, onde participou de eventos em Berlim e Colônia, ao custo de R\$ 38,6 mil.

O deputado afirmou ainda que a iniciativa da Apex de levar representantes do Congresso e dos setores produtivos para outros países traz benefícios ao Brasil.

A presença dos setores (da economia) é muito importante, assim como a de representantes do Parlamento. As coisas ocorrem na política", disse o deputado, que acompanhou evento de agronegócios e participou de discussões da agenda ambiental.

No caso da Expo Dubai, megaprojeto que é realizado desde 2022 na cidade de Oriente Médio, a agência informa na planilha que custeou a ida de uma equipe da TV Record, cuja direção mantém boa relação com o Palácio do Planalto.

A reportagem entrou em contato com a emissora, mas não houve resposta.

Em nota, a Apex afirmou que a atualização das regras para emissão de passagens e revisão dos valores de diárias é procedimento correto.

A agência segue e continuará seguindo as determinações legais", afirmou no comunicado.

Sob os novos convidados que viajam à custa da agência, informou que é seu papel promover negócios brasileiros no exterior, seja em feiras internacionais, seja em rodadas de negócios, entre outros eventos.

"Isso inclui construir agendas com parceiros institucionais estratégicos em eventos organizados pela agência".

Sob Bolsonaro, a Apex já trocou de presidente três vezes e passou por sucessivas crises por causa de interferências ideológicas e políticas. É usada para acomodar gente ligada ao presidente ou aliados desde o início do governo.

Em novembro passado, revelou a Folha, o chefe do Executivo mandou que a Apex abrisse uma vaga para seu médico no escritório de Miami.

Assessor especial na Presidência, Ricardo Camanhan quer se mudar para os EUA por razões familiares. Sem trabalho, a obtenção de um visto de residência seria mais difícil. A reportagem é chefiada pelo general da reserva Mauro César Lourença Cid, ex-colega da Academia das Agulhas Negras.

PAINEL S.A.

Sala de aula

Alunos da FGV que discordaram da decisão da escola de postergar o início das aulas presenciais para o dia 14 de março vão levar a queixa à diretoria da instituição para pressionar por retorno. Na semana passada, a faculdade anunciou que manterá as atividades online neste início de ano, mas a notícia não foi bem recebida entre alunos, que agora protestam e pedem diálogo à direção para discutir melhor o assunto. Procurada pelo PAINEL S.A., a FGV não se manifestou.

CANETA Para Gabriel Domingues, presidente do DAGV, que representa os estudantes das escolas de administração e economia em SP deveria ter havido algum preparo para aulas híbridas, que dessem alternativa, neste momento da pandemia, a fim de não fazer os estudos remotos on-line. Ele diz que se reuniria com a direção da FGV nesta terça (8) para tratar do caso.

NÃO, OBRIGADO O ex-presidente Lula declinou do convite feito pelo PTG Pactual para palestrar no CEO Conference Brasil 2022, evento anual do banco de André Esteves que vai reunir outros pré-candidatos à Presidência. Segundo o PTG, já estão confirmadas as presenças do presidente Jair Bolsonaro (PL) e do governador João Doria (PSDB), além de Ciro Gomes (PT) e Sergio Moro (Podemos).

DISTÂNCIA O evento, que será online, está marcado para os dias 22 e 23 de fevereiro. A negativa de Lula gera ansiedade no mercado financeiro, que aguarda as sinalizações do ex-presidente para os rumos da economia em uma eventual nova gestão petista. Lula tem afirmado que possui empreendimentos ao seu lado.

CONCRETO Duas entidades empresariais de peso no setor da construção embarcaram no movimento de repúdio ao vídeo sexista que culpou mulheres pelo desabamento da obra do metrô que abriu a cratera na marginal Tietê em São Paulo.

PA "Os autores do vídeo e aqueles que o divulgaram receberam o total de 100 mil reais em um preloco por expressarem um preconceito absurdo", disse o Sinduscon-SP em nota. O Secovi-SP expressou seu "total repúdio à estal veiculação" e afirmou que "discriminação é atraso civilizatório". Eles se somam a manifestações de outras entidades como a CBIC e o CREA-SP.

TUÍDO A onda de manifestações de repúdio no setor tem um peso político porque uma das pedidas que ajudaram a turbinar a divulgação do vídeo sexista nas redes sociais, foi o deputado federal Edmar Bolsonaro (PSL-SP), filho do presidente Jair Bolsonaro.

Joana Cunha

joana@cunha.com.br

MÃOZINHA O canteiro de obra da usina hidrelétrica Rio São João, no rio Canoas, em Santa Catarina, saltou de cerca aos trabalhadores em janeiro de 2021, antes do início da vacinação contra a Covid, para mais de 970 no mês passado.

TURBINA O empurrão da mão de obra é uma tentativa da Nova Engenharia, responsável pela obra, de adiantar a entrega das turbinas para o início à operação comercial de duas das três unidades geradoras em maio.

CONRETEZA Com capacidade instalada de 141,9 MW, o empreendimento deve gerar energia equivalente ao consumo residencial de Florianópolis, Joinville, Chapecó e Blumenau, segundo a empresa. Após a largada, a companhia também tem planos para expandir São Roque com geração solar em suas hidrelétricas.

ALALA À suspensão das festas de Carnaval de rua e postergação dos desfiles em São Paulo, o Rio de Janeiro contribuiu para a realização de dois camavares de festas particulares. A estimativa é da Ingressa, que vende bilhetes para eventos privados.

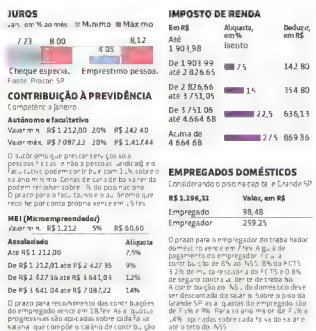
REPÍQUE Bruno Sapiezka, executivo da Brasa, afirma que os promotores decidiram manter suas programações no feriado de fevereiro, mas o setor também vai apostar em uma obra-dinâmica na nova data, em abril. Por ora, com a incerteza sobre os rumos da pandemia, a venda de ingressos para o Carnaval no calendário original persiste.

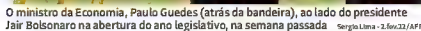
CAUBRAGEM A distribuidora de combustíveis da região Sul Rodolfo começa a operar no Sul deste nos próximos dias com o acréscimo de 40 postos no estado de São Paulo. A rede, que tem 1.500 postos em cidades de Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, planeja alargar suas novas unidades no país ainda neste ano.

TROCA DE LÉO As 16 unidades de rede são abertas no primeiro trimestre, a primeira delas, nesta sexta (11), na zona leste da capital paulista. Depois, a Rodolfo pretende expandir as operações em Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso.

com Andressa Motter e Ana Paula Branco

INDICADORES





Minorias querem o poder, mas não conseguem

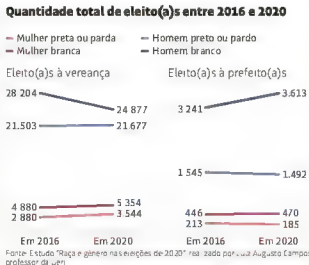
Instituições representativas não estão sendo suficientes para mitigar a desigualdade política

Michael França

É acadêmico de teoria econômica na Universidade de São Paulo, foi pesquisador visitante na Universidade Columbia e é pesquisador do Insep

Iniquidade socioeconômica se reflete em desigualdade política. A desigualdade também tende a ser viciosa. Isso tem o potencial de criar um círculo vicioso, em que a manutenção e a acumulação do poder em determinados grupos se retroalimentam ao longo do tempo e geram consideráveis desafios para o desenvolvimento de países desiguais. Esse é um retrato do Brasil. Em hora parte do sistema político tem sido capturado para atender os interesses de uma pequena parcela da sociedade e há uma sobre-representação de homens brancos de alta renda, tem se ampliado nas últimas décadas

o percentual de candidaturas de mulheres, negros e indivíduos com origens desfavorecidas. Entretanto, quer não é o poder. A pretensão política das minorias não tem se refletido, na mesma magnitude, em uma realidade. Apesar do significativo avanço de suas candidaturas, uma pequena parcela tem conseguido se eleger. Nas eleições legislativas de 2022, houve um tímido progresso na representatividade. De acordo com estudo realizado por Luiz Augusto Campos, professor da Uerj, a quantidade total de vencedores(as) eleitos(as) formada por homens negros e pelas mulheres



brancas e negras se ampliou. No entanto, o mesmo não pode ser dito sobre as eleições para o Executivo: o domínio dos homens brancos nas prefeituras avançou. O sucesso eleitoral de cada grupo populacional depende de um conjunto de fatores. Vieses dos eleitores em relação às minorias representam uma possibilidade que tem sido verificada por estudos da área. A menor disponibilidade de conexões políticas e tempo para dedicar às campanhas representam outros fatores que diminuem as chances das minorias se elegem. Contudo, estudos mostram que o acesso a recursos de campanha e os patrimônios pessoais costumam ser determinantes nos resultados de uma eleição. Grupos com mais recursos obtêm de forma sistemática vantagens na corrida pelo poder. Desse modo, instituições representativas não estão sendo suficientes para mitigar a desigualdade política. Em outras palavras, a igualdade nos direitos políticos não está garantindo a igualdade na influência dos grupos governamentais entre os distintos grupos populacionais.

Tal fato cria um padrão curioso: as minorias tendem a ser o foco de um amplo conjunto de políticas públicas, porém estão muito distantes dos espaços decisórios do Estado. Isso pode não só afetar a efetividade dessas políticas como também a própria determinação dos grupos a se perpetuar no poder. Nesse contexto, sabe-se que os interesses individuais costumam ficar acima do coletivo. Assim, é difícil imaginar avanços sociais substantivos em um país em que o Estado foi lotado por uma parcela da elite que tende a ter pouco apreço pelas camadas desfavorecidas. Sem uma reforma política em que se procure incluir as minorias nos espaços de decisão, parece pouco o provável que qualquer governo, por mais bonafide, intercorrido que seja, conseguirá diminuir de forma estrutural as desigualdades.

O texto é uma homenagem à música "Quando o Povo Entrar" de um dos curtos usados em "Brasão" de Carlos Cavalcante, interpretado por Beth Carvalho.

1. Daniel Samuel Pessoa | 2. Marco Desvany, Ronaldo Lemos | 3. Michael França, Cecília Machado | 4. Heio Helio Bratão | 5. Qui Oda Bento, Solange Srouf | 6. Nelson Barbosa | 7. Marcos Mendes, Rodrigo Zedden



Abastecimento em posto Montpellier, no sul da França, governo dá cheque de € 100 para os que ganham menos de € 2.000 encherem o tanque de combustível. Foto: Getty Images / 18.04.2022

Inflação é recorde na UE, e países bancam combustível

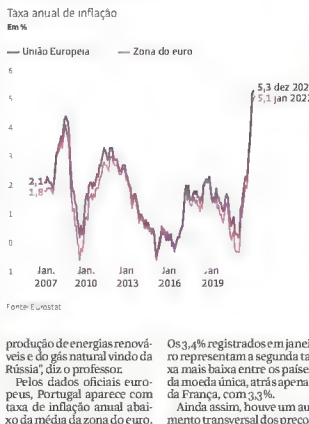
Índice vai a 5,1% em 12 meses na zona do euro, sob impacto de energia e alimento

Giuliana Miranda

LISBOA Eletricidade, comida, roupas, combustíveis e serviços: nos últimos 12 meses, os preços subiram em quase tudo na União Europeia. Na zona do euro, a taxa de inflação anual — que compara o resultado de um mês com o do mesmo período do ano anterior — atinge o recorde de 5,1% em janeiro, de acordo com o Eurostat (escritório de estatísticas da UE). É o maior valor desde o início da série histórica, em 1997. Embora todos os Estados membros tenham sido afetados, há diferenças regionais significativas, com Lituânia (12,2%), Estônia (11,4%), Bélgica (8,5%) e Eslováquia (8,5%) registrando as taxas mais altas no período. Pascal Donohoe, presidente do Ecofin (conselho que reúne os ministros da Economia e das Finanças da zona do euro), reconheceu que "a alta da inflação afeta o crescimento e o poder de compra dos rendimentos dos cidadãos". Donohoe, que é ministro das Finanças da Irlanda, pon-

derou que, por outro lado, o aumento de preços ainda não provocou danos estruturais profundos. "Não há até agora sinais de efeitos de segunda ordem significativos decorrentes de aumentos salariais, e a inflação deverá começar a diminuir neste ano e, posteriormente, cair abaixo da meta de 2% em 2023", disse, em declaração no Parlamento Europeu. O aumento de preços na Europa foi impulsionado sobretudo pelo encarecimento dos custos de energia — eletricidade, gás e petróleo —, que também impactam os custos em outros setores, como alimentos e transportes. Professor da Nova SBE (faculdade de economia e negócios da Universidade Nova de Lisboa), Pedro Brinca diz que a transição energética centrada no continente europeu, aliada a questões geopolíticas, tem grande peso sobre o encarecimento da energia. "Na Europa, nós estamos acabando progressivamente com as centrais a carvão e com as centrais nucleares. Isso aumenta a nossa dependência da

Inflação na Europa preocupa



Aumentou a luz, aumentou o gás e aumentou a alimentação. Agora, nós vamos ao supermercado com € 20 [R\$ 120] e não trazemos nada praticamente

Malvina Matos, funcionária de hospital na região metropolitana de Lisboa que ganha o salário mínimo, de € 705 (R\$ 430)

em quase todos os setores no país. Os efeitos atingiram particularmente a crescente fatia da população que recebe o salário mínimo. Recentemente reajustada para € 705 (R\$ 430), a remuneração base portuguesa permanece como uma das mais baixas da Europa Ocidental. Funcionária de um hospital na região metropolitana de Lisboa, Malvina Matos, 41, faz parte do contingente dos cerca de 25% dos trabalhadores portugueses que recebem o salário mínimo. "Aumentou a luz, aumentou o gás e aumentou a alimentação. Agora, nós vamos ao supermercado com € 20 [R\$ 120] e não trazemos nada praticamente", diz ela, que vive sozinha com as duas filhas pequenas. Alta dos preços fez a família cortar produtos não essenciais no supermercado. "Roupas, com exceção das intimas, eu também já não compro há mais de um ano", diz. Entre as principais dificuldades relacionadas está a incapacidade de lidar com um eventual imprevisto. "Há meses que são muito complicados, porque, se houver um percalço, é um dinheiro extra que tem de sair de algum lugar". Os impactos da inflação também já afetam a classe média. Em Portugal há pouco mais de três anos, o publicitário lusitano brasileiro Henrique Lima, 32, desistiu da ideia de comprar um carro novo em meados de 2021. Agora, diz que já não sabe nem se irá partir para um usado. "Os preços subiram muito de 2020 para cá. Acho que o mercado português de usados está fora da realidade. É irreversível cobrar mais caro [R\$ 60 mil] por um carro com 12 anos e mais de 120 mil quilômetros rodados". Afm do efeito dominó dos custos associados à produção, a indústria automotiva também é particularmente atingida pela escassez global de semicondutores, em razão da queda da cadeia de produção com a pandemia. Com preços mais altos e longas esperas para conseguir veículos zero-quilômetro, o valor

de comercialização dos semicondutores disparou. A Associação Nacional do Ramo Automotivo estima que o preço dos carros usados em Portugal tenha aumentado cerca de 10% no último ano. Assim como no resto da Europa, os combustíveis também apresentaram forte valorização em Portugal. Impulsionado pela disparada de preços do barril de petróleo no mercado internacional, o preço da gasolina aumentou 19%, enquanto o do diesel subiu 21% em 2021. A pressão fez com que o governo aplicasse, desde novembro, um desconto extraordinário de € 0,10 (R\$ 0,61) por litro de combustível abastecido. A medida é limitada a 50 litros anuais, o que equivale a um desconto máximo de € 5 (R\$ 30,51) por mês. Na França, o governo também adotou uma política de reembolso à população em razão da alta dos combustíveis. Quem recebe menos de € 2.000 líquidos (cerca R\$ 12,2 mil) teve direito a um cheque de € 120 (R\$ 740) para ajudar com o aumento da despesa na hora de abastecer. Diante do aumento de preços em todo o continente, a inflação também na Zona do Euro, Christine Lagarde, mudou o tom do discurso em relação a um eventual aumento de juros na UE e não descartou esta possibilidade. Lagarde, no entanto, afirmou que uma decisão mais aprofundada sobre o superinflacionário na Europa só será analisada em março. Nas últimas semanas, bancos centrais de todo o mundo vêm apertando a política monetária. Em janeiro, o Fed (reserva federal dos Estados Unidos) e o Banco Central dos EUA) indicou que em março começaria a elevar os juros para debelar a inflação, que bateu 7% no ano passado, maior taxa desde 1982. Na quinta-feira (3), foi a vez de o Reino Unido anunciar um aumento na taxa. Até agora, o BCE optou por uma posição de cautela, reiterando que a pressão inflacionária na União Europeia tem características diferentes das demais.

Doria garante matrícula, mas adia o início das aulas

Para zerar a fila de espera no ensino fundamental, SP cria salas emergenciais

Carlos Petrócio e
Isabela Palhares

SÃO PAULO A Prefeitura de São Paulo anunciou a criação de cerca de 890 vagas, desde a última sexta-feira (4), para alunos do primeiro ano do ensino fundamental. Essas crianças serão matriculadas em classes que tinham lugares ociosos.

Na manhã desta segunda (7), Elizabeth Souza foi até a escola estadual Eugênio Zerbini, no Balméria São Francisco, na zona sul, para matricular o filho Anderson, 6, e soube que as aulas só vão começar no dia 14. A mesma informação consta, por escrito, em um bilhete nomeado como "Matrícula Suplementar".

"Segundo eles [funcionários do colégio], as aulas não vão começar amanhã [sexta] porque foi feita uma sala emergencial para suprir a necessidade de algumas crianças", diz Elizabeth. "Foi um alívio garantir vagas, mas não tenho certeza se vai ter um professor no dia 14 [de fevereiro]", completa a mãe de Anderson. O ano letivo não será iniciado no dia 14. Na municipal, nesta segunda (8).

Gicélia Ferreira dos Santos também convive com a incerteza. Ela foi convocada para matricular o filho, Antônio, 6, na escola estadual Parque Savoy City II, na zona leste.

"Fiz a matrícula hoje [segunda], graças a Deus, só que

me disseram que estão arrumando a sala de aula, esperando chegar as carteiras. Quando estiver tudo pronto, organizado, vão me ligar para começar", diz Gicélia.

Outro problema tem sido a distância entre a escola e a residência da família. Daniela Virgínia Rosa de Santana encontrou uma vaga para o filho Pedro, 6, na escola estadual Professor Ivo Bandoni, a 2,5 km de sua casa no Jardim Santa Terezinha, na zona leste. Pelo Google Maps, o trajeto feito a pé levará 30 minutos.

"Há uma escola aqui no bairro, chego com menos de 15 minutos. Apena [transporte] vai me cobrar R\$ 430 [mensal]", disse Daniela, que foi à Diretoria de Ensino Região Leste a pedir transferência.

Os governos de Ricardo Nunes (MDB) e Doria dizem que crianças matriculadas a mais de dois quilômetros de onde moram têm direito ao transporte escolar gratuito.

Em algumas instituições, espaços como salas de informática e de leitura estão sendo improvisados para receber os alunos. Cada turma de 1º ano, segundo a lei municipal, pode ter no máximo 30 alunos por sala. A pasta estadual passou a atender 33 estudantes por turma.

As secretarias estadual e municipal têm tomado medidas emergenciais para ampliar a oferta de vagas. Na última

quinta, reportagem da Folha mostrou que até 14 mil crianças da capital paulista chegaram a ficar na fila de espera por uma matrícula no 1º ano do ensino fundamental.

Na sexta, o chefe de gabinete da Secretaria Estadual de Educação, Henrique Pimentel, disse que havia 4.200 crianças sem matrícula. Nesta segunda (7), a TV Globo disse haver 5.200 alunos e atribuiu o dado ao governo estadual.

A Folha perguntou à Secretaria da Educação Estadual sobre a diferença entre os números, e também o que seria feito para alunos que moram a mais de 2 km da escola não perderem aulas; em quantas classes o início da aula foi adiado; se haverá reposição de aulas adiadas; e a previsão de quando a fila de espera será zerada.

Em texto encaminhado à reportagem, a pasta disse que, nos últimos quatro dias (4, 5, 6 e 7), criou 3.720 mil vagas para o 1º ano do ensino fundamental da capital. Afirma, ainda, que "continuará abrindo vagas até que todo o déficit seja suprimido, seja abrindo novas turmas em espaços como salas de leitura e informática ou aumentando o módulo de atendimento por turma em 12%, passando de 33 para 37 alunos por sala".

A gestão de Doria atende a 62% das vagas do 1º ano, e o restante é responsabilidade da prefeitura. Em 2021, a re-

Fiz a matrícula hoje [segunda], graças a Deus, só que me disseram que estão arrumando a sala de aula, esperando chegar as carteiras. Quando estiver tudo pronto, organizado, vão me ligar para começar

Gicélia Ferreira dos Santos
mãe de aluno

de estadual finalizou o ano letivo com 68.666 alunos matriculados nesta etapa. Hoje, já são 72.235 alunos matriculados, ou seja, 5.569 vagas a mais na rede estadual de 2021 para o início de 2022, diz a pasta.

O órgão diz ainda que houve um aumento na demanda em razão de crianças que "não estavam sequer matriculadas no ensino infantil (creches e pré-escolas)" e agora no 1º ano do ensino fundamental buscaram matrículas na rede pública, o que gerou a necessidade de novas vagas, além da migração da rede particular.

Sarah, filha de Cássio Horta do Ribeiro, que mora a uma quadra da escola estadual Professora Lúcia Sabino, no Jardim Riviera, zona sul, não sabe até quando ficará sem estudar. Na pré-escola, frequentou o CEU Guarapiranga.

"Eu fui na [escola] La Sabino e CEU Guarapiranga" e a resposta é que não tem vaga, não tem sala, não tem professores. E não temos perspectivas", desabafou.

Sobre o prejuízo desses alunos com adiamento do início do ano letivo, a secretaria estadual diz que "nas primeiras semanas as escolas estão focadas em atividades de acolhimento, ainda assim, todo conteúdo perdido será reposto".

Já a secretaria municipal respondeu, em nota, que "apim o número de matrículas para o primeiro ano do ensino fundamental". A pasta afirma que até a última sexta (4) o número de turmas é de 1.081 —no ano passado, foram 1.041.

Para apurar o déficit de vagas, o Ministério Público e o Núcleo Especializado da Infância e Juventude, da Defensoria Pública do Estado, abriram procedimento.

Opromotor João Paulo Faustini, do Gedeu (Grupo de Atuação Especial de Educa-

ção) do Ministério Público, determinou que as secretarias municipal e estadual solicitem em dez dias a falta de vagas para milhares de crianças na capital paulista.

Para as famílias que estão desde dezembro em busca de vaga para seus filhos, a explicação dada por servidores das escolas é que o déficit é consequência da forma com que o governo Doria atende o número de escolas estaduais em tempo integral, sem articulação com a prefeitura, sob gestão Ricardo Nunes (MDB).

O governo estadual nega que o déficit seja provocado pelo programa ou por falta de articulação e atribui a situação à migração de alunos de escolas particulares para a rede pública, por causa da crise econômica. Apesar de apontar que o problema é causado por fatores financeiros das famílias, o estado não nega que a migração não provocou falta de vagas em outras séries.

Tanto Doria quanto Nunes dizem que nenhum aluno foi largado sem acesso às escolas na mais rica cidade do país. "Para tranquilizar desde já os pais dessas crianças, elas estarão ainda neste primeiro semestre em acesso às escolas em entrevista coletiva no sábado (5).

Nunes insiste que o problema não é exclusivo da Prefeitura. "Existem algumas possibilidades, e uma delas é a crise econômica onde muitos alunos saíram da rede privada e migraram para a rede pública. Posso garantir que, por parte da prefeitura, fomos acompanhando o número de vagas e, ainda, ampliamos", afirmou o prefeito nesta segunda (7).

Em nota, a secretaria municipal diz que, até outubro, houve aumento de 34% do número de alunos de todos os ciclos, transferidos da rede privada para a municipal.

SP matriculará 890 crianças em vagas ociosas para o 1º ano

Fábio Pescarini

SÃO PAULO A Prefeitura de São Paulo anunciou a criação de cerca de 890 vagas, desde a última sexta-feira (4), para alunos do primeiro ano do ensino fundamental. Essas crianças serão matriculadas em classes que tinham lugares ociosos.

Na semana passada, reportagem publicada pela Folha mostrou que cerca de 4 mil crianças estão na fila por uma matrícula no 1º ano do ensino fundamental.

O problema ocorre após o governo João Doria (PSDB) ampliar o número de escolas estaduais em tempo integral, o que teria reduzido o número de vagas em algumas unidades, sendo criticado com a prefeitura, sob gestão Ricardo Nunes (MDB).

Na última sexta, a Secretaria Estadual da Educação disse ter registrado 4.200 crianças na espera por vagas. Em entrevista à TV Globo nesta segunda (7), Henrique Pimentel, chefe de gabinete da pasta, disse que moram a mais de 2 km de distância da escola com vagas disponibilizadas terão direito a TGE (Transporte Escolar Gratuito), segundo a lei municipal.

Na semana passada, Nunes afirmou à Folha que foram criadas 1.140 vagas para crianças do primeiro ano do ensino fundamental neste ano. Nesta segunda, ele disse que o número passou para 2.030 alunos.

Segundo Padula, na quinta



Crianças voltam às aulas na EMEF Remo Rinaldi Naddo, na zona oeste de São Paulo, nesta segunda

Daniela Viana/PedraNews

(3), havia 48.400 alunos matriculados no primeiro ano do ensino fundamental e, nesta segunda, o número de vagas passou para 50.430.

De acordo com o secretário, o sistema, gerenciado pela Secretaria Estadual da Educação, é obrigatório, de acordo com a Constituição. Pelo menos desde 2007, da mais antigo disponibilizado pela prefeitura, não há registro de espera por matrícula nesta etapa.

Nunes voltou a dizer que há indício de que o problema de falta de vagas pode ser por causa da crise econômica, com alunos que migraram da rede privada para a pública. "Isso aconteceu na rede, com pessoas que foram da rede

particular para a pública, mas não é conclusivo, é um indicio", afirmou. "É um problema e é importante identificar qual a origem", disse o prefeito.

Sobre a apuração de motivo de alunos ficarem sem vagas em pleno início de ano letivo, a abertura de 890 vagas ocorre depois de o promotor João Paulo Faustini, do Gedeu (Grupo de Atuação Especial de Educação) do Ministério Público de São Paulo, determinar que as secretarias municipal e estadual da Educação de São Paulo solucionem em dez dias a falta de vagas para milhares de crianças na capital paulista, Padula acredita que até o fim da semana o problema estará resolvido.

Além da Promotoria, o Núcleo Especializado da Infância e Juventude, da Defensoria Pública do Estado, abriu um procedimento administrativo para apurar o déficit de vagas na cidade. Segundo o defensor Daniel Secco, as secretarias deverão apresentar quais providências estão adotando para solucionar a falta de vagas.

"Não vai ficar ninguém sem sala de aula", repetiu o prefeito, em entrevista coletiva. "Hoje, as diretorias (de ensino) vão passar o dia inteiro em contato [para preencher as 890 vagas]", completou Padula.

A prefeitura confirmou que, por enquanto, não vai ser exigido comprovante de vaci-

ção contra a Covid-19 para os estudantes da rede municipal. Segundo o secretário municipal da Saúde, Edson Aparecido, que também acompanhou a volta às aulas na escola da zona norte, mais de 60% das crianças de 5 e 11 anos receberam a primeira dose da vacina, sendo que 38 mil apenas no último sábado (5). No caso dos adolescentes de 12 a 17 anos, 90% já foram imunizados, completou.

"Estamos conseguindo vacinar por meio do convênio, portanto é desnecessário criar uma situação referente neste momento", disse Nunes.

Segundo a prefeitura, se o ritmo de vacinação de crianças cair na segunda-feira, a prefeitura pode mudar o procedimento e, inclusive, começar a vacinar nas escolas, como fez com os adolescentes no ano passado.

Na rede municipal, se um aluno teste positivo para a Covid-19, a sala de aula inteira terá de entrar em quarentena. E o aluno com apenas um sintoma da doença deverá ficar em casa.

Na recepção dos alunos nesta segunda, eles receberam um teste de antígeno com os protocolos para a volta às aulas, como uso obrigatório de máscaras —todas as crianças usavam o item de proteção no rosto nesta segunda-feira— e os sintomas do novo coronavírus.

"O problema é que elas tinham em casa. Estamos orientando que, se o caso se apresentar, não há necessidade de isolamento", afirmou a diretora da escola, Emília Rodrigues Gomes Gilo.

Segundo a prefeitura, agentes comunitários de saúde farão visitas a todas as salas de aula da rede municipal para reforçar os protocolos de segurança contra a Covid-19 e falar da importância da vacinação. Ao todo, a rede tem cerca de 1 milhão de alunos. Presença em sala de aula é obrigatória.

Freud além da elite

Existem atendimentos sendo feitos em praças por coletivos de profissionais

Vera Iaconelli

Diretora da Instituto Gerar de Psicanálise; autora de "O Mito-estar na Maternidade" e "Crianças no Século XXI"; é doutora em psicologia pela USP

A psicanálise que Freud desenvolveu durante sua vida não combina com a imagem elitista que, infelizmente, ficou associada a sua prática em décadas recentes. Embora existam profissionais que vendam a psicanálise como bem de consumo para uma elite que se vangloria de pagar sessões de quatro dígitos, essa é uma distorção que não faz jus à história da psicanálise.

Em sua obra, ele falou sobre como, há 140 anos, Freud mudou os rumos da psi-

nalise ao exortar seus seguidores a tornarem o tratamento psicanalítico acessível aos pobres. Durante vinte anos (1918-1938), quase vinte clínicas públicas foram criadas em sete países europeus, visando esse fim. Esse belíssimo movimento foi possível sob os auspícios de um governo social-democrata — daí fica fácil entender porque o sonho freudiano só se sustentou neste curto período entre guerras.

Logo o nazismo trouxe a perseguição aos psican-

listas judeus e simpatizantes, e um discurso diametralmente oposto à psicanálise: o fascismo. Não podemos esquecer que Freud morreu no exílio em Londres em 1939, fugindo do nazismo. A história se encontra na monumental pesquisa de Elizabeth Ann Danto ("As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social", Perspectiva 2019).

A psicanálise brasileira não nasceu com características próprias. Cada vez mais mobilizada para aten-

der a população em clínicas sociais e em instituições públicas. Existem atendimentos sendo feitos em praças e rodovias por coletivos de profissionais ligados a instituições sérias. Como lembrou Marco Antonio Coutinho Jorge em artigo publicado na Folha, não há instituto de formação em psicanálise que se preze que não tenha essa modalidade de atendimento para a população em geral.

Desde que aportou na América Latina, a psicaná-

lise vem encampando cada vez mais os estudos que concernem aos nascidos abaixo da linha do Equador. Nossa herança colonial, as relações raciais, o neoliberalismo, autoritarismo e problemáticas de gênero são temas que povoam a pesquisa psicanalítica e a formação dos analistas.

Essas são mazelas das quais padecemos, e não há como tratar o sujeito sem reconhecer o laço social que o engendra. Como pensar o complexo de Édipo sem levar em conta o lugar da dupla maternidade à brasileira, como nos aponta a antropóloga Rita Segato em "O Édipo negro: colonialidade e forclusão de gênero e raça" (2021)? Sem criticar a subserviência aos autores europeus? Tivemos que ouvir da boca de Angela Davis, que sua presença era dispensável para um povo que já tinha o

legado de Lélia Gonzalez. Como é o "tornar-se mulher" de Simone de Beauvoir, no país do feminino da transformação? Qual o lugar da memória, tema central da psicanálise, num país que não quer saber de sua história? Sem levar em conta essas e outras inúmeras questões, os estudos psicanalíticos se tornam sobre um sujeito fora do tempo e da história, algo impensável para o autor de "Mal-estar na cultura", "Psicologia das massas e análise do eu", "O futuro de uma ilusão", "Totem e tabu".

Distorções individuais — práticas alienadas e achacantes — e institucionais — bacharelado em psicanálise, psicanálise cristã e outras aberrações — vão contrariando o que os psicanalistas há mais de século. Nossa luta não será diferente agora.

[DOM: Antônio Prata] | [SEG: Marcia Castro, Maria Homem] | [TER: Vera Iaconelli] | [QUA: Ilana Szabó de Carvalho, Jairo Marques] | [QUI: Sérgio Rodrigues] | [SEX: Tati Bernardi] | [SAB: Oscar Vilhena Vieira, Luís Francisco Carvalho Filho]

Em 1 mês, chuvas matam mais que em 2021

Corpo de Bombeiros confirmou um total de 34 óbitos por soterramento após tempestades de janeiro em São Paulo

Alfredo Henrique

SÃO PAULO As 34 mortes após as chuvas de janeiro no estado de São Paulo superam em 47% os 23 óbitos em soterramentos e deslizamentos registrados pelo Corpo de Bombeiros em todo o ano passado.

Segundo a corporação, em 2021 houve 393 ocorrências de deslizamentos de terra em São Paulo. Janeiro foi o que teve mais ocorrências, 43. Em sexta-feira (4) foram encontradas as últimas três vítimas desaparecidas, do deslizamento na rua São Carlos,

Parque Paulista, em Franco da Rocha, na região metropolitana de São Paulo.

A cidade concentra 18 mortes pela chuva neste ano, mais da metade das 34 do estado.

Na quinta (3), os bombeiros haviam encontrado o 15º corpo, de Tamiere Aparecida Ferreira Santos (31). O corpo do marido, Gabriel Souza Cardoso (26), também foi identificado, assim como os de Caio Rodrigues, 36, e Vi- totor Rodrigues, 10, tio e sobrinho que viviam em uma das casas afetadas.

Na madrugada anterior, haviam sido encontrados os corpos dos gêmeos Lucas e Letícia dos Santos Sampião, de 16 anos, e do avô deles, José Bonfim Filho, 82. Eles

fazem parte de uma família que teve sete mortos na tragédia.

De acordo com a Prefeitura de Franco da Rocha, 188 imóveis foram interditados sob risco de desabamento, sendo 62 na rua onde houve o deslizamento. Cerca de 360 pessoas estavam desalojadas, segundo a mais recente atualização do município.

Na quinta, o governador João Dória (PSDB), que foi até a área do deslizamento em Franco da Rocha, anunciou o repasse de R\$ 3 milhões à cidade, sendo R\$ 1 milhão para o atendimento às vítimas e R\$ 2 milhões para a recuperação da estrutura urbana.

A gestão do tucano gastou menos da metade do orçamento previsto para obra de

infraestrutura antienchente em todo o estado de São Paulo, em 2021.

Dos R\$ 996,6 milhões aprovados pelos deputados estaduais, foram gastos R\$ 453,2 milhões, ou seja, 45% do total.

No ano anterior, o percentual gasto em relação ao orçamento disponível foi ainda menor, 18% dos R\$ 718,1 milhões destinados para combater os problemas causados pelas enchentes.

Nos últimos dez verões, 233 mortes foram confirmadas em decorrência de deslizamentos e deslizamentos, segundo a operação Chuvas de Verão no estado.

A secretária de Infraestrutura e Meio Ambiente, responsável pelas obras anti-enchente em São Paulo, afir-

mau que investiu R\$ 333 milhões no combate às enchentes em 2021 e aumentou a execução orçamentária em 33% em comparação a 2019.

A pasta disse ainda que o município não foi somado aos R\$ 453,2 milhões gastos no orçamento de 2021 por- que foi destinado a obras contratadas no fim de dezembro.

Trata-se da construção de dois piscinões em Franco da Rocha, na região metropolitana, e outro no ABC, no limite entre São Paulo, São Caetano do Sul e São Bernardo do Campo.

De acordo com a secretaria, as obras não foram iniciadas em tempo hábil porque a Caixa Econômica não liberou o financiamento.

Número de mortes por município

- Franco da Rocha - 18
- Varzea Paulista - 5
- Franco Morato - 4
- Embu das Artes - 3
- Anália - 1
- Lapevi - 1
- Ribeirão Preto - 1
- Jati - 1

Fonte: Corpo de Bombeiros

Em 24 horas, chove em Guarujá, no litoral de São Paulo, o previsto para fevereiro inteiro

Paulo Eduardo Dias

SÃO PAULO A forte chuva que atinge a Baixada Santista desde a tarde de domingo (6), em decorrência do avanço de uma frente fria, tem feito com que, em algumas cidades, o acúmulo de água em um curto espaço de tempo chegue perto da média prevista para todo o mês de fevereiro. Alagamentos também foram registrados.

Como exemplo da grande quantidade acumulada de chuva, pode-se citar o Guarujá, em que choveu 60,8 mm nas últimas 24 horas (entre domingo e segunda), cerca de 89% do esperado para todo o mês, que está na casa de 68 mm.

De acordo com a Defesa Civil do município, entre as ocorrências registradas nos últimos dias, houve a queda de uma árvore na região do viaduto Florisbeto Mariano, no bairro Santo Antônio.

São Vicente também registrou acúmulo de água bem próximo ao previsto para o mês inteiro. Conforme a prefeitura, a cidade está em nível de atenção. O índice pluviométrico acumulado em 12 horas foi de 160,8 mm, o equivalente a quase 70% do esperado para fevereiro. Na tentativa de conter possíveis deslizamentos de terra, equipes da Defesa Civil monitoram os morros do município.



Moradores transitam em meio a carros presos em rua alagada na manhã desta segunda-feira (7), no município de São Vicente, litoral de São Paulo. Divulgação

A Secretaria de Defesa e Ordem Social informou que, devido à chuva intensa desde a madrugada, foram registrados dez pontos de alagamento, inclusive em acessos para a rodovia dos Imigrantes, uma das principais vias de ligação entre o litoral e a capital.

Também por causa das chuvas, São Vicente suspendeu a atribuição de aulas para professores adjuntos, que estava agendada para esta segunda-feira. Uma nova data será marcada, informou a secretaria da Educação.

Santos foi outra cidade da região que registrou enchentes. Segundo a Defesa Civil local, em apenas seis horas o acúmulo de chu-

va chegou a 81,82 mm, sendo que o esperado para o mês é de 290,2 mm. O município registrou 10 pontos desta segunda (7) pontos de alagamento.

Apesar da chuva intensa, a prefeitura informou que os mortos estão em estado de observação, sem o registro de ocorrências.

Já em Bertioga, de acordo com a Defesa Civil, foram registrados 112 mm de chuva nas últimas 24 horas, sendo que a média esperada para o mês é de 314 mm de chuva.

Nesta semana, as fortes chuvas provocaram o caos em municípios da Grande São Paulo. Os maiores estragos ocorreram em Franco da Rocha.

Poltronas Lafer, para quem gosta das boas coisas da vida!

desconto de **30%** em 12x no cartão

Conheça toda coleção VISITE NOSSAS LOJAS

interdomus LAFER

Rua Leopoldo 6 | 13020-072 | DDD Shopping | 1304-9250 | e Avenida Saneamento | 13071-36 | 25004

www.lafer.com.br

MÁQUINA DE BLOCO VENDO

MODELO SMART TB6

* EQUIPAMENTO NOVO

* FUNCIONANDO

* 1.800 CICLOS POR TURNO

R\$ 850.000,00

99552.5538

VENDO 6.000.000m²

RODOVIA CASTELO BRANCO - KM 83 ITU/SP

2 KM DE FRENTE PARA RODOVIA, COM ACESSO E RETORNO.

LOCALIZAÇÃO PRIVILEGIADA, PARA EMPREENDIMENTOS.

ÁREA NOBRE.

98383.6000

esporte

ESPORTE
AO VIVO17h Burnley x Man. United
Inglês, 19h16h45 West Ham x Watford
Inglês, 17h4516h45 Newcastle x Everton
Inglês, 19h2

Primeiro gol em Mundiais é meta inicial do Palmeiras

Time do técnico Abel Ferreira encara jejum incômodo e busca título inédito

PALMEIRAS

AL AHLY
13h30 no estádio Al Nahyan
na Ua 6 and

Luciano Trindade

SÃO PAULO Quando o Palmeiras estreou no Mundial de Clubes nesta terça-feira (8), às 13h30 (de Brasília), soltar um grito que está entalado na garganta dos torcedores seria o primeiro objetivo do time nos Emirados Árabes Unidos. Em sua terceira tentativa de conquistar o inédito título, a equipe alviverde busca seu primeiro gol na história da competição. Considerando a edição de 2020 (realizada em 2021), além da disputa de 1999, os palmeirenses passaram em branco nas três partidas que já jogaram pelo torneio.

Há 23 anos, Alex até chegou a balançar a rede do Manchester United, mas o gol anotado pelo camisa 10 acabou erroneamente anulado pela arbitragem, por impedimento, numa época em que não existia o VAR (árbitro de vídeo) — os ingleses venceram o jogo por 1 a 0, gol de Roy Keane, após falha do goleiro Marcos.

No ano passado, porém, o Palmeiras não pôde culpar ninguém pelas suas próprias jogadoras pela falta de companheirismo que teve no Mundial.



O atacante Dudu durante treino do Palmeiras em Abu Dhabi. Foto: Meneses/Palmeiras/Divulgação

Trabalho psicológico ajuda Raphael Veiga a chegar aos Emirados Árabes Unidos no auge

SÃO PAULO Dias antes do embarque do Palmeiras para a disputa do Mundial de Clubes nos Emirados Árabes Unidos, o clube divulgou um vídeo de uma música escrita por Abel Ferreira e cantada por funcionários da Academia de Futebol.

"Jogaremos para ganhar. Cada jogo é uma final. Todos de defendem e todos atacam. Com coragem e força mental", dizia um trecho da letra, acompanhada de melodia que dava tom motivacional à canção.

Cada verso ajudava a reforçar uma característica que o técnico português busca ressaltar em seu trabalho: o cuidado com a saúde psicológica de todos que o rodeiam, incluindo atletas, seus auxiliares e os demais colaboradores do clube. Aspecto que conquistou os jogadores, co-

mo Raphael Veiga, 26.

Desde a chegada do técnico, o meia viu seu futebol evoluir até se tornar uma das peças mais importantes do time. Foi ele, por exemplo, que marcou o primeiro gol na final da Libertadores contra o Flamengo — com 5 gols na competição, ele foi o vice-artilheiro palmeirense, só atrás de Rony, autor de seis.

Além da parte tática que ele [Abel] me fez evoluir, como me entender a forma como o time joga e procurar os espaços vazios em campo, ele agregou muito na parte mental", diz o meia, a Folha. "Ele costuma falar que a cabeça controla todo nosso corpo, então ele me ensinou que, estando bem consigo e tendo tranquilidade para observar os espaços, eu consigo fazer boas jogadas para o time".

Em momentos decisivos, por exemplo, é comum o treinador e sua comissão técnica insistir em parâmetros de jogo, consultarem com Gisele Silva, psicóloga do clube, que tem seu trabalho muito valorizado pelo comandante.

Os números games de Veiga pelo Palmeiras ajudam a atestar a melhora dele sob o comando de Abel. Após passar por um período de empasse no Atlético, o jogador retornou no início de 2019. Até novembro de 2020, quando o português foi contratado, o camisa 23 disputou 29 jogos como titular e 27 como reserva, marcou 13 gols e deu duas assistências.

Já com Abel Ferreira ele somou 70 jogos como titular apenas e como reserva, tem 45 gols marcados e 10 assistências. O jogador participou de



Raphael Veiga, 26

Nascido em São Paulo, em 19 (jun) 1995, o meia foi revelado pelo Coritiba em 2016. Chegou ao Palmeiras em 2017, mas no ano seguinte foi emprestado ao Atlético. Em 2019, retornou ao Palmeiras, pelo qual conquistou a Paulista, a Libertadores e a Copa do Brasil de 2020 e o bicampeonato da América em 2021.

Perdeu para o Tigres, do México, na semifinal, por 1 a 0, e empatou sem gols com o Al Ahly, do Egito, na disputa do terceiro lugar — nos penaltis, o time de Abel Ferreira perdeu por 3 a 2.

O quarto lugar fez a equipe registrar a mais fraca campanha de um clube sul-americano em Mundiais. Até então, outros quatro times do continente que também haviam sido derrotados na semifinal (Internacional, Atlético-MG, Atlético Nacional-COL e River Plate-ARG) ao menos conseguiram vencer a disputa pelo terceiro lugar.

Para o técnico palmeirense, contudo, o Palmeiras está mais bem preparado agora. "A nossa equipe está mais experiente, apesar de ser uma equipe jovem. Tivemos sete ou oito finais, ganhamos umas e perdemos outras. A vida não é feita somente de vitórias, as derrotas também fazem a gente crescer. O Mundial do ano passado foi duro", disse.

O desempenho palmeirense no Qatar, onde foi realizada a última edição, foi mais um motivo de gozação para torcedores rivais, que até o dia de provocar os palmeirenses pela cartolina do título, ironizaram a seca de gols.

Abraçadinho deixou os palmeiros ainda mais na bronca, sobretudo porque malios, assim como o próprio clube, considera a Copa Rio de 1993 como um Mundial. A Fifa, porém, não reconhece o torneio com essa chancela — na ocasião, a formação paulista disputou sete jogos e fez dez gols.

Aumentar o poder de ataque da equipe foi justamente a maior preocupação da diretoria para a temporada. Desde que assumiu a presidência,

quatro títulos com a camisa alviverde: o Paulista (2020), o da Libertadores (2020 e 2021) e a Copa do Brasil (2020 e 2021).

Os últimos três conquistas são as mais importantes, vendidas durante a gestão do atual técnico.

Segundo o meio-campista, apesar da ansiedade que o elenco e a torcida vivem hoje, a preparação para essa disputa foi melhor do que a anterior, principalmente pelo calendário.

Em 2021, a estreia no Mundial ocorreu em 7 de fevereiro, apenas uma semana após o triunfo sobre o Santos na decisão da Libertadores. Na desgastante temporada, muito afetada pela pandemia, foram 77 jogos entre Paulista, Brasileiro, Copa do Brasil, Libertadores e Mundial.

Destas vez, após um período de férias, a equipe disputou somente quatro jogos nas primeiras rodadas do Campeonato Brasileiro, mas Abel pôde fazer os ajustes necessários, então, invicto até o último, conquistou o título.

em dezembro, Leila Pereira tentou buscar no mercado um centroavante para substituir o lesionado.

Depois de algumas tentativas frustradas, como a negociação com o argentino Lucas Alario, atualmente no Bayer Leverkusen (ALE), o time acabou viajando sem o atacante pretendido pelo comandante.

No ano passado, a principal referência do ataque alviverde no Qatar foi Luis Adriano. O jogador, porém, teve seu contrato rescindido após entrar em litígio com a torcida.

Apesar de não ter o centroavante que pediu, Abel contraiu desta vez com Dudu no setor ofensivo. Ídolo da torcida, ele é o jogador do atual elenco com mais gols pelo clube, 76, somando seus duas temporadas. Ele também lidou o ranking de assistências, com 81. E, no último jogo antes do embarque, conquistou diante do Água Santa (SP) o primeiro gol da centésima vitória dele pelo Palmeiras — e ainda definiu o placar de 1 a 0.

Feliz com a marca, o jogador disse estar pronto pelo desafio por um título que falta à galera alviverde. "Espero que a gente possa voltar com esse título, que a torcida torça", disse.

Abel não prepara nenhuma surpresa, o camisa 7 deverá ter Rony como seu companheiro na linha de frente. Bicampeão da Libertadores pelo Palmeiras (2020 e 2021), ele viaja com o prestígio de ser o segundo maior artilheiro do time na história do torneio sul-americano, com 11 gols. O elenco de Willian, Rony e Tupazinho, e atrás apenas de Alex (12). É no poder de fogo da dupla que a torcida aposta para superar o principal desafio no Mundial: vencer o Palmeiras marcar um gol.

vitórias sobre Novorizontino, Ponte Preta e Água Santa, além de um empate com o São Bernardo.

Levar o elenco, todo detalhe pode fazer a diferença na busca pelo inédito título. Para o camisa 23, a chance de voltar para casa com o troféu na bagagem seria "revirar o mundo".

No caso de Veiga, está ainda uma sensação especial. Torcedor palmeirense desde a infância, realizou o sonho de jogar no maior torneio alviverde, mesmo após a morte daquele que o inspirou a ser jogador. Os títulos que ele já conquistou com o clube, mesmo que seu avô havia sonhado. Mas o atleta quer mais.

"Ganhar o Mundial e colocar realmente o nome de cada um dos jogadores na história do Palmeiras. Fico muito feliz por esse momento, fico feliz pelo que cada um está vivendo. Com certeza eu vou dar o meu melhor para que a gente alcance esse objetivo", finalizou. LT

Nós, pessoas brancas

Precisamos falar menos e escutar mais quando o assunto é racismo

Renata Mendonça

Jornalista, comentarista no Globo e co-fundadora do Dêbora, canal sobre mulheres no esporte

Este texto é para aqueles que, como eu, foram beneficiados no nascimento por virarem do mundo para "o cor certo". Se você acha que esse conceito não existe, faça uma pesquisa no Google sobre as mortes "por engano". Curiosamente, as vítimas são sempre pretas: já reparou? Meus na minha, coloquei o dedo no bolso, aqui como suspeito, suspeito por quê? Pela cor. E só.

Na mesma semana que o assassinato brutal de Moisés, um jovem negro foi assassinado no prédio onde morava por um vizinho sargento que o "confrontou" com um salto, vemos no futebol um dos principais jogadores do país sofrer ataques racistas quando lá na praia o vestiário no intervalo do Fla Flú.

Apreendi com o professor Silvinho Almeida que, tratar casos assim como "isolados", exigindo apenas a punição aos indivíduos que cometeram tais atos sem fazer uma reflexão aprofundada sobre o que cada um desses crimes significa, é um erro.

"Olar o racismo do primo individualista é tentador por que, além de mais simples e fácil de lidar, permite não lidar com a realidade de uma causa ou um culpado". As soluções também parecem mais fáceis: educação ou judicialização. São medidas circunstancialmente necessárias, mas que equivalem a enxugar o chão com a toalha aberta. Quando se trata de racismo entendido de forma complexa, a luta por direitos e a educação antirracista tornam-se apenas duas táticas no interior de muitas estratégias que o combate ao racismo deve mobilizar", escreveu ele.

Obviamente não sou especialista em questões raciais, mas busco cada dia mais aprender sobre elas. E acho que isso é o mínimo que nós, brancos, deveríamos nos propor a fazer se realmente quisermos ser parte da luta antirracista — lembrou o que o racismo foi um problema criado pelos brancos, então é nosso dever combatê-lo. O que mais nos falta nesse processo todo é o básico: OUVIR.

Quando o presidente do Fluminense, Márcio Bitencourt, diz que o clube está apurando os fatos, por que o vídeo divulgado com as ofensas a Gabigol era "inconclusivo", segundo ele, eu me pergunto: será que, se fosse um jogador do Fluminense a vítima, o presidente teria a mesma opinião? Qual é a conclusão que se tira quando se ouve torcedores gritando "macaco" para um jogador negro descer do campo ou do vestiário?

Não é só o Fluminense. Há não muito tempo, o meio-campista Jefferson, então titular do Flamengo, denunciou ter sido ofendido por racistas de Van Hamze, então jogador do Bahia, e a primeira resposta do clube foi fazer o jogador questionar a palavra da vítima. Um dos clubes mais ativos nas redes sociais sobre a temática antirracista, o clube não deu a alegação do jogador negro do time adversário. Se fosse o contrário, será que a atitude seria a mesma?

Mesmo com o vídeo mostrando os gritos de "macaco" para Gabigol, o presidente do Fluminense tratou a situação como "suposto caso" de racismo, "supostas ofensas racistas", colocando também em dúvida o que o jogador alegava e o que as imagens dizem.

E ainda disse que "seu e do racismo porque sua mulher é negra". Um subterfúgio comum que nós, pessoas brancas, insistimos em repetir sem perceber que essas frases são evidências que não Fluminense não dá para ser antirracista. Nós, pessoas brancas, precisamos falar menos e escutar mais quando o assunto é racismo. É no âmbito do futebol, não dá para ser antirracista "com clubismo". Só vale a luta o agressor não for torcedor do meu time. Se for, o "suposto caso" é a "suposta ofensa". Se tem uma coisa "inconclusiva" nessa história é qual atitude o Fluminense vai tomar para repudiar de verdade o ato racista na sua torcida.

VIRADA PSICODÉLICA | **Marcelo Leite**

folha.com/viradapsicodelica

Enfrentar crise da Ucrânia com LSD não seria ideia mais louca

Que tal pingar ácido lisérgico na bebida dos negociadores do impasse entre Rússia e Otan sobre a Ucrânia? Parece coisa de maluco, mas algo assim já foi tentado — e há lógica no argumento de que iniciar uma guerra ali, hoje, equivale a uma ideia muito, muito mais doida. A incrível história apareceu no boletim dos Cientistas Atômicos e envolveu dar MDMA (ecstasy) para oficiais soviéticos em 1985. A data veio pelo físico e colega Cláudio Leite Vieira (não é parente), um dos melhores jornalistas de ciência do Brasil, hoje refugiado em Buenos Aires.

A trama tem como personagem central Carol Rosin, que havia sido especialista da empresa aeroespacial Fairchild Industries e depois fundou o Instituto para Segurança e Cooperação no Espaço. Há 37 anos, trabalhando como consultora em Washington (DC), ela foi a Moscou para negociar os acordos para o governo

Ronald Reagan com cientistas e militares russos.

Rosin levava na bagagem uma carteira com pilulas de MDMA. Era a base do plano desenvolvido com Rick Doblin, um entusiasta de psicodélicos que conheceu no Instituto Esalen, da Califórnia. Figura assídua neste blog, Doblin lidera hoje a pesquisa mais avançada para regularizar o uso de psicodélicos (MDMA) como tratamento de um transtorno mental (estresse pós-traumático).

Rosin levou centenas de pilulas para o apartamento de amigos na capital russa. Eles chegaram com dezenas de frascos de remédio, encharam os vidrinhos e se responsabilizaram por distribuir os tabletes entre pesquisadores e militares que viessem a participar das tratativas nucleares.

"Foi a experiência mais amorosa e maravilhosa que alguém poderia possivelmente ter", disse Rosin a Robert K. Elder, para

o boletim: "Não era para curtir um barato, não era para dar uma festa. Não. Era uma questão de paz, amor e cura — e de espalhar isso pelo mundo".

Não se sabe quantos negociadores de fato ingeriram MDMA, se é que isso de fato aconteceu. Há quem duvide, como disse o jornalista Michael Pollan ao boletim, que enviados americanos tenham tomado a droga em terreno hostil, o que soa mesmo para lá de improvável — assim como a perspectiva de que isso possa ter influenciado decisivamente o rumo das negociações.

Por outro lado, é inegável que o composto MDMA, também conhecido como bala, molly e Michael Douglas, dispôs qualquer pessoa a ouvir os outros e dialogar pacificamente. Isso porque ele ocasiona uma inundação de empatia em quem a toma, como já teste minhou este jornalista.

"A ideia era que, se eles [negociadores] pudessem trabalhar com seus medos e traumas, sentissem sua conexão com a humanidade, então isso poderia servir de ajuda", argumen-

tou Doblin a Elder. Naquela época, corria entre jovens a noção de que psicodélicos poderiam salvar o mundo, abrindo as consciências para o valor da vida, da paz e do amor.

Sua ingenuidade hoje, com o mundo sufocado em maledicência, cancelamentos, notícias fraudulentas e ódio disseminados pelas redes sociais. Cabe lembrar, porém, que drogas alteradoras da consciência (macaona, LSD e psilocibina à frente) formaram parte da fruição da chamada contracultura, o movimento hippie dos anos 1960/70 que buscava uma porta para a Guerra do Vietnã em 1975.

Não foi só o contracultural, decerto, mas a progressiva revelação dos fracassos militares no Sudeste Asiático (para não falar das atrocidades, como uso de napalm e massacres como o de My Lai). Um golpe fatal na imagem da campanha militar se deu com a revelação dos Documentos do Pentágono (Pentagon Papers), em 1971, e aqui também os psicodélicos podem ter exercido um efeito marginal.

Os documentos mostran-

do que quatro presidentes americanos haviam enganado o público sobre a guerra e seus objetivos foram vazados para a imprensa por Daniel Ellsberg. Ellsberg se identifica hoje como uma "pessoa dos psicodélicos", conforme relata Adele Meyer na newsletter Lucid News.

O ex-funcionário da Rand Corporation, onde copiava milhares de páginas do relatório comprometido, não esconde que tomou LSD centenas de vezes. Ele chegou a ser processado pelo vazamento e arriscou-se a pagar 15 anos de cadeia, mas as acusações acabaram retiradas.

Na primeira de três partes da entrevista que Lucid News começou a publicar em 24 de janeiro, Ellsberg afirma que o LSD não teve relação direta com a decisão de vazá-lo e o relatório. Sua primeira viagem lisérgica havia ocorrido em 1960, e ele passou a copiar os papéis oito anos depois. Nesse meio tempo, passou dois anos no Vietnã.

Por outro lado, o ácido era coisa comum no círculo de pacifistas que frequentava. Ainda hoje

Ellsberg diz acreditar que uma mudança profunda da consciência seja necessária para o mundo melhorar e enfrentar a crise, mas não está seguro de que isso venha a acontecer nem de que psicodélicos possam acelerar a transformação.

"A percepção com o ácido, penso eu, confirma um lado do que Albert Einstein disse uma vez, que há duas maneiras de olhar para o mundo. Uma é que os milagres não existem", disse Ellsberg a Meyer. "Outra é que tudo é um milagre. Acho que uma percepção muito clássica do ácido é que aquilo em que estamos envolvidos, que em estamos imersos, sabe, tudo é miraculoso.

Para o homem que deu ao mundo os Documentos do Pentágono, coisas que nem sequer imaginamos de fato acontecerem, é verdade. São como milagres, que felizmente ocorrem. Obviamente, é muito difícil acreditar em milagres, sob efeito do ácido. E o próprio ácido é um milagre!

Do jeito que as coisas caminham lá na Ucrânia, um milagre viria bem a calhar.



KAMILA VALIEVA É A PRIMEIRA MULHER NA HISTÓRIA A FAZER DOS SALTO QUÁDRUPLO EM PERFORMANCE OLÍMPICA

Russa de 15 anos patinou ao som do Bolero de Ravel; ela é a recordista mundial de maior pontuação tanto no programa longo, quanto no curto

Mai Nung/Reuters

Muitos neurônios associativos tornam corvos inteligentes

Tamanho não é documento: as aves ganham de avestruz em matéria de neurônios

Suzana Herculano-Houzel

Bióloga e neurocientista da Universidade Vanderbilt (EUA)

Corvos, aves da mesma família que incluídas galinhas, brasileiras, são bichos tão inteligentes quanto grandes primatas — apesar do cérebro diminuído, que cabe na cabecinha da ave, mais ou menos do tamanho do polegar de um gorila. Como macacos e chimpanzés, e muito melhor do que minos e até cachorros, corvos sabem se identificar no espelho; distinguem quantidades; e não só são ob-

jetos como ferramentas, mas também fabricam as próprias, como o bico e as garças.

Como é possível animais de cérebro tão pequeno serem capazes de tanta coisa? Quando trabalhava no Brasil, eu e meus colaboradores na República Tcheca, que tinham acesso fácil a aves de várias espécies para pesquisa, descobrimos que aves canoras, incluindo papagaios e corvos,

têm números de neurônios no seu córtex cerebral comparáveis aos números encontrados em macacos.

O achado equivale a descobrir que uma colmeia e um prato de sopa contêm números semelhantes de sementes — o que só é possível se as sementes na colmeia, como os neurônios das aves, forem muito menores do que as sementes no prato, como os neurônios de mamífe-

ros. Quanto mais neurônios, maior deve ser a capacidade do córtex em processar sinais e informação, pensamos.

Mas nem todos os neurônios corticais são iguais: há os que processam sensações e movimentos, e outros que juntam coisa com coisa, o que permite ao cérebro criar associações, encontrar padrões e inventar regras. Esses são os neurônios associativos — e, talvez, em ma-

téria de flexibilidade cognitiva, que é minha definição de inteligência, seja isso o que importa, muito mais do que o total de neurônios.

Para testar essa possibilidade, meu grupo e dois colegas na Alemanha compararam três espécies de corvo com pomba, galinha e avestruz, a maior das aves, com o maior cérebro. Mais uma vez, vimos que tamanho não é documento: ainda que os corvos percam do avestruz em termos de número de neurônios sensoriais, são os corvos que ganham, e de longe, em números de neurônios associativos, que estimamos serem tantos quanto no córtex do chimpanzé. O estudo acaba de ser publicado no Journal of Comparative Neurology.

Minha próxima pergunta, agora, é quanto energia cus-

ta operar tantos neurônios em cérebros de tamanhos tão diferentes: uma quantidade proporcional ao número de neurônios, ao tamanho do cérebro, ou a alguma outra coisa? Ou seja, o que determina quanta energia um cérebro usa? Serão aves mais eficientes do que nós primatas, neste quesito?

Tentei abordar o assunto quando ainda trabalhava no Brasil, em projeto em colaboração com os mesmos pesquisadores na Alemanha. Eles receberam do governo alemão onze vezes o valor que eu pude sequer solicitar à Faperj, e nunca rebi, porque o estado do RJ quebrou. Para sorte da minha pesquisa, pude me mudar para outro país, e quanto energia custa um cérebro agora é pergunta que eu pos so responder. Me aguardem!

ACERVO FOLHA Há 50 anos 8.fev.1972

Com Pio 11, italianos se animam para fim da 'questão romana'

A imprensa continua a comemorar os primeiros atos do papa Pio 11, interpretados por alguns como a manifestação de uma tendência favorável a respeito da "questão romana" (uma disputa territorial entre o Vaticano e a Itália depois da unificação italiana).

A opinião predominante, porém, nas rodas políticas é que todas as conjecturas feitas num momento de entusiasmo representam um sentimento de paz que anima a nação. Mas a situação atual é a do Vaticano reivindica um poder temporal que a Itália não pretende reconhecer.

Pio 11 era arcebispo de Milão e iniciou o seu papado na segunda-feira (6).



LEIA MAIS EM
acervo.folha.com.br



Bichos à solta

De urubus a bodes e peixes, animais em obras de arte voltam a detonar protestos a partir de performance de Nuno Ramos

ANIMAIS NA ARTE

Juliana Notari usou 30 jabutis para 'Verstehen', instalação na qual os bichos passeiam entre bolas de cabelo humano e terra escura

Nuno Ramos usou três urubus numa instalação na 29ª edição da Bienal de São Paulo. Também fez uma obra em que três jumentos carregavam calvos de som entre recipientes com água, feno e sal

Rodrigo Braga já usou um bode morto para uma série fotográfica. Ele também aparece em obras duetando com um caranguejo e já pendurou peixes mortos em árvores

Jonathas de Andrade usou peixes num filme da 32ª Bienal de São Paulo. Na obra, pescadores abraçam os bichos que fugiram por longos minutos

Marina Lourenço

SÃO PAULO Enquanto nadavam nos aquários onde estavam expostos, sete peixinhos iam driblando ondas sonoras de vozes recitando "Em Busca do Tempo Perdido", de Marcel Proust, tocando em alto-falantes submersos. Do lado de fora, um motociclista circulava pelas ruas do centro de São Paulo para gritar a pala-

vra "tempo" num megafone.

Criada pelo artista Nuno Ramos, a performance "Perdido", que aconteceu entre o fim de janeiro e início deste mês, na Biblioteca Mário de Andrade, é mais um desses casos polêmicos em que bichos reais se transformam em obra de arte e atraem olhares curiosos, entusiastas e de reprovação.

O mesmo Nuno Ramos já fez isso antes. Em 2006, ele

apresentou a instalação "Vai Vá", em que três jumentos carregavam caixas de som entre recipientes com água, feno e sal. Quatro anos depois, estampou manchetes com "Bandeira Branca", obra em que três urubus apareciam num viveiro, na 29ª edição da Bienal de São Paulo.

Segundo o artista, todas as vezes em que usou animais em suas obras foi uma

maneira de dar dignidade aos bichos, não de prejudicar. Mas, claro, há quem discorde.

Logo após a Biblioteca Mário de Andrade iniciar a divulgação de "Perdido" nas redes, várias pessoas criticaram a dinâmica da performance e acusaram a instituição e o artista de se aproveitarem da vulnerabilidade dos peixes para uma tarefa desnecessária. Diante das críticas, a bibli-

oteca publicou uma nota em que afirmava que o bem-estar dos peixes era prioridade. "Todos os cuidados técnicos foram adotados para garantir a máxima qualidade de vida dos animais participantes. Aquaristas e biólogos foram consultados para que as condições criadas nos aquários fossem ideais", dizia a nota. Esse tipo de consulta a especialistas de animais é comum

quando artistas usam bichos na arte, mas não é regra. Quando a pernambucana Juliana Notari fez a videoinstalação "Mimoso", por exemplo, não recorreu a especialistas. Exibido em 2019 no Sesc 24 de Maio, o trabalho mostra Notari sendo amastada, nua, por um bifeiro na ilha de Marajó, no Pará, e comendo o testículo cru do bicho com garfo e faca. Continuação na pág. C2

ilustrada

MÔNICA BERGAMO

monica.bergamo@globo.com.br

QUERO SABER

O ministro Bruno Dantas, do Tribunal de Contas da União, determinou a abertura de uma investigação para apurar o sumiço de documentos do acordo de leniência firmado pela empreiteira Andrade Gutierrez com a Justiça, e que foi homologado pelo ex-juiz Sérgio Moro em 2016.

ENDEREÇO Apropriou-se e entregou os papéis ao tribunal como parte de sua defesa em investigações em que é acusada de irregularidades na construção de obras como a usina de Jangadeiros, no Rio de Janeiro.

ENDEREÇO 2 Alguns documentos, no entanto, desapareceram na Secretaria Extraordinária de Infraestrutura (Seinfra Operações), a mesma que defende o arquivamento de outro processo, o que investiga a atuação de Moro na consultoria Alvarez & Marsal.

ROTINA Em seu despacho, Dantas diz que "o desaparecimento de documentos é fato que merece apuração, inclusive para que não se torne algo corriqueiro" no tribunal.

SEMPRE ASSIM Já o diretor da Secretaria de Infraestrutura, André Amaral de Castro, afirma que há falhas nos procedimentos de recepção e guarda de arquivos sigilosos não divulgáveis — e que o problema é "generalizado" no TCU.

DE VEZ A possibilidade de o PSD de Gilberto Kassab assumir Lula já no primeiro turno da eleição ganha adeptos no partido. O grupo que defende a ideia cita a possibilidade de ajudar o petista a se candidatar como um candidato de centro — e, com isso, liquidar a fatura na primeira rodada.

POUQUINHO Lula, de acordo com o Datafolha, tem 48% dos votos, ou quase a metade do eleitorado que precisaria para vencer a eleição já na primeira volta.

VOZES Kassab confirma a informação: "Existem, sim, vozes no PSD que defendem esse cenário. Como também há pessoas que sustentam que não devemos ter candidato nem apoiar qualquer um deles no primeiro turno", segue. Ele também diz que "prevalece ainda uma maioria que defende a candidatura própria" para presidente.

PLANO E O nome do presidente do Senado, Rodrigo Pacheco, seria consensual nesse grupo. O governador do Rio Grande do Sul, Eduardo Leite, que fez sair do PSD o senador Allan Petersen, seria outro nome viável "caso o Pacheco não queira" assumir a candidatura.

OPINIÃO O Twitter diz que não tirou do ar o vídeo sexista de o deputado Eduardo Bolsonaro (PSL-SP) comparou em seu perfil na sexta-feira, no entanto, o vídeo na obra da linha 6 do metrô que abriu uma cratera na marginal Tietê, em SP, teria sido causado pela mão de obra feminina, porque se avaliou o conteúdo como opinativo, e não discurso de ódio.

MISOGÍNIA A montagem usa imagens de uma peça institucional da construtora espanhola Acciona, exaltando o trabalho das mulheres. A empresa repudiou o compartilhamento do vídeo, que considerou "misogíno".



Tom Gomes/Divulgação

A top brasileira Laís Ribeiro, que está noiva do ex-jogador do Chicago Bulls, da NBA (liga profissional de basquete americana), Joakim Noah, terá a cantora Laila Ramalho como uma das atrações de seu casamento. Prevista para agosto deste ano, a cerimônia para 250 convidados ocorrerá em Trancoso, na Bahia. A ideia é que seja no "pé na areia", e Laís cogita subir ao altar descalça

GAVETA O procurador-geral de Justiça do estado de SP, Mário Luiz Sarubbio, se manifestou pelo arquivamento do inquérito policial contra o empresário Jair Lorenzetti Filho, investigado por citar o assassinato de John F. Kennedy ao fazer uma piada sobre o presidente Jair Bolsonaro (PL).

NA MIRA A investigação foi aberta pelo delegado-geral da Polícia Civil de SP, Ruy Ferraz Fontes, por causa de uma postagem do herdeiro da família Lorenzetti nas redes sociais. "Dia 7 eu espero que haja algum Lee Harvey Oswald em alguma janela lá da Paulista", escreveu ele, em referência ao dia 7 de Setembro do ano passado, que contou com a presença do mandatório.

HIPÓTESE O procurador-geral sustenta que não há elementos que justifiquem o oferecimento de denúncia. "O meu desejo — com tom jocoso — manifestado pelo investigado, de que alguém agisse como Lee Harvey Oswald e matasse o presidente, não pode ser considerado como incitação ao crime", afirma Sarubbio. O caso, agora, será arquivado. Lorenzetti foi defendido pela advogada Priscila Pamela.

HOMENAGEM A Funarte (Fundação Nacional de Artes) irá disponibilizar, em seu site e canal no YouTube, vídeos com entrevistas e apresentações do Projeto Pinguinha com recursos de acessibilidade — livros, audiodescrição e closed caption (legendagem automática).

PALCO O conteúdo ficará disponível a partir do dia 10 deste mês, marcado pelas comemorações dos 49 anos da morte do músico. O Projeto Pinguinha foi uma iniciativa da Funarte que realizou shows em sua homenagem entre 1977 e 2017.

SONHO O cantor Boleiros, que ficou conhecido do público com a canção "Há de Vantar", trilha da novela "Verdades Secretas" (Globo), lança no dia 17 "Omironauta".

SONHO 2 A música faz parte de seu próximo álbum e, segundo ele, "havia um sonho lúcido que se dá a partir de uma série de experiências traumáticas".

Bichos à solta

Continuação da pág. C1

"A princípio, ia só filmar eu sendo arrastada pelo búfalo. Mas, chegando lá, com a equipe de filmagem, descobrimos que ele seria castrado no dia seguinte. Fiquei com a informação na cabeça e decidi que levaria isso para dentro do meu trabalho", conta Notari.

O búfalo foi castrado sem anestesia, porque, segundo a artista, era exatamente o jeito que seu dono havia planejado fazer. "Foi muito duro ouvir ele gritando, uma crueldade. Enquanto artista, eu estava ali ritualizando uma cena banal do cotidiano, que se faz a torto e a direito no nosso país. Incorporei toda a energia que seria jogada aos cosmos para o ritual", ela diz.

As reações à videointalação, porém, foram tão negativas que a pernambucana gravou um vídeo explicando o que a teria levado a comer os testículos, e o conteúdo passou a ser exibido junto à obra. Há 20 anos, Notari fez a instalação "Verstehen", em que 30 jabutis passeavam por terra, bolas de cabelo humano e projeções no redor de uma galeria de arte recife. Ao contrário de "Mimosa", ela precisou do aval do Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis, mas não foi nada fácil.

"Na época, teve um biólogo que ficou extremamente bravo comigo. Ele dificultava muito a situação. Foi necessária muita persistência para conseguir a autorização", diz ela. "Há muita hipocrisia quando você lida com animais no meio artístico. Não estou dizendo que a arte pode tudo. Existem, sim, limites a serem respeitados, e é para isso que serve a lei. Mas há muita hipocrisia. Eu não como carne há 20 anos, ao contrário de muita gente que me critica".

Hipocrisia ou não, o assunto costuma ser não só polêmico, como desperta muitas interpretações e debates. Segundo a especialista em artes visuais Mariana do Carmo de Siqueira Nino, a discussão perde força, porém, quando inserida no campo virtual, com os limites das redes sociais.

Nino afirma que, como a arte é um campo de conhecimento, os valores atribuídos a determinadas obras são rodeados pelos contextos histórico e cultural vigentes. "Há séculos temos obras de arte desse tipo. Não é algo novo", diz ela. "Mas a chegada do século foi uma pedra no caminho para a gama de possibilidades de expressão artística".

A lista de obras com bichos inclui casos como "O Peixe", filme de Jonas de Andrade com pescadores que dão um longo e demorado abraço em suas presas agonizantes, e "Comunhão", de Rodrigo Braga, em que há fotos mostrando a cabeça do artista encostada na de um bode morto. O mesmo Braga aparece em outras obras duelando com um caranguejo e já pendurou peixes mortos em árvores.

E, mesmo quando há autorização do flama, obras com animais costumam incomodar muitos. Segundo a advogada Leiliana Rippi, coordenadora do Grupo de Advogadas Animalistas Voluntárias, até mesmo o aval do órgão élegítimo e deveria ser respaldado.

De acordo com ela, usar animais em obras de arte é uma ação desprovida de empatia e compaixão. "Todo animal é um ser sentiente, ou seja, tem sentimentos", diz. "Cada ser sentiente deveria ter uma vida plenamente autônoma".

Ainda que criticado pelas obras com bichos, Ramos diz que acha importante a discussão sobre legitimidade e até ne- leia um processo natural da arte.

"Não quero maltratar ninguém. Acho importante discutir tudo isso", afirma. "Nas minhas obras, estou, inclusive, dando ao animal justamente a possibilidade de serem suas potências simbólicas".



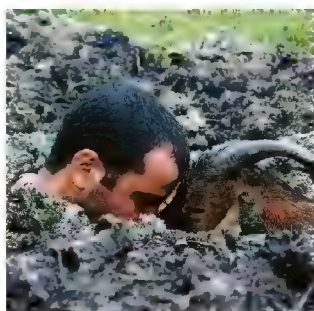
Urbus vivos na obra 'Bandeira Branca' Eduardo Knapo/Indagarena



Burricos em obra de Nuno Ramos Mucy Lopes/Imagem



Still do filme 'O Peixe', de Jonas de Andrade Fotos/Divulgação



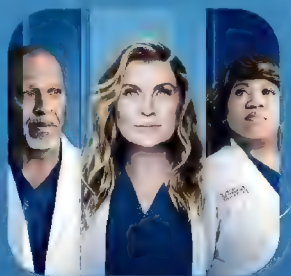
O artista Rodrigo Braga em performance com bode

NOSSA ROTINA DE TERÇA:
CHORAR ASSISTINDO ÀS SÉRIES MÉDICAS.

GREY'S ANATOMY

TERÇA | 21H

14



STATION 19

TERÇA | 21H55

14

DOC

TERÇA | 22H50

12



ACOMPANHE E SE EMOCIONE.

SONY CHANNEL: CLARO (SD) - 133 | CLARO (HD) - 633 | SKY (SD) - 137
SKY (HD) - 537 | VIVO (HD) - 91 - 847 - 641 | OI (HD) - 45

SONY CHANNEL

Os atores Júlio Silvério e Jefferson Silvério na Ocupação Cultural Coragem, na Cohab 2, em Itaquera, na zona leste paulistana *Xavier Xavier/Folhapress*

Atores da série 'Sintonia' fazem críticas à burocracia contra a cultura periférica

Produtores culturais dizem que editais são incompreensíveis e que falta diversidade de jurados

Tatiana Cavalcanti

SÃO PAULO Na teoria, os editais públicos de incentivo à cultura têm como função igualar oportunidades a todos os artistas para que, dessa forma, eles possam captar recursos e realizar projetos. Na prática, contudo, profissionais da arte com menor estrutura financeira e de regiões periféricas afirmam que a burocracia, a linguagem rebuscada e a falta de diversidade no júri definido para escolher os trabalhos são excludentes.

Atravando nos papéis de Jaspion e Rivaldinho em "Sintonia", série brasileira da Netflix que já tem a terceira temporada confirmada, os irmãos gêmeos Júlio Silvério e Jefferson Silvério, de 36 anos, afirmam que desistiram de se inscrever em editais públicos por causa da burocracia e da falta de re-

presentatividade dos jurados. "É difícil ler e compreender o que está escrito, porque os editais usam termos muito técnicos. Para quem eles escrevem com aquele linguajar? Estamos falando de teatro para a galeria da periferia", afirma Júlio.

O ator diz que elaborar um projeto para inscrever em um edital é exaustivo. "Devia ser mais transparente [o texto do edital]. Se você escreve fora desse padrão, que parece mais um TCC [trabalho de conclusão de curso], está fora. Parece que só os que conseguem ter mais acesso à educação se destacam. Nisso, a arte fica em segundo plano", diz Júlio, lembrando os editais das esferas federal, estadual e municipal. Jefferson emenda citando a falta de diversidade nas comissões que elegem os projetos. "Se for falar pelo corte racial, talvez teríamos mais oportu-

nidades se fôssemos brancos."

O ator que interpreta Rivaldinho continua afirmando que nem mesmo a visibilidade de estar em 90 países pela Netflix abre portas. "A bancada é composta por mulheres e homens brancos. Quando devia ter, também, trans, negros e indígenas, entre outros." Os irmãos moram na casa da mãe na Cohab 2, em Itaquera, na zona leste de São Paulo, lugar que também é a sede da Essa Companhia, onde os atores e sua trupe costumam ensaiar. O elenco apresenta neste mês a quarta temporada de "Ensaio para Dois Perdidos", peça sobre futebol de várzea e teatro que eles costumam encenar nas ruas do bairro ou no coletivo Ocupação Cultural Coragem.

"No fim, desistir de inscrever nossos projetos em editais é uma escolha que faz

bem para o nosso espetáculo. Se dependesse só disso, não faríamos a peça, estaríamos dentro de casa tentando entender o que o edital pede", afirma Jefferson.

Os irmãos Silvério dizem que o custo para manter apresentações no fim de semana é de R\$ 18 mil, entre cenário, figurinos, transporte e alimentação e, por essa razão, fazem campanha nas redes sociais para manter a peça em cartaz. O objetivo é arrecadar R\$ 25 mil. Atriz atuante na periferia, Jacqueline Alves Pinto, de 27 anos, nunca conseguiu ter um trabalho contemplado por um edital, apesar de ter tentado um da prefeitura. "Além da linguagem impossível de entender, há exigências de documentos que eu nem sabia que existiam. É muito complexo." Alves Pinto conta que, enquanto isso não ocorre, ela

participa de peças de coletivos. "Na periferia, tem quem consiga explicar seus projetos em editais, mas é minoria. Por isso, acabamos nos unindo para não deixar de fazer arte."

Os artistas afirmam, ainda, que há profissionais especializados em inscrever projetos em editais, mas que é inviável contratar um especialista. "Maltemos dinheiro para o dia a dia, que direi para contratar um especialista", afirma a atriz.

As situações relatadas pelos artistas distanciam os editais da lei, de acordo com Flávio Leão Bastos, professor de direito constitucional da Universidade Presbiteriana Mackenzie. "Em geral, eles costumam ter linguagem muito técnica, além de serem burocráticos. Mas seu papel é dar oportunidade a todos, pois ele é público. E receber o máximo de ofertas de parcela que compõe

uma sociedade, dos mais vulneráveis a artistas famosos."

Já Ferdinando Martins, professor de artes cênicas da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, defende que os editais sejam exigentes para manter a qualidade do trabalho que chega ao público e, ainda, por lidar com dinheiro público. "Já vi erros grosseiros em apresentações de editais, como um grupo que disse que faria uma peça para 1,200 em dez sessões, num teatro onde cabiam cem pessoas. Ou seja, a conta não fechava. Isso não pode acontecer, é uma falta de atenção do artista."

Segundo Martins, a questão da linguagem rebuscada em editais não se sustenta. "Há várias oficinas e grupos em redes sociais em que há trocas de informações que podem ajudar quem tem dúvidas. O artista precisa ter boa vontade em entender que a lógica da administração pública é outra". Arzibáez, 33 anos, sendo os últimos 12 dedicados ao teatro, Gal Spitzer, de 39 anos, afirma também ter desistido de alguns dos editais públicos, que, para ela, são excludentes. "Não é só pela burocracia e pela linguagem, mas também pela panela que existe há anos".

Continua na pág. C5



É difícil ler e compreender o que está escrito, porque os editais usam termos muito técnicos. Para quem eles escrevem com aquele linguajar? Se você escreve fora desse padrão, que parece mais um TCC [trabalho de conclusão de curso], está fora. Parece que só os que conseguem ter mais acesso à educação se destacam. A arte fica em segundo plano

Júlio Silvério
ator

Continuação da pág. C4

"São os mesmos ganham sempre, porque só justamente os que sabem as manhas para serem contemplados", continua. De acordo com o ator, um grupo seleto conquista os recursos porque há especialistas em editais. "Você tem que ser craque ou contratar alguém que seja para ter alguma esperança de conseguir".

Spitzer diz que contratar especialista em elaborar editais pode custar caro. "Tem uns que ficam com uma porcentagem. Outros cobram valores que variam de R\$ 1.000 a R\$ 10 mil. Varia de acordo com o tamanho do projeto", afirma a atriz, que está em cartaz com a peça "Ex Bom É Exumado".

Mesmo que o artista seja contemplado por algum edital, segundo ela, vai sofrer com a burocracia posterior. "Até quem contratar alguém para captar recursos, como é o caso da Rouanet. São vários estresses, dá preguiça, é já mais fácil fazer por conta própria".

Martins diz que não são poucos os recursos disponíveis em editais. "Poderia haver mais, mas existe uma preocupação e um esforço das comissões, pelo menos das que participei, em incluir o máximo possível de grupos contemplados". A Secretaria de Cultura e

Economia Criativa do Estado de São Paulo diz que desde 2019 visa desburocratizar os regulamentos, reduzindo exigências e tornando mais claros os critérios. Dia ainda que nem sempre a sua relação com o dinheiro foi fácil. A família fechava o mês com as contas apertadas e não se organizava financeirairamente.

A influência mudou as formas de ver o dinheiro com as aulas de matemática financeira que teve na faculdade de administração, que cursava com uma bolsa de estudos.

Na época, ela era uma das melhores vendedoras de cartão de crédito em uma loja, mas começou a se sentir culpado ao ajudar as pessoas a se endividarem. Durante meses ela pensou em formas de ajudar essas pessoas. Nasceu aí o canal Nath Finanças, em 2019.

A influência mudou o vídeo foi gravado no seu quarto, com um celular, e tinha um barulho horrível de ventilador. Ele se questiona como as pessoas conseguiram fazer isso. O primeiro investimento foi de R\$ 15 mil, na compra de um tecido branco para cobrir a parede.

O trabalho de edição dos vídeos levou mais de um mês. Começou quando Nath ganhou um equipamento de iluminação da influenciadora Clara Oliveira, do canal De Prejuízo. Tu visitou a casa dela para falar de finanças e ela me perguntou se eu queria equipamento e me deu", recorda. No final de 2019, Nath se inscreveu em um concurso do YouTube e ganhou a primeira câmera, tripê, jóia de iluminação e um treinamento de duas semanas com profissionais. Mas ele passou a ganhar dinheiro com o conteúdo apenas em 2020. "Eu tinha muita visualização, mas o que eu ganhava do YouTube nos primeiros meses era menos de um salário mínimo".

Com influenciadores de baixa renda, dia a dia é visto sem luxos

Partindo de dores particulares, vozes da periferia buscam crescimento abordando finanças, o racismo e até a filosofia

Martha Alves

SÃO PAULO Quem nunca se deparou com um influenciador digital em suas redes sociais? Pessoas comuns que compartilham suas vidas e querem acumular seguidores e conseguir contratos. Mas não é apenas o lucro e a ostentação que ajuda anônimos a ganharem fãs na web. Vini, participante do "BBB", se apresentou como um "influencer de baixa renda", com vídeos engraçados e espontâneos sobre "a vida de pobre". Com um celular na mão e várias ideias na cabeça, moradores de regiões periféricas têm mostrado sua realidade para milhões e alguns conseguem ascender economicamente com isso.

Maurício Pestana, CEO do Fórum Brasil Diverso, diz que durante muitos anos os negros, a maioria da população brasileira, não tinham espaço para falar, e a comunicação acontecia apenas entre eles. As redes sociais vieram mudar esse cenário, dando mais espaço à voz da periferia. Nathalia Rodrigues, de 23 anos, a Nath Finanças, é uma dessas influenciadoras e empresária, ela ascendeu economicamente produzindo conteúdo sobre educação financeira. No YouTube, com cerca de 280 mil seguidores, ela atua como a usuária do Fundo de Garantia do Tempo de Serviço, FGTS, a criar uma planilha de organização financeira.

Nascida em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, ela diz que nem sempre a sua relação com o dinheiro foi fácil. A família fechava o mês com as contas apertadas e não se organizava financeirairamente. "A única coisa que me fez anotar no caderninho, mas nada de como criar na criança uma consciência financeira".

A influenciadora mudou as formas de ver o dinheiro com as aulas de matemática financeira que teve na faculdade de administração, que cursava com uma bolsa de estudos. Na época, ela era uma das melhores vendedoras de cartão de crédito em uma loja, mas começou a se sentir culpado ao ajudar as pessoas a se endividarem. Durante meses ela pensou em formas de ajudar essas pessoas. Nasceu aí o canal Nath Finanças, em 2019.

A influência mudou o vídeo foi gravado no seu quarto, com um celular, e tinha um barulho horrível de ventilador. Ele se questiona como as pessoas conseguiram fazer isso. O primeiro investimento foi de R\$ 15 mil, na compra de um tecido branco para cobrir a parede.

O trabalho de edição dos vídeos levou mais de um mês. Começou quando Nath ganhou um equipamento de iluminação da influenciadora Clara Oliveira, do canal De Prejuízo. Tu visitou a casa dela para falar de finanças e ela me perguntou se eu queria equipamento e me deu", recorda. No final de 2019, Nath se inscreveu em um concurso do YouTube e ganhou a primeira câmera, tripê, jóia de iluminação e um treinamento de duas semanas com profissionais. Mas ele passou a ganhar dinheiro com o conteúdo apenas em 2020. "Eu tinha muita visualização, mas o que eu ganhava do YouTube nos primeiros meses era menos de um salário mínimo".

Influenciadora explica que para uma pessoa ganhar com a monetização na plataforma de vídeos precisa atender algumas regras, como ter pelo menos mil inscritos no canal 4.000 horas visualizadas por ano. "Eu fiquei um ano produzindo vídeos para receber R\$ 300. Foi o investimento que eu fiz por dois anos".

A virada veio em 2020 quando começou a aparecer em reportagens, entre elas neste jornal e no programa "Encontro" com Fátima Bernardes. Com 12 mil seguidores no YouTube, ela diz que começaram a surgir propostas de vídeos de publicidade. Em janeiro de 2021, já eram 40 mil seguidores. "A pandemia fez meu canal crescer mais de 500%". Hoje, ela aparece como uma das 50 maiores líderes do mundo na lista de 2021 da revista Forbes, encabeçada por Jacinda Ardern, primeira-ministra da Nova Zelândia. Ela continua produzindo vídeos para seu canal, seguidos por anônimos e famosos aparece na TV, faz palestras sobre finanças pessoais e comanda sua própria empresa. Não parado, teve um contrato com a rede de lojas para para inaugurar o escritório da empresa. Mas o que a influenciadora se orgulha mais é de ter 12 funcionários com carteira assinada. Ela pretende ainda este ano começar a pagar Participação nos Lucros e Resultados, PLR, para os funcionários e trazer o "aulão look" no valor de R\$ 300 para comprar roupas.

Outro influenciador de baixa renda que já colhe frutos de seu trabalho é o estudante de licenciatura em história Marcelo Marques, de 20 anos, conhecido como Audino Vilão no YouTube. De Paulínia, no interior de São Paulo, ele quebra barreiras ressoando filosofia com girias desde 2016. O nome do canal, com cerca de 130 mil inscritos, é uma mistura de Marques usando o apelido de Polmon com quem tem audição aguçada, com o apelido Vilão, que identifica com a "quebrada".

Os vídeos são gravados no quarto de Marques usando apenas um celular para gravar e editar e um anel de luz. "Uso girias porque é o jeito que eu me comunico no dia a dia, não quero soar como os meus amigos", diz o youtuber.

Marques conta que seu interesse pela filosofia surgiu ainda no ensino médio e ganhou de seus amigos usando o Crepúsculo dos Ídolos, de Friedrich Nietzsche, a quem ele se refere como "rouba brisa", em um de seus vídeos mais vistos, sobre a importância de atê nos momentos de descanso. "Eu me revelei quando comecei a ler porque não estava entendendo. Foi procurar aqui [online] eu li o livro de Paulo Freire e de Clóvis de Barros Filho".

Mas ele viralizou mesmo ao explicar em um vídeo do canal as principais ideias do "mano" Karl Marx, intitulado "Traduzindo Karl Marx para Gírias Paulistas", que soma mais de 200 mil visualizações. "Os meios [de produção] é como se fabrica. Entendeu, Jadir? É na firma que você trava, naquele bagulho daquele carro que você faz um frete, é o íbode que tu entregou, explica. Já se tornou um meme. Começou na infância, quando ganhou uma pequena dinossauro e brincava de paleontólogo entrando no brinquedo".

No final de 2021, ele pretende produzir conteúdos sobre história para o canal, lecionar em sala de aula e talvez fazer uma faculdade de filosofia. Sem re-

velar valores, ele diz que sobrevive da monetização do canal, publicidade e palestras.

Segundo Marques, o grande retorno que tem com seus vídeos é ver cada vez mais pessoas se interessando por filosofia e voltarem a estudar. Ele revela que muitos jovens da periferia o procuraram perguntando como poderiam entrar no programa de Educação de Jovens e Adultos. Outro sucesso da periferia é a Samantha Cristina, de 34 anos, gerente de uma casa de shows em São Paulo e criadora do perfil Estaremos Lá no Instagram, ao lado de três amigas — Bia Bibe, Carol Silvano e Stella Yeshea. Juntas, falam sobre racismo e trabalham a autoestima das pessoas pretas com bom humor.

Cristina diz que os negros não têm visibilidade na grande imprensa, na maioria das vezes, ou pessoas que estão se autodenominando como "branco" não têm espaço para falar sobre racismo. É lidar com os iguais sobre o assunto com a boca do preconceito.

Além disso, ela diz que as pessoas não têm medo de falar sobre racismo. É lidar com os iguais sobre o assunto com a boca do preconceito. Além disso, ela diz que as pessoas não têm medo de falar sobre racismo. É lidar com os iguais sobre o assunto com a boca do preconceito.

Após o episódio, ele ligou para ela, que o convidou para jantar em um shopping com as amigas. O grupo ficou na praça de alimentação. Uma mulher com uma bandeja se desequilibrava e derrubou a comida no chão. Preocupada, ela se aproximou para ajudar e ouviu da mulher que só precisava que limpasse o piso. "Eu não olhei na nossa cara, a gente não estava com fome, não estava com fome de trabalhar do shopping".

Cristina lembra que, na época, todas eram vendedoras de lojas e ficaram com a responsabilidade de ajudar a mulher a se levantar. Correram para o banheiro, gravaram com o celular o primeiro vídeo relatando o que aconteceu e postaram na internet. "Quando as pessoas brancas pensarem que não podemos, estaremos lá".

Uma semana após a postagem, elas tiveram 1 milhão de seguidores. O grupo decidiu criar um canal no YouTube para produzir conteúdo apertado com o celular. "A gente saiu no meio da internet com isso no colo e arrumamos uma comunidade com o humor ácido e com humor ácido".

Cristina afirma que entende as pessoas que lidam com o racismo quebrando a postura de não falar sobre racismo, fazendo com diálogo por dentro das redes sociais. "Sempre houve e haverá muitos casos de situações de racismo. A gente não precisa ter medo de falar sobre racismo, porque a gente acredita que deveria ser feito pelo Estado".

"Quero ser a referência que eu não tive quando pequena. Não quero ser aquela pessoa que trabalha a autossua vida das pessoas pretas que não tiveram referência nem pertencimento a certos de lugares e elite".

ilustrada

Desgostos musicais

Tente explicar para meus quadris que a letra desse funk é machista

Manuela Cantuária

Roteirista e escritora. Faz parte da equipe do canal Porta dos Fundos

Se o algoritmo do Spotify fosse uma mulher, ela já estaria recorrendo a remédios controlados. Imagino a DJ exausta me sacolejando pelos ombros: "mas você não é feminista?". Sim. "Como, se a vocalista da sua banda indie novo-índica preferiu destruir a vida da namorada, uma modelo que perdeu todos os seus contratos quando os dois foram pegos pela rainha?". Eu sei, é complicado.

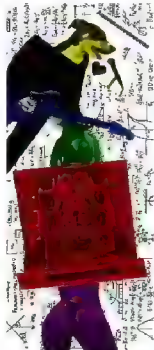
Mas poderia ser tão simples: gosto do som dele. Isso não significa que vou jogar minha cachincha no palco quando ele vier em turnê para o Brasil. Ser feminista também é sobre não aceitar as privações que nos foram impostas. E eu não vou renunciar ao prazer de ouvir esse machista no repeat. Se dele tá lá da minha playlist significa que o fim da violência física, sexual, psicológica, patri-

monial, social e moral é a qual as mulheres são submetidas, eu não pensaria duas vezes. Para agravar a confusão mental do meu algoritmo, não me limito a bandinhas alter nativas que só três pessoas conhecem. Sou uma profunda apreciadora de ritmos brasileiros como funk, brega, piseiro, sertanejo, pagode — e não estou sozinha nessa. Aprendi a coreografia de "Late, Coru-

ção" no TikTok para descobrir que o responsável pelo hit foi preso por violência doméstica. A gente não tem um minuto de paz nem quando quer se expor ao ridículo. Na culpa de sempre é a galera do meu lado trouxe para a praia, a letra impositiva de um funk demanda que eu rebule para o "pai". Eu poderia fugir para o mar e me afogar em um redemoinho de pro-

bliemmatização. Mas já diria o poeta: eu só quero é ser feliz. É meu dia de folga. Enquanto rotineira, no caso, porque a jornada de trabalho feminista é de 24 horas por dia, sete dias por semana. Posso não concordar com a letra, mas tente explicar isso para meus quadris.

O piseiro, ritmo das vaquejadas que enlaçou meu coração e de milhões de brasileiros, me apresentou a Taty Vaqueria. Uma mulher de gostos simples — no caso, cachoça — que, em sua vida bruta para se destacar em um meio dominado por homens, deu um nó na minha cabeça. Quando escuto no máximo volume ela rimar "sou teu animal" com "vem dançar fazendo amor no curral"; só o algoritmo do Spotify pode me julgar. Eu me recuso a fazer o mesmo.



| Ilum. Ricardo Araújo Pereira | SGE, Sílvia Braune | TER, Manuela Cantuária | Quá, Gregório Duvivier | Qui, Flávia Boggio | SEX, Renato Terra | Sáb, José Simão

É HOJE EM CASA

Tony Goês

tonygoes@uol.com.br

Documentário mostra a vida dos haitianos em São Paulo

O Haiti é no Cambuí

PlayPlus, live
Entre 2013 e 2016, mais de 30 mil haitianos entraram no Brasil, fugindo das terríveis condições de vida em seu país natal. Muitos se estabeleceram no bairro paulistano do Cambuí, onde hoje é comum se ouvir o idioma crioulo nas ruas. A partir de uma ideia de Gustavo Costa e com produção e roteiro de Mariane Salenou, uma equipe de TV buscou ouvir os moradores do lugar. O resultado está disponível no PlayPlus, a plataforma de streaming do grupo Record.

Filmando Casablanca

Netflix, 16 anos
Este filme húngaro, com diálogos em inglês e bela fotografia em preto e branco, revisita o drama pessoal que o diretor Michael Curtiz, nascido na Hungria, viveu durante as filmagens de sua obra-prima, o clássico "Casablanca".

O Chamado da Noite

TV, 2021, e Disney+
Esta minissérie do gênero "true crime" reconstitui, em quatro episódios, o caso do serial killer que aterrorizou a cidade australiana de Perth na década de 1960.

Crise

Telecinco Premium, 22h, 16 anos
O vício em opioides, um problema seríssimo nos Estados Unidos, é o pano de fundo deste thriller, que reúne as histórias de um pesquisador da indústria farmacêutica, uma viúva em recuperação e um agente infiltrado dentro de um cartel. Com Gary Oldman, Evangeline Lilly e Armie Hammer.

#Provoça

Cultura, 22h, 10 anos
Marcelo Tas conversa com o historiador baiano Paulo César de Araújo, autor das biografias "Roberto Carlos em Detalhes", que foi censurada em 2007, e da recém-lançada "Roberto Carlos Outra Vez".

Sabor à Brasa

Food Network, 22h45, live
Na sexta temporada do programa, o chef Roger Mooking percorre os Estados Unidos em busca dos melhores assados e seus acompanhamentos.

Professora Sem Classe

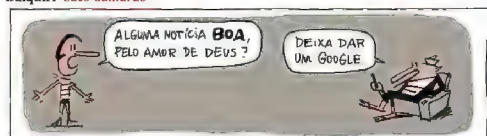
Sat, 22h, 14 anos
Cameron Diaz faz uma professora desleal que tenta dar o golpe do bati-man no colega, vivido por Justin Timberlake.

QUADRINHOS

Piratas do Tietê Laerte



Daquiri Caco Galhardo



Níquel Náusea Fernando Gonsales



A Vida Como Ela Yeah Adão Iturrugarai



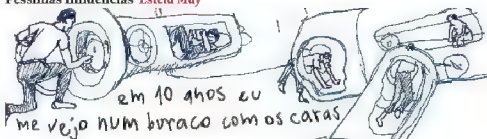
Não Há Nada Acontecendo André Dahner



Viver Dói Fabiane Langona



Péssimas Influências Estela May



FORA DE LUGAR

testa, por fim

MÉDIO

4	7				5	6
	1	2	7			
5				3	1	
1	3		9		7	
		9		8		1
			1	6		7
					8	6
3	8					2
						1

O Solu é um tipo de desafio lógico com origem japonesa e apresenta peças LxH e peças JxH. As regras são simples: o jogador deve preencher o tabuleiro com peças L e J, de modo que não haja buracos no final. Cada peça LxH é formada por quatro quadrados e cada peça JxH é formada por três quadrados. O jogo é considerado um dos mais difíceis de resolver, com uma solução única para cada tabuleiro.

TESTES

HORIZONTAIS

1. Uma planta como a cor-de-frade ou o xique-xique / 2. Imposto sobre Operações Financeiras / 3. Ter afeto por alguém / 4. Um peixe caçado em pesca submarina / 5. Alavanca para acionar manualmente um mecanismo / 6. As micas do filósofo alemão Nietzsche (1844-1900), de "O espírito livre" / 7. Aquele que converte sapatos / 8. Função trigonométrica oposta ao cosseno / 9. (Ing.) EUA / 10. Cortar rente o cabelo de / 11. Abreviação de Banco Central / 12. Outro nome da árvore balaústa / 13. Tirar a umidade / 14. O som que imita um tambor / 15. Quantidade que é duas unidades menor que cinco / 16. Abreviação de senhora / 17. Boxer / 18. Uma das últimas fases do voo do avião / 19. Sentimento de delicado afeto / 20. O que transforma algo em oração / 21. Computador que tem poucas chances de vencer

VERTICAIS

1. Clube Atlético Mineiro / 2. Base na qual organismos vivos se desenvolvem / 3. Sentir amargura / 4. Estar na posse, ser proprietário ou estar no gozo de / 5. Um recipiente para se beber o chopp / 6. Perder a resistência / 7. Duplo ponto que se aplica aumentando o u / 8. Usar de menos para conseguir algo / 9. Um símbolo dos cristãos / 10. Guia intelectual / 11. O grande deserto do norte da África / 12. Instituto de Engenharia / 13. Lutar se vencer ou comprometer / 14. Sem pais (fem.) / 15. Ave de grande porte, faz voos planados / 16. Sinal que representa um som / 17. Prefixo musical

1	2	3	4	5	6	7	8	9
1								
2								
3								
4								
5								
6								
7								
8								
9								
10								
11								
12								
13								

Horizontal: 1. Atlético Mineiro / 2. Base na qual organismos vivos se desenvolvem / 3. Sentir amargura / 4. Estar na posse, ser proprietário ou estar no gozo de / 5. Um recipiente para se beber o chopp / 6. Perder a resistência / 7. Duplo ponto que se aplica aumentando o u / 8. Usar de menos para conseguir algo / 9. Um símbolo dos cristãos / 10. Guia intelectual / 11. O grande deserto do norte da África / 12. Instituto de Engenharia / 13. Lutar se vencer ou comprometer / 14. Sem pais (fem.) / 15. Ave de grande porte, faz voos planados / 16. Sinal que representa um som / 17. Prefixo musical



Angela Aba

Os erros de Whoopi Goldberg

Ver o mundo em preto e branco é caminho rápido para ser cruel sem perceber

João Pereira Coutinho

Escritor, doutor em crítica poética pela Universidade Católica Portuguesa

Ver o mundo em preto e branco nunca fez bem a ninguém. Tempos atrás, escrevi nesta Folha que existe um estranho esquecimento nas discussões atuais sobre racismo, os judeus. O pretexto era o livro de David Baddiel, "Jews Don't Count", que arrisca várias hipóteses para esse esquecimento. O antissemitismo é religioso, dizem uns. O antissemitismo é uma forma de

antissemitismo, dizem outros.

Fracas explicações, diz Baddiel. Há judeus ateu, há judeus que marcham contra o Estado de Israel. O antissemitismo não discrimina na hora de odiar ou matar.

Para o autor, a resistência em incluir os judeus nas vítimas de racismo está na forma estreita de como o próprio racismo é discutido hoje em dia: uma espécie de clube exclusi-

vo onde só os negros têm voz.

Nada mais falso. O racismo existe onde existe um preconceito contra uma "raça" que se considera inferior ou sub-humana. E existem dois crimes nessa atitude: um crime científico, no uso da palavra "raça", e um crime moral, na discriminação e ódio sobre minorias.

Nesse sentido, negros, indígenas, cigãos, judeus, albi-

nos, uígres — todos podem ser vítimas de racismo. A cor da pele é um detalhe quando falamos de submissão e poder. Esse foi o primeiro erro de Whoopi Goldberg. Aconteceu em programa de TV, quando se discutia a proibição da graphic novel "Maus" numa escola do Tennessee: o Holocausto não foi por racismo, afirmou de uma vez. Foi pura desmoralização de um homem sobre o homem

—do homem branco sobre o homem branco, entenda-se. Horas depois, a atriz pediu desculpas por sua ignorância. Parece que o racismo também explica o Holocausto, no fim das contas.

Mas existe um segundo erro na teoria de Whoopi Goldberg, que ganha contornos bem irônicos: se existe um momento em que o antissemitismo ganhou dimensão genocida por motivos raciais foi precisamente na Alemanha nazista. Nem sempre foi assim. Quando olhamos para a milenar história do antijudaísmo (talvez essa palavra seja mais correta que antissemitismo), é possível encontrar diferentes camadas de ódio, cada uma com sua natureza.

O antijudaísmo romano era essencialmente político e nascia da vontade do império em subjugar uma minoria no Oriente Médio. Admissão do Segundo Templo em 70 d.C., como resposta às rebeliões judaicas, e a consequente dispersão dos judeus pelo império romano marca o fim desse antijudaísmo político na antiguidade.

Segue-se um antijudaísmo religioso, em que os judeus são vistos como assassinos de Jesus. Na Europa cristã, e sobretudo com a Reforma Protestante do século 16, as matanças antijudaicas são justificadas à luz do dogma religioso.

Mas é no século 19 que o antijudaísmo racial desponta como marca distintiva: a pureza da raça rapidamente contamina o nacionalismo alemão. Com os nazistas, essa doença atinge paroxismos de repulsa e destruição.

No seu "Mein Kampf", Hitler é explícito: "sempre que os arianos misturam o seu sangue com o de povos inferiores, o resultado é a extinção do elemento civilizador".

A título de exemplo, o grande Adolfo citava a colonização da América Latina por contraposição à América do Norte. Na primeira, os colonizadores foram portugueses e espanhóis, ou seja, raças inferiores que não hesitaram em misturar o seu sangue com raças ainda mais inferiores.

Na América do Norte, o elemento germânico sempre foi avesso a essas misturas. Razão pela qual era possível encontrar uma civilização densa volvida a norte, mas não a sul.

A conclusão prática desse "raciocínio" (diquis assim) dispensa grandes comentários. Exceto para lembrar que a "solução final para a questão judaica", decidida em Wannsee há 80 anos, mostra bem como a prioridade em 1942 não era apenas vencer a guerra (objetivo que se revelava cada vez mais difícil, perante a tenaz soviética e americana que se fechava sobre Berlim).

Era mobilizar os recursos necessários para exterminar uma "raça" —tarifa a que os soldados do Reich se dedicaram até à rendição, e mesmo depois dela.

Ver o mundo em preto e branco nunca fez bem a ninguém, repito. Porque esse é o caminho mais rápido para você ser cruel sem perceber que é.

Whoopi Goldberg, suspensa do canal ABC (um absurdo ao exagero), aprendeu isso a duras penas. E você?

| SSG, Luiz Felipe Pondé | TBR, João Pereira Coutinho | JUA, Marcelo Coelho | JUI, Drauzo Varella, Fernanda Torres | SEX, Djamilia Ribeiro | SÁB, Mano Sérgio Conti



Nara Leão com Aloysio de Oliveira, em pé, Carlos Lyra, à esq., e Vinícius de Moraes durante ensaio do espetáculo "Pobre Menina Rica", em fotografia no livro "Nara Leão: Nara - 1964" (D'Oliveira)

Canção de Chico tem vigor apesar da polêmica

Na disputa a "Com Açúcar, com Afeto", pouco se fala de como a música segue sua trilha com incomensurável tristeza

ANÁLISE

Sidney Molina

Um filme pode ter cenas pesadas, difíceis de assistir e ainda ser um grande filme, assim como pode retratar temas edificantes e ser fraco. Ou uma obra plástica figurativa não se explica ao todo sem vermos aspectos como cor e luz.

Em arte, frequentemente o "como" (tessitura, invenção) qualifica (afirma, nega, põe em dúvida) o "quê" (a literalidade do tema representado).

Quando tomamos uma canção popular, acontece o mesmo. O texto poético é então do melodicamente, enquanto se encaixa numa harmonia (os acordes que, ao violão ou

teclado, criam território para o canto). Canção é "palavra-cantada-e-harmonizada"; e é assim, no todo, que ela constrói e desconstrói sentidos.

Na polêmica resultante da legítima decisão de Chico Buarque não mais cantar "Com Açúcar, com Afeto", de 1967, pouco se tem falado da canção em si —sua música, a relação do texto com notas e acordes, o modo como se definem e oscilam os tais afetos. Antes da polêmica, como se dá a afetividade em "Com Açúcar, com Afeto"?

Em linhas gerais a melodia da canção é apertada, ela caminha em passos curtos, murmurantes, quase mínimos. Ela é também cromática, passa por notas "erradas",

que não pertencem aos acordes do acompanhamento (a mais forte, no trecho inicial, está no verso "pra você parar em casa"). Isso, junto ao texto, carrega o todo de um tom afetivo, sufocado, hesitante.

A temperatura tensional sobre o "insusqueável" qual o quê —a subida do baixo (nota mais grave) conflita com a repetição obsessiva da melodia ("com seu ternio mais bonito, você sai, não acredito").

Chico invariavelmente utiliza a repetição de células melódicas quando quer retratar estruturas fixadas, contra as quais é difícil lutar. Isso se dá em "Construção", "Cordilão" e muitas outras. O mais interessante em "Com Açúcar", porém, acon-

tece a partir da variação "sei lá o quê" ("sei que alguém vai sentir junto/ Você vai puxar assunto") —a canção vai para o tom maior e se enche de luz. O canto da personagem, porém, segue em seu passo apertado, na angústia de imaginar os prazeres do ser amado. A sofisticação de Chico atinge ponto alto em "você vai querer cantar", quando a melodia salta uma oitava (entre o "can" e o "tar"), como se evocasse o canto livre que faz falta.

A música enfim retorna sobre si mesma —junio com o retorno ao lar ("quando a noite enfim lhe causa/ você vem fêz criança"), recuperando a inexistente monotonia curta e tortu do início.

Mas, como no melhor Jobim,

a repetição musical não é literal —uma variação começa em "e ao ver assim cansado", atingindo ponto culminante após o derradeiro "qual o quê" ("logo vou esquecer seu prato"), quando a insustentabilidade da dor ameaça libertar num agüido suspiro antes atingido, avoz da personagem que, porém, fraca, desce de vertiginosamente a seu restrito âmbito original.

"Com Açúcar, com Afeto" foi escrita para Nara Leão e gravada em seu disco "Vento de Maio". No mesmo ano surge no LP "Chico Buarque de Holanda Vol. 2", não interpretada pelo compositor, mas pela cantora Jane Moraes.

A versão famosa na voz do autor está em "Chico Buar-

que e Maria Bethânia Ao Vivo", de 1975, onde é precedida por uma estonteante interpretação de Bethânia por a canção "Sem Açúcar", que explicita sem peias a violência de uma relação tóxica ("vejamos" tu de dia sou tua flor, eu de noite sou seu cavalo).

No calor das discussões basta ficar com o que escreveu Tamaris Coutinho neste jornal. "Se reviver sua obra optar por desdenhar dela é a maneira que encontrou para ajudar na luta das mulheres por respeito, que ótimo!"

Enquanto isso, a canção segue sua trilha, na qual o afeto colocado com açúcar pela personagem é, em termos musicais, o de uma incomensurável tristeza.

comida



O baked alaska da Gelato Boutique nasce de base de pão-de-ló coberta com merengue e maçaricada no final

Karine Kawanishi/Polymag

No estilo anos 1990, sorvetes de SP ganham montagens gulosas

Ingredientes artesanais compõem de milk-shake de pudim a dupla com cookie

Flávia G. Pinho

SÃO PAULO Basta uma circular da peline sorveteria há zona oeste de São Paulo para notar algo relativamente novo nas cubas geladas. O sorvete de morango, por exemplo, não é mais rosa-chiclete, assim como o de pistache já não exibe aquele tom verde-íluo-rescente do passado.

Por trás dessa mudança está uma nova geração de sorveteiros que, nos últimos dois anos, se estabeleceram nos bairros paulistanos de maior vocação gastronômica e acabaram mudando a cara e o sabor dos nossos verões.

Entre eles, há desde estreantes na profissão até chefiados de cozinha consagrados — como do catalão Océar Bosch, sócio do restaurante Tanit e do Nit Bar de Tapas, que inaugurou a sorveteria Moo Moo no Itaim Bibi nesta quarta (9).

Essa turma prefere entregar suas receitas do zero e economizar estabilizantes, emulsificantes e saborizantes indus-

trializados. Os ingredientes são frescos, de preferência locais e da estação, sempre que possível comprados de pequenos produtores.

Uma das pioneiras, Marcia Garbin, da Gelato Boutique, começou a vender seus sorvetes em 2012, em carrinhos que percorriam feiras gastronômicas e festas. Ela lembra como o cenário da época. “Até quem fazia sorvete mais ou menos tinha sucesso, por que os clientes mal conheciam os artesanais”, conta ela, hoje à frente de duas lojas, no Jardim Paulista e em Pinheiros. Fernanda Bastos e Thomas Zande, da Frida & Mina, vieram logo depois. Abriam a primeira sorveteria em Pinheiros, em 2013, com a proposta de só usar ingredientes que também entram nas listas de supermercado — zero de bases industrializadas.

Hoje, com duas unidades, ambas em Pinheiros, o casal vende sorvetes de morango com vinagre balsâmico e de laranja com palanê de cas-

nhas-de-caju — na casquinha de biscoito artesanal, uma bola custou R\$ 14. Em um único domingo de calorão, chegaram a sair até 1.200 unidades ao dia.

Montagens cada vez mais gulosas são a bola da vez. Na Gelato Boutique, Garbin prepara sobremesas antigas que andavam sumidas, comoostas de sorvetes com doces e caldas (R\$ 39 cada uma) e o baked alaska (R\$ 39) sobre uma base de pão-de-ló, o sorvete é coberto por merengue italiano e tostado no maçarico.

Na Moo Moo, Bosch trsu- ingredientes junto com os

sorvetes. É possível escolher uma receita da casa, como o king kong, que leva sorvete de banana triturado com sabão (massa crocante) de noz-peca, cubinhos de banana desidratada e suspiros (R\$ 24), ou fazer a mistura a gosto.

A novidade é o sorvete de yuzu, fração do Olin. Também é possível combinar os sorvetes com brownie ou cookies assados ki. Para bebês e cães, tem picolé de fruta pura, batido em traco de uva.

Na Pine Co., que funciona desde 2018 em Pinheiros, quem responde pela criação dos sabores é o descendente de coronas Raphael Lee. Ele se define como um camaleão — muda ao sabor dos ingredientes e ideias que surgem.

A novidade é o sorvete de yuzu, fração do Olin. Também é possível combinar os sorvetes com brownie ou cookies assados ki. Para bebês e cães, tem picolé de fruta pura, batido em traco de uva.

Na Sorveteria do Centro, que o casal Jefferson e Jaina Rueda abriu em 2018, os sorvetes são do tipo soft, aquele ultracremoso das lanchonetes fast food, mas em produção 100% artesanal.

As casquinhas produzidas na casa ganham diferentes cores pela adição de especiarias, cacau, beterraba ou car-

É muito divertido brincar com os sabores.

No começo, eu atravessava a rua, entrava no hortifrutti e fazia sorvete com o que achava no dia. Só o de charuto não pegou

Raphael Lee

criador de sabores na Pine Co

vão mineral. Maiores dos que o tamanho convencional, acomodam outros ingredientes — no geladão (R\$ 25), o sorvete de leite quase desaparece sob camadas de bolo gelado, mussê de coco, coco crocante, poejo, calda de chocolate e chocolate branco com coco.

“Quando era criança, adorava tomar sorvete cheio de confeitados na Alaska. Essa foi nossa inspiração”, diz Juniani. A saudade dos sorvetes da infância também guiou o casal Larissa Schutze e João Nascif, que inaugurou a sorveteria Pingüina em 2019.

“Não queria lançar mais um gelato italiano cremoso. Preferia vender um autêntico sorvete brasileiro, que formasse bolas”, explica Schutze.

Em uma máquina de 1968 restaurada, a dupla bate sorvetes de mangas colhidas na fazenda da família e café da torrefadora Tocaça, entre outros sabores. Frutas como cupuaçu, graviola, seriguela, goiaba, jabuticaba e caju aparecem quando estão na época (R\$ 12 a bola).

Na última semana de janeiro, entram em cartaz os milk-shakes (R\$ 28) — o de pudim de leite é batido com o leite da Padua do Olin. Também é possível combinar os sorvetes com brownie ou cookies assados ki. Para bebês e cães, tem picolé de fruta pura, batido em traco de uva.

Na Pine Co., que funciona desde 2018 em Pinheiros, quem responde pela criação dos sabores é o descendente de coronas Raphael Lee. Ele se define como um camaleão — muda ao sabor dos ingredientes e ideias que surgem.

A novidade é o sorvete de yuzu, fração do Olin. Também é possível combinar os sorvetes com brownie ou cookies assados ki. Para bebês e cães, tem picolé de fruta pura, batido em traco de uva.

Na Sorveteria do Centro, que o casal Jefferson e Jaina Rueda abriu em 2018, os sorvetes são do tipo soft, aquele ultracremoso das lanchonetes fast food, mas em produção 100% artesanal.

As casquinhas produzidas na casa ganham diferentes cores pela adição de especiarias, cacau, beterraba ou car-

A busca por ingredientes naturais chega até as embalagens. Na Albero do Gelati, filial de uma sorveteria familiar fundada na Itália, os copinhos são de fêcula de mandioca (R\$ 14 o copinho). Em conteúdo com água ou leite, se decompõem em no máximo 30 dias — é só até comestíveis.

Ex-funcionária da matriz, Fernanda Pamplona recebeu a tarefa de adaptar os produtos para adaptar os sorvetes ao gosto paulistano. De rita com marmelada, por exemplo, virou rita com doce de leite.

Pamplona garimpou seussingredientes entre produtores artesanais para chegar ao conceito que ela chama de “sorvete agrícola” — um dos sabores mescla queijo da Capim Canastra, mel da Hebréia e castanhas-de-caju da Matary Cajupiruta.

O leite fresco e o creme de leite, as duas principais matérias-primas da sorveteria, são entregues semanalmente pelo projeto orgânico Terra Limpida, conduzido por produtores rurais italianos no município de Cassia dos Coqueiros (SP).

Até sabores bem italianos foram abraçados. O sorvete de stracciatella, recheio cremoso da burnata, aparece sob uma camada generosa de goiabada. “Tinha a vitrine no cor, para derrubar o mito de que sorvete saudável não tem sabor”, diz Pamplona.

Fazer sorvete do zero dá mais trabalho. Na indústria, é feita a oferta de produtos baratos, como o estabilizante, que evita a formação de cristais de gelo, e emulsificante, que garante a consistência.

Segundo Francisco Santana, proprietário da Escola Sorvete, receitas livres de tais produtos exigem mais conhecimento técnico do do sorveteiro. “Dizem não ser possível fazer sem eles, o que não é verdade. Mas é preciso saber balancear bem os ingredientes”, afirma. Usar adoçantes, o que preferem 100% naturais ajuda a conquistar um time crescente: os veganos. Em tese, todos se aliciam à base de açúcar, com frutas e adoçar, atendendo ao público. Em contrapartida, fica mais difícil de agradar à turma fit ou aos diabéticos, já que o açúcar é um ingrediente chave para a textura dos sorvetes.

“O que faço é produzir sorvetes com pouco açúcar, entre 18% a 20%. Mas, se quiser eliminar totalmente, terrei que usar adoçantes, o que prefiro não fazer”, explica Pamplona.

A saída, nesse caso, seria produzir picolé — segmento que, na indústria, também é usado para adoçar o sorvete.

Em mesmo Francisco Santana, entusiasta da ideia, pôs picolé à venda no delivery de sua fábrica-escola, atualmente focado nos sorvetes cremosos em potes (R\$ 39,90, com 400 gramas) e nas tortas de sorvete (de R\$ 89,90 a R\$ 99,90), outra modal ntrá recuperada.

Segundo ele, a produção dos picóles produzidos em fundo de quintal, por preços muito baixos, e o “trauma” do sabor “de fábrica” não fez muito empreendedores quebrar, tem impedido que esse segmento também deslance. Quem sabe no próximo verão.

Febre na cidade, hambúrguer de wagyu é iguaria ou ostentação?

Marcos Nogueira

SÃO PAULO Depois do hambúrguer artesanal, do hambúrguer gourmet e do hambúrguer de picanha, chegamos ao cúmulo (será?) do luxo no pão com carne moída: o hambúrguer de wagyu.

Você nem precisa sair de casa para perceber que o negócio está em alta. É só passear pelos aplicativos de entrega para notar com sanduíches de R\$ 40, de R\$ 50, de R\$ 65. Meios hambúrgueres, mas com carne de gado wagyu. Dizem.

Wagyu é o nome genérico das raças bovinas desenvolvidas no Japão. São animais confinados e superalimentados, portanto têm muita gordura entreteida na fibra muscular e carne extremamente macia. O preço atinge as alturas do absurdo, chegando a ultrapassar os R\$ 1.000 por quilo.

Parece sensato mesmo e encher de ketchup um produto assim? Existe uma pequena controvérsia.

Os defensores do hambúrguer wagyu tem dois bons argumentos.

1) Usam-se retalhos de carne e cortes de pouco valor comercial, que não seriam aproveitados de outra forma;

2) A gordura do animal tem um sabor especial.

Já os dois principais argumentos contrários são bastante contundentes:

1) É desnecessário usar carne tão cara;

2) Não dá para saber se você recebe o que compra.

O chef Thiago Gil comanda a hambúrgueria Koburger, em Pinheiros. O nome da casa se refere à cidade japonesa de Kobe, de onde saem os mais famosos bifes de boi wagyu. Todos os sanduíches da Koburger são feitos com essa carne e custam entre R\$ 34 e R\$ 51,90 no iFood.

“Fica viável porque temos o controle de toda a cadeia da produção”, diz Thiago. Seus sócios vêm das lanchonetes Kenstax, o maior rebanho de wagyu do Brasil, e do frigorífico Cowpig, que abate os bois e prepara os hambúrgueres para a lanchonete.

“Eles chegam congelados, embalados e com o selo de certificação”, conta o chef. “Quando algum cliente desconfia da procedência da carne, mostro o selo.”

Thiago concorda que a desconfiança é legítima. “Sei que vários lugares enganam os fregueses e servem outra carne



Sanduíches da Koburger custam a partir de R\$ 34

Dora Góes

como se fosse wagyu.”

“A maioria dos hambúrgueres de wagyu não tem nada de wagyu”, afirma Gil Guimarães, dono da hambúrgueria Parrilla Burger, em Brasília. “E, mesmo se for de wagyu, não faz sentido para mim.”

É o paradoxo do hambúrguer de wagyu. O prestígio

desse carne vem da extrema maciez — quando moída, porém, qualquer carne fica macia devido ao rompimento das fibras.

Gil defende o emprego dos animais de genética zebu, de origem indiana, predominante em nossos países. “Usar o zebu é maravilhoso. Temos

o nlore, muito mais barato e saborosíssimo.”

O acroqueiro Joel Oliveira, das Carnes Búlgaras, em Perdizes, tem opinião semelhante. “Eu faço hambúrguer de Angus porque 80% a 90% da carne que eu recebo é de Angus”, conta. “Mas não precisaria fazer.”

Joel evita criticar duramente quem vende hambúrguer de wagyu — ele não vende — e diz que o processo de desossa e limpeza dos cortes pode tornar a carne acessível. “Quase todo hambúrguer é feito com retalhos de carne de gordura que sobram de esse processo.”

Thiago afirma se bem — mistura de carne — vem de três procedências: apenas da limpeza do peito e do acém, mais a peça inteira do pescoço do boi. São partes que nunca poderiam ser vendidas a altos preços em açougues de luxo como o Paraguassu.

Faltam dois por cento: o Frenesi, o Frisson, o hype, fogo na raba com hambúrguer de wagyu. Aparentemente, a chavada na composição gastronômica do bicho, o que se faz de ração até quase explodir.

“A gordura do wagyu tem gosto de manteiga”, diz Joel. “Já viaram me perguntar se eu

havia posto manteiga no sanduíche”, diz Thiago. “Só que eu não passo manteiga no pão.”

Ele nega que tenha usado alça o hambúrguer de wagyu melhor do que os outros. “Não tem melhor ou pior, naigem ou desvantagem. É tudo questão de gosto.”

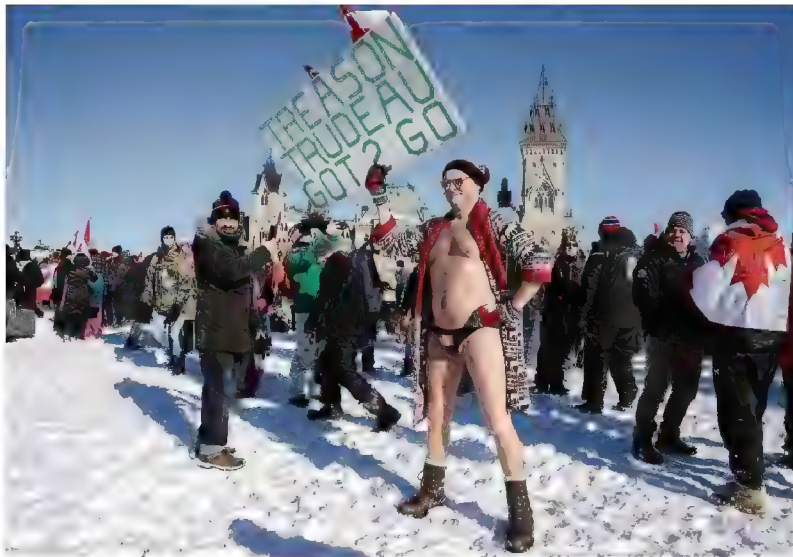
E há quem cede com força essa coisa de wagyu moída. “Hambúrguer de wagyu é uma das coisas mais tóxicas que tem na voz de fazer”, afirma Paulo Yoller, da Meats, também em Pinheiros. “Eu não gosto. Eu acho que fala ranço.”

Para Paulo, tal preparo estraga o sabor. “O hambúrguer wagyu é feito para comer só ele, grelhadinho na chapa.”

Apesar de terer o nariz, Gil diz que o hambúrguer de wagyu não é mais caro do que o outro. “Se não tiver quem venda e quem pague, tudo bem.”

Falando em pagar, Thiago conta que ele e os sócios tentam vender mais barato o sanduíche de wagyu, mas não funciona. “A ideia era popularizar, dá as pessoas vinham e diziam: ‘com esse preço, não é wagu’”, diz ele.

Então eles aumentaram o preço, e as vendas subiram a réboque. Coisas do capitalismo.



Manifestantes com cartaz contra o premiê Justin Trudeau, em frente ao Parlamento do Canadá, em Ottawa

Michael Chablain - 29.jan.22 / Reuters

Ottawa decreta emergência em meio a protesto de caminhoneiros antivacina

Situação reflete ameaça à segurança representada pelas manifestações em curso, diz prefeito

MUNDO

OTTAWA | REUTERS O prefeito de Ottawa, Jim Watson, decretou no domingo (6) estado de emergência para lidar com os efeitos de um protesto de caminhoneiros antivacina que ocupa o centro da capital canadense há dez dias.

"[Isso] reflete o sério perigo e a ameaça à segurança representados pelas manifestações em curso e põe em evidência a necessidade de apoio de outras jurisdições e outros níveis de governo", afirmou em nota. Watson, que mais cedo no domingo havia reclamado que o número de caminhoneiros excedia o contingente de policiais, não forneceu detalhes sobre as medidas que pretendia implementar.

O ato, chamado de Combóio da Liberdade, começou como um movimento contra os requisitos de vacinação para caminhoneiros que realizam travessias na fronteira entre o Canadá e os EUA e se transformou em um foco de protesto contra medidas anti-

tárias e contra o premiê Justin Trudeau. Em meio a reclamações dos moradores diante da falta de resposta das autoridades, a polícia de Ottawa montou novos barreiros de segurança no domingo. A corporação diz que está coletando evidências financeiras e digitais, além de dados de registro veicular, que "serão usados em acusações criminais".

As autoridades de segurança também anunciaram que irão conter tentativas de levar recipientes com combustível para reabastecer os caminhões que seguem bloqueando as ruas no centro.

Alguns dos participantes do protesto têm exibido bandeiras confederadas e nazistas e dizem querer dissolver o governo do Canadá. Organizadores da manifestação prometem não deixar o local até que os requisitos de vacinação sejam suspensos.

O ministro da Segurança Pública do país, Marco Mendicino, disse no domingo que o go-



Vista aérea de manifestação que toma a capital canadense

Nazar Technology - 29.jan.22 / Via Reuters

verno não recuará nas medidas sanitárias.

"Trouvamos a questão das vacinas e dos requisitos de vacinação para [...] as eleições [de 2021] e nós estamos levando adiante a promessa que fizemos com o apoio da grande maioria dos canadenses", afirmou à emissora CBC.

Em meio a buzinações e fogos de artifício, uma estrutura com saunas portáteis, cozinha comunitária e até brinquedos infláveis para crianças tem suprido as necessidades dos ativistas.

Segundo a polícia, o protesto conta com financiamento de apoiadores nos EUA. A plataforma de arrecadação GoFundMe suspendeu a página de doações para o Combóio da Liberdade — a decisão irritou congressistas ligados ao Partido Republicano, que prometem abrir uma investigação contra o site.

O ex-presidente Donald Trump e o presidente da Tesla, Elon Musk, expressaram apoio aos caminhoneiros.

A polícia disse ter indiciado quatro pessoas por crimes de ódio e ter aberto uma investigação junto ao FBI, a polícia federal americana, sobre ameaças contra figuras públicas.

Trudeau, que está em isolamento após ter recebido diagnóstico de Covid-19 na semana passada, descartou o uso das Forças Armadas para pôr fim ao protesto. Devido à preocupação com a sua segurança, o primeiro-ministro e sua família deixaram sua residência na região central da capital canadense.

O premiê afirmou que o combóio representa uma "pequena franja minoritária" e que o governo não seria intimidado. Cerca de 90% dos caminhoneiros canadenses que realizam viagens transfronteiriças já completaram o primeiro ciclo vacinal contra a Covid, bem como 79% da população do país.

Na semana passada, o Partido Conservador trocou seu comando porque Erin O'Toole, que liderava a sigla desde agosto de 2020, não teria demonstrado entusiasmo suficiente com o movimento.

Pesquisas publicadas pelo Instituto Abacus Data na quinta (3) apontam que 68% dos entrevistados dizem ter muito pouco em comum com os manifestantes. Os outros 32% dizem se identificar com os grupos que se juntaram aos atos.

Questionados sobre como viam as manifestações, 57% as descreveram como "ofensivas e inapropriadas", enquanto 43% as classificaram de "respeitosas e apropriadas". Foram ouvidos 1,4 mil canadenses entre os dias 31 de janeiro e 2 de fevereiro.

O levantamento também sondou a visão dos entrevistados a partir de suas convicções políticas. As maiores fatias de apoio aos atos contra as medidas de enfrentamento à pandemia vêm dos partidos à direita do espectro político.

Após dois anos, Austrália anuncia reabertura de fronteiras

REUTERS O governo da Austrália anunciou nesta segunda-feira (7) que irá reabrir as fronteiras a partir de 21 de fevereiro a viajantes vacinados, encerrando um período de quase dois anos de fechamento que impactou o turismo e a migração.

O movimento, que deve ainda injetar bilhões de dólares na economia australiana e foi tomado a três meses das eleições federais, põe fim à última grande medida do país no combate à Covid-19 — a outra principal restrição, os lockdowns, foi desmontada em dezembro.

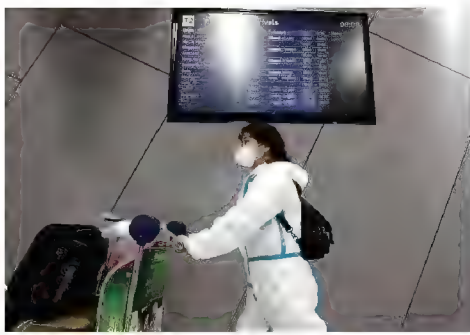
A estratgia garantiu ao país chegar a este momento com um número relativamente baixo de casos e mortes. Foram 2,75 milhões de infecções e 4.248 mortes, com um aumento significativo em janeiro deste ano, devido à variante

ômica, mais transmissível. Ainda assim, com 78,6% das população com ao menos duas doses da vacina, o ritmo dos novos casos e das hospitalizações aparenta ter diminuído, segundo as autoridades.

A Austrália começou uma abertura gradual de suas fronteiras nos últimos meses, com a liberação de migração de trabalhadores com qualificações exigidas pelo governo e de corredores de viagens com alguns países, como a Nova Zelândia.

O relaxamento total neste mês, porém, marca a primeira vez desde março de 2020 que passageiros de qualquer país, desde que estejam vacinados, poderão entrar na Austrália. "Se você estiver com as duas doses da vacina, estamos ansiosos para recebê-lo de volta", disse o premiê Scott Morrison ao anunciar a liberação.

O setor de turismo recebeu



Passageira no Aeroporto Internacional de Melbourne

Com Caron - 18.dez.21 / AAP Image / Reuters

bem a decisão. "Agora podemos direcionar nosso esforço coletivo para reconstruir a indústria que está em mau estado", afirmou o diretor do Conselho Australiano de Turismo e Exportação, Peter Shelley.

A CEO do Fórum de Turismo e Transporte ponderou que será necessária uma coordenação para garantir que a Austrália seja, de fato, um destino competitivo.

Segundo a agência do governo Pesquisa de Turismo na Austrália, as perdas no mercado internacional e doméstico desde o início da pandemia chegaram a 127 bilhões de dólares australianos (R\$ 382,9 bi).

Os gastos de viajantes internacionais caíram de 44,6 bilhões de dólares australianos (R\$ 167,9 bi) no ano fiscal de 2018-19 para 13 bilhão de dólares australianos (R\$ 4,9 bi) em 2020-21.



Medidas de segurança do colégio Humboldt, em São Paulo, para receber todos os estudantes *Katrine Xarier - W. A. 31/1/2020/Imagem*

Promotor não deve monitorar escolas, diz procurador-geral

Cesar Ricardo Martins havia notificado 20 colégios particulares de São Paulo

EDUCAÇÃO

Isabela Lobato

BELO HORIZONTE O procurador-geral de Justiça de São Paulo, Mario Sarubbio, decidiu que não é do promotor Cesar Ricardo Martins, da área do consumidor, a atribuição de monitorar a situação das escolas de São Paulo em relação à Covid.

Martins havia notificado 20 escolas particulares da capital a exigir teste negativo para Covid-19.

A decisão de Sarubbio atende a um pedido do Gedeu (Grupo de Atuação Especial da Educação), também do Ministério Público, que argumentou que já tinha um procedimento anterior sobre a situação das escolas durante a pandemia.

A notificação de Martins, datada do último dia 31, pedia a 20 escolas privadas, além do teste negativo, que tornassem obrigatória a comprovação de vacinação, distanciamento de um metro entre carteiras e turmas reduzidas e divisões.

Segundo o ofício, quem se recusasse a cumprir as medidas deveria ser impedido de frequentar as aulas por dez

dias. Atualmente, as regras mínimas são estabelecidas pela Secretaria do Estado de Educação para todas as escolas do estado e envolvem apenas a medição de temperatura na entrada, uso de máscaras e afastamento de alunos com mais de dois sintomas.

O comprovante de vacinação será exigido ao fim do bimestre letivo, para que os pais tenham tempo de vacinar seus filhos.

As escolas intimadas tinham cinco dias para responder ao Ministério Público sobre os planos para a adoção das medidas, além de requerir oficialmente a Secretaria da Educação a suspensão das aulas presenciais para alguns grupos de alunos para que o sistema de bolhas pudesse funcionar. Em entrevista à Folha antes de ser afastado do inquérito, Martins disse que a seleção das 20 escolas levou em conta as que abrigam maior contingente de alunos, como Dante Alighieri, Porto Seguro e Bandeirantes.

O promotor afirmou ter também incluído estabelecimentos menores que haviam aparecido na mídia para tratar do assunto, como o Gracinha e Waldorf São Paulo.

De acordo com ele, a razão para a exclusão das escolas públicas, onde estão 80% dos estudantes do ensino básico de São Paulo, é a origem do inquérito: não veio da promotoria de Saúde Pública ou Educação, mas sim da Justiça do Consumidor.

Quando questionado sobre o plano da Secretaria que já existe de exigir comprovante de vacinação dos alunos, o promotor afirmou que sua prerrogativa era com a efetividade da medida.

"O promotor-geral estabeleceu uma meta para todos os promotores, que é concorrer para que a vacinação seja feita de forma compulsória. Então esta é uma medida que se integra dentro disso. Quero fazer um controle como uma forma de estimular justamente para poder obrigar a fazer a vacinação", disse.

As medidas de prevenção no ambiente escolar exigidas pelo promotor iam contra o plano das definições pela Secretaria da Educação, que acaba de modificar as regras de prevenção e contenção de casos de Covid-19, afirmando as medidas com o objetivo de evitar a suspensão de aulas.

O promotor justificou sua

intervenção dizendo considerar que há omissão do estado de São Paulo e instabilidade nas medidas preventivas para a diminuição da transmissão dos coronavírus.

"Até quando vamos ter essa ausência de manifestação por parte do estado? Por enquanto, não temos o que tivemos anos passado, o Plano São Paulo, que resolvia tudo isso. Respondendo aos índices e percentuais de internação e vagas em UTI e se desencana tudo, o que podia ou não, o que abria ou não".

Procurado pela Folha nesta segunda (7), Martins não comentou a decisão que retirou o inquérito de sua esfera de atuação.

Em nota, o Sindicato das Escolas Particulares no Estado de São Paulo orienta as escolas que tenham sido citadas no inquérito "se manifestem perante o Ministério Público do Estado de São Paulo, nos autos referidos, esclarecendo que todas as medidas determinadas pelas autoridades sanitárias do Estado de São Paulo estão sendo tomadas pelas escolas".

Procuradas pela reportagem, a Secretaria da Educação informou que não foi notificada até o momento pelo Ministério Público, mas segue à disposição. Algumas escolas particulares que foram notificadas, como o Dante Alighieri e Bandeirantes, não quiseram se manifestar.

Volta às aulas em BH segue marcada por incertezas

Isaac Godinho

CONSELHEIRO LAPAETE (MG) O retorno presencial das crianças de 5 a 11 anos para as escolas segue marcado por incertezas em Belo Horizonte. Na noite de domingo (6), uma liminar concedida pelo Tribunal de Justiça de Minas Gerais (TJMG) determinou a retomada das aulas presenciais para esta terça-feira (8).

Em sua decisão, o juiz José Honório de Rezende afirmou que o adiamento proposto pela prefeitura de BH é ilegal. Segundo ele, o decreto determinou o retorno das crianças entre o término de uma sessão de Condução (TAC) firmada entre a prefeitura e o Ministério Público de Minas Gerais (MPMG).

A prefeitura de Belo Horizonte disse ter recorrido da decisão, por meio da Procuradoria-Geral do Município, e aguarda uma decisão do Tribunal de Justiça sobre o recurso.

As crianças dessa faixa etária e suas famílias são as principais afetadas por essa indecisão, pois elas não podem voltar às aulas.

Até quando vamos ter essa ausência de manifestação por parte do estado? Por enquanto, não temos o que tivemos anos passado, o Plano São Paulo, que resolvia tudo isso

Cesar Ricardo Martins promotor

Assessoria pública Silvana Nahas Ribeiro tem um filho

tutucional uma lei estadual paulista, de 2007, que permitiu computar como gasto em educação o déficit previdenciário. A decisão do Supremo se sobrepõe à da TJMG, ainda assim o estado continuou com a prática.

"Há décadas, São Paulo fica nessa recalcitrância jurídica, se negando a cumprir a lei. O governo fica com esse jogo de criar novas leis, entrar com novos recursos para não usar o dinheiro da educação na sala de aula", diz Graziane.

"O resultado vemos aí, escolas acumulando problemas estruturais, professores ganhando mal, alunos que terminam o ensino médio sem saber o necessário", afirma. Anualmente, cerca de R\$ 3 bilhões do Fundeb em São Paulo têm sido utilizados na previdência. No orçamento de 2022, encaminhado após a promulgação da emenda do STF, R\$ 2,3 bilhões do Fundeb foram vinculados a aposentados, de um total de R\$ 18 bilhões recebidos pelo estado.

de seis anos e disse que um dos desafios dessa mudança é lidar com a expectativa da criança. "As aulas do meu filho estavam previstas para o dia primeiro de fevereiro. Ele vai para uma escola nova e o gente já estava com tudo pronto, uniforme, mochila e todo o material".

Além disso, Silvana também diz ter sido necessário readequar a rotina da família. Ela conta que já estava trabalhando presencialmente e precisou pedir para ficar em serviço remoto enquanto as aulas do filho não retornam.

Segundo Polli do Amaral, que faz parte da Associação de Mães, Pais e Responsáveis de Estudantes da Educação Municipal de Belo Horizonte (Ampeare-BH), há um sentimento de angústia para os pais de crianças em idade escolar devido ao contexto de pandemia e retorno às aulas. Além disso, como as demais atividades não foram paralisadas, argumenta, os pais e mães precisam trabalhar com as crianças.

Porém, Polli também leva em conta fatores de alerta, como a alta ocupação de leitos pediátricos e a falta de vacinas para todas as crianças.

Segundo ela, é importante garantir que o acesso à educação seja feito com segurança, com maior disponibilidade de testes, bem como a distribuição de máscaras adequadas para a comunidade escolar.

Na última semana, a administração municipal decidiu não acatar a recomendação de retorno do Ministério Público de Minas e manter o adiamento das aulas por dia 14 de fevereiro.

Após a recusa, o Ministério Público entrou com uma ação de execução do TAC, com um pedido de liminar para suspender o adiamento das aulas para a faixa etária já anunciada pelo prefeito Alexandre Kalil (PSD), em entrevista no dia 26 de janeiro. O objetivo da decisão era garantir que as crianças não fossem afetadas por uma possível interrupção da primeira dose da vacina contra a Covid.

Segundo a administração municipal, se o adiamento das aulas for mantido, a semana todas as crianças com idade permitida já terão sido convocadas para voltar. Assim, elas poderão retornar às aulas no dia 14 de fevereiro, quando o teste de retorno será tomado.

A prefeitura convocou as crianças de cinco e seis anos sem comodidades para a vacinação, mas não se sabe se isso, também, serão disponibilizados dias de respecagem para as crianças mais velhas.

TCU pede explicações a governo Doria por uso de verba do Fundeb para pagar aposentado

Isabela Palhares

SÃO PAULO O TCU (Tribunal de Contas da União) determinou que o governo João Doria (PSDB) explique por que tem usado recursos do Fundeb para pagar aposentados.

Apesar de a lei do novo Fundeb, aprovada em 2020, vetar expressamente a aplicação da verba com inativos, o orçamento de 2021 ainda contou com essa prática.

Há mais de duas décadas, governadores tucanos utilizam recursos da educação na previdência, o que já foi considerado inconstitucional.

O governo Doria mantém a prática mesmo depois de o STF (Supremo Tribunal Federal) ter decidido que é inconstitucional a legislação de São Paulo que criou brecha para esse uso e a emenda do novo Fundeb vetar textualmen-

te essa possibilidade.

A representação ao TCU foi feita pelo Ministério Público de Contas do Estado e pelo Ministério Público Federal, com pedido urgente de medida cautelar.

As instituições alertam sobre o risco de mais prejuízos ao financiamento da educação paulista, sobretudo após o presidente Jair Bolsonaro (PL) ter anunciado o ajuste de 33,24% no piso dos docentes.

"O estado pode não conseguir cumprir o piso de 33,24% se continuar aplicando parte do recurso do Fundeb para pagar aposentados. Ou então ter que cortar investimentos em outras áreas da educação para cumprir o piso", diz Eli de Graziane, procuradora do Ministério Público de Contas. "É inconcebível que o estado do maior do país tire dinheiro da sala de aula por não

conseguir tornar sustentável seu sistema previdenciário". Questionado, o governo estadual disse que irá cumprir o piso nacional e que o reajuste está sendo analisado pela consultoria jurídica, já que há um prazo de 3 meses para a adequação.

Desde 2020, o piso salarial de professores da rede estadual paulista é de R\$ 8.886,24, exatamente o valor mínimo estabelecido nacionalmente para a remuneração docente. Com o reajuste anunciado por Bolsonaro, o piso para este ano foi para R\$ 9.845.

No fim do ano passado, a gestão Doria anunciou proposta de uma forma de carrear para os professores do estado, com a promessa de que o salário inicial pode chegar a R\$ 5.200 ainda em 2022. O projeto ainda não foi apresentado à Assembleia Legislativa paulista.

Em resposta à Folha, o governo disse que o uso dos recursos educacionais para pagar aposentados foi resolvido em 2018 pelo TCU (Tribunal de Contas do Estado) e que a decisão está sendo rigorosamente cumprida.

O tribunal paulista autorizou um período de transição de cinco anos, que se encerra no fim de 2022, para que São Paulo abra mão do Fundeb nas contas previdenciárias. "A modulação da decisão do TCU prevê a redução gradual do uso do Fundeb para essa finalidade durante cinco anos, até cessar a sua utilização. Isso não está prejudicando os investimentos da Secretaria da Educação", diz nota do governo.

No entanto, em agosto de 2020, em julgamento unânime, o STF considerou incons-

titucional uma lei estadual paulista, de 2007, que permitiu computar como gasto em educação o déficit previdenciário. A decisão do Supremo se sobrepõe à da TJMG, ainda assim o estado continuou com a prática.

"Há décadas, São Paulo fica nessa recalcitrância jurídica, se negando a cumprir a lei. O governo fica com esse jogo de criar novas leis, entrar com novos recursos para não usar o dinheiro da educação na sala de aula", diz Graziane.

"O resultado vemos aí, escolas acumulando problemas estruturais, professores ganhando mal, alunos que terminam o ensino médio sem saber o necessário", afirma. Anualmente, cerca de R\$ 3 bilhões do Fundeb em São Paulo têm sido utilizados na previdência. No orçamento de 2022, encaminhado após a promulgação da emenda do STF, R\$ 2,3 bilhões do Fundeb foram vinculados a aposentados, de um total de R\$ 18 bilhões recebidos pelo estado.

Para o orçamento de 2022, o estado também prevê usar recursos educacionais para o pagamento de aposentados.

A Constituição Federal determina investimento de 25% das receitas para a área. Já a Constituição de São Paulo fala em 30% — mas não considera o gasto com aposentados e que o estado alcança essa exigência.

Além das decisões contrárias do STF e da nova emenda do Fundeb vetar o uso dos recursos para aposentados, no fim do ano passado, uma decisão do TCU já abriu precedência para a prática. Em novembro, o tribunal decidiu que Pernambuco não poderia usar a verba do Fundeb para essa finalidade.

Após a decisão, se fechando contra essas manobras do governo paulista e até agora não apresentaram uma resolução para o problema. A gestão Doria não pode dizer que está com as costas em cima, como vem afirmando, se está reiteradamente desviando recursos do Fundeb", diz Graziane.



Barraços destruídos após enchente na Favela do Sapo, na Água Branca, zona oeste de São Paulo

Robson Almeida - 21 mar. 18, FolhaPress

Pagar morador para se mudar apenas multiplica o problema

Medidas estruturais precisam ser definidas para enfrentar as áreas de risco

OPINIÃO

Nabil Bonduki

Professor da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP
Ex-reitor do Plano Diretor e
Secretário de Cultura de São Paulo

Os eventos extremos, cada vez mais intensos e frequentes, geram tragédias humanas que podem se repetir a qualquer momento.

Em vez de enfrentar estruturalmente a questão fundiária e a falta de moradias para as famílias de baixa renda, que geram as áreas de risco, o prefeito de São Paulo está propondo uma "solução" contraproducente: pagar para o morador abandonar o barraco onde vive, erguido em local impróprio para o assentimento humano.

Segundo o prefeito Ricardo Nunes, está pronto para ser enviado à Câmara Municipal um projeto de lei autorizando o município a pagar indenização para moradores que deixarem suas casas em locais considerados de alto risco.

Essa "solução", que parece desconhecer as causas das áreas de risco, terá o mesmo efeito que a compra de ratos para combater a peste bubônica, proposta pelo sanitarista Oswaldo Cruz, no começo do século 20: multiplicar o problema ao invés de enfrentá-lo.

Em 1903, a tese de que a peste bubônica (peste negra) era transmitida pela pulga de rato se tornou predominante no meio médico brasileiro, como mostra a dissertação de Mathews Duarte da Silva, defendida na FFLCH-USP, "O Baile dos Ratos: a Construção Sociotécnica da Peste Bubônica no Rio de Janeiro (1897-1906)". Em decorrência, a Diretoria Geral de Saúde Pública (DGSP), dirigida por Cruz, promoveu campanha de desratização no Rio de Janeiro, complementarmente a vacinar os moradores das áreas infectadas, obrigando a notificação dos doentes para garantir seu isolamento e tratar-lhes



Charge
representa
Oswaldo
Cruz e suas
campanhas
para
combater
a peste
bubônica

Arquivo/accut

com o soro fabricado no Instituto Soroterápico Federal.

Os funcionários destacados para exterminar os ratos da cidade eram obrigados a apreender pelo menos 100 ratos por mês, sob risco de demissão. Os que conseguissem ultrapassar a cota recebiam uma recompensa de 300 réis por animal abatido.

O DGSP instituiu ainda a compra de ratos, pagando 200 réis para cada animal entregue. Qualquer um podia

vender ratos para o governo, o que fez surgir na cidade uma nova atividade informal: os ratoeiros.

Eles percorriam a cidade comprando ratos a baixo preço para depois revendê-los. Outros se dedicaram a criar roedores em casa ou a importá-los de outras cidades. O ofício virou um negócio, eternizado em charges e em marchinhas de Carnaval.

Ao invés de serem exterminados, os ratos se multiplicaram.

De acordo com Silva, em 1903, foram incinerados 24 mil ratos, número que cresceu para 295 mil em 1904 e alcançou 471 mil em 1907. Em cinco anos, foram incinerados 1,6 milhão de ratos! Mas eles não pararam de infestar os esgotos, as estalagens e os cortiços da capital.

Para sorte da saúde pública, as medidas estruturais tomadas pelo sanitarista, como a vacinação, o isolamento e tratamento dos doentes,

geraram melhores resultados e a peste recuou no Rio de Janeiro. A desratização era necessária; o erro foi transformá-la em um negócio.

É compreensível que Oswaldo Cruz, desconhecendo os expedientes de sobrevivência da população pobre nos primórdios da urbanização brasileira, pudesse ser ingênuo e acreditar que comprar ratos fosse uma alternativa.

O que surpreende é, 120 anos depois, a maior cidade brasileira não ter uma estratégia para enfrentar as causas que geram as áreas de risco e apelar para uma solução de curto prazo que poderá promover uma reprodução ampliada do problema.

Segundo Nunes "é uma indenização, uma forma ágil para os casos de remoção de famílias que têm muita resistência em receber audiôalogue". A indenização levará em conta o metro quadrado e o material usado na construção do imóvel. Ele citou uma planilha usada na favela de Paraisópolis, com valores entre R\$ 7.000 a R\$ 40 mil.

Com esse dinheiro, não se encontrará uma moradia em condições adequadas em São Paulo. Nossa experiência em gestão habitacional mostra que, sem alternativas, o morador voltará a ocupar outra área de risco, reproduzindo o problema que se quer eliminar. A "solução" tende a inflacionar o mercado informal em assentamentos precários.

A medida é paliativa e contraproducente, sangrando os cofres públicos. De acordo com a Secretaria de Segurança Urbana, São Paulo tem, atualmente, 175,5 mil moradias localizadas em 494 áreas de perigo iminente de deslizamentos e esbaleamentos de margens de córregos, das quais 12,6 mil estão em áreas de altíssimo risco.

Embora previsto no Plano Diretor Estratégico (PDE) de 2014, a prefeitura não elaborou o Plano Municipal de Gerenciamento de Riscos, que deveria traçar uma estratégia para enfrentar o problema. Desde 2019, a Promotoria de Habitação do Urbanismo do Ministério Público vem intimando a gestão a formulá-lo.

São Paulo também não tem um plano de habitação, embora a Prefeitura tenha enviado um projeto de lei em 2016, que dorme intocado no legislativo. Sem planos e ações con-

cretas para efetivá-los, retirar famílias de áreas de risco sem ter moradia definitiva é como enxugar gelo.

Pagar para as pessoas deixarem suas casas pode aliviar a consciência dos gestores, mas gerará um mercado informal em áreas de risco, agravado pelo fato do crime organizado ter transformado a ocupação de terras em negócio.

O enfrentamento do problema exige tomar as cidades mais resilientes, aptas para agirem rapidamente diante de eventos extremos.

Ações efetivas requerem medidas preventivas, com informações e treinamento para a população, tecnologias para acelerar a ação em casos de emergência e locais preparados para receber provisoriamente as famílias em risco. A experiência internacional é vasta nesse tipo de prevenção.

O Brasil conta com modernos sistemas de previsão do clima. O Cenamend (Centro Nacional de Monitoramento e Alerta de Desastres Naturais), criado pelo governo federal em 2011, emite relatórios e alertas que permitem se antecipar às tempestades.

Por outro lado, medidas estruturais precisam ser implementadas para enfrentar as causas que geram as áreas de risco.

É necessário implementar a política fundiária prevista no PDE para combater a especulação com imóveis ociosos e subutilizados e ampliar a oferta de terras adequadas para a produção habitacional, e retomar a produção em massa de habitação adequada para a população de baixa renda, abandonada pelo governo.

Bolsonaro (PL) extinguiu a faixa 1, quando trocou o Minha Casa Minha Vida pela Casa Verde Amarela. Depois extinguiu a CDHU e, como a Prefeitura de São Paulo, insiste em priorizar a PPP habitacional, que utiliza terrenos públicos, mas não atende às famílias que mais precisam do apoio do poder público.

Pouco pode se esperar das empobrecidas prefeituras da região metropolitana, como Franco da Rocha, onde ocorreram dezenas de mortes.

Provavelmente será para lá, onde os barracos são mais baratos, que irão se dirigir as famílias que receberão a indenização. Como ratos, as áreas de risco irão se reproduzir se nada mais for feito.

folhamaís

Ex-ministra francesa critica UE no combate à crise climática

Segundo Cécile Duflot, bloco econômico não cumpre obrigações de acordo

AMBIENTE

Ana Bottolao

SÃO PAULO Os discursos dos principais líderes na COP26 não animaram corações e mentes daqueles preocupados em impedir a crise do clima no mundo, pelo menos do ponto de vista da diretora da ONG Oxfam França, Cécile Duflot.

Para ela, são os atos dos governantes que devem ditar o que vai poder ser feito nos próximos anos para reverter o aquecimento global.

"As ações tanto no território europeu quanto as que temos perante nossas relações comerciais com outros países são fundamentais, mas é preciso primeiro dar o exemplo, e a União Europeia não está fazendo isso direito", diz.

Recentemente, uma ação conhecida como caso do século, organizada pela Oxfam França, foi julgada e condenou o estado francês a reduzir as emissões de gases de efeito estufa até 2030 sob pena de multa, inclusive aquelas causadas em governos anteriores, revertendo a inação climática histórica daquele país.

Cécile Duflot conversou com a Folha de sua casa em Paris, frequência, sob pressão do aquecimento global,

consequências da crise do clima nas populações mais vulneráveis e o futuro do Brasil.

Recentemente, a Oxfam França conseguiu uma vitória histórica para o combate à crise do clima na França. Como foi essa batalha e quais as implicações práticas dessa vitória? Há três anos lançamos uma campanha em conjunto com outras ONGs para tentar conscientizar o governo a agir à altura da urgência climática.

Ao perceber que a conscientização somente não ia trazer efeito, iniciamos o processo judicial, nos perguntando durante todo o tempo se esta era de fato a melhor forma de ação, que não havia chance de ganhar e em menos de dois meses conseguimos colher 2,3 milhões de assinaturas em apoio à campanha e ganhamos com ampliação.

Agora, não somente o estado francês será obrigado a reparar as emissões históricas de gases estufa, mas também os governantes futuros devem agir segundo o Acordo de Paris. É uma obrigação que não recai somente no governo atual, mas na França como república. O próximo passo será, no final de 2022, aumentar o orçamento para redução de emissões de gases de efeito

estufa, permitindo assim um controle melhor das mudanças climáticas.

Assenhora acredita que a União Europeia, pós COP26, vai restringir suas relações com países que não cumpriram o Acordo de Paris como o Brasil, por exemplo, para atingir os objetivos de redução de gases de efeito estufa? Não estamos tão otimistas assim porque a própria União Europeia não está em lugar favorável para ditar as regras.

Há muito discurso em torno do clima, mas a única coisa que importa para conter o avanço da crise são ações, estas, tanto no território europeu quanto as que temos perante nossas relações comerciais ou diplomáticas com outros países, são fundamentais. É preciso, contudo, dar o exemplo, e a União Europeia não está fazendo isso direito, ela não cumpriu as obrigações do Acordo de Paris.

A crise climática é uma questão que deve ser enfrentada apenas pelo poder público ou deve haver um diálogo também com as empresas? O diálogo é fundamental e a Oxfam França trabalha nesse sentido, fazendo uma ponte com o setor empresarial para que entendam que reduzir as emis-



Cécile Duflot

Diretora da ONG Oxfam França. Foi três vezes eleita deputada e líder do Partido Verde francês e ministra de Habitação e Igualdade de Territórios no mandato de François Hollande (2012-17).

“Meu papel hoje como diretora de uma ONG permite que a preocupação com o clima saia do debate no Congresso para atuar diretamente com a população

sões hoje não é só um discurso ecológico, é uma questão central para as nossas vidas. E não só as empresas, os bancos também, porque os principais bancos mundiais estão entre os grandes emissores: três dos maiores bancos franceses emitem gases estufa oito vezes mais do que o setor industrial francês como um todo. Há um trabalho essencial com as empresas, com o setor financeiro e com a sociedade civil.

À época em que foi ministra de Habitação, quais foram os principais obstáculos que enfrentou e como sua atuação no ministério foi diferente daquela como deputada no que diz respeito ao acesso à moradia e ao combate à crise climática? A questão do acesso à moradia é fundamental no nosso país. Foi e continua sendo maior desafio, porque o custo de moradia na França está extremamente alto, e é algo que afeta a todos.

Durante o seu governo, que foi eleito com base socialista, Hollande lançou uma campanha de construção de imóveis para desinchar o mercado [imobiliário] com uma cota mínima para habitações populares na França de 25% (antes era 20%), uma plataforma que teve muita resistência.

Fu amei intimamente ligada a esse projeto, mas dei o governo com dois anos por um desacordo de ideias com o então presidente, que optou por não seguir em frente nesta luta.

Outro obstáculo estava ligado também às populações que moram em áreas diretamente afetadas pelas mudanças climáticas, e é preciso políticas direcionadas a elas que

as ajude a se adaptarem frente a uma situação de crise, seja ambiental, seja econômica.

A crise climática afeta os mais pobres, foco de ação da sua ONG. Como a Oxfam França age para ajudar essas famílias? A senhora acredita que seu trabalho na ONG atinge melhor o objetivo de reduzir as desigualdades no acesso à moradia e à terra? Nós trabalhamos na ONG em diversas frentes simultaneamente. Em primeiro lugar, nós nos preocupamos não só com as causas do aumento de gases de efeito estufa na atmosfera, mas também com as consequências ligadas à crise climática e à desigualdade, uma vez que os efeitos do aquecimento global estão intimamente relacionados às questões territoriais.

Hoje, a fome está crescendo de maneira acelerada na região subsariana devido ao avanço da desertificação. Outras regiões do mundo também estão enfrentando a seca, e suas consequências estão diretamente ligadas ao acesso a alimento. Precisamos com urgência reduzir os gases estufa se não quisermos ir em direção a um cenário extremamente preocupante.

Além disso, são as pessoas que vivem em condições de maior vulnerabilidade que precisam de uma atenção especial, e elas não são responsáveis pelo grosso das emissões: os 50% mais pobres do mundo emitem 12% dos gases de efeito estufa na atmosfera.

Meu papel hoje como diretora de uma ONG permite que a preocupação com o clima saia do debate no Congresso para atuar diretamente com a população.



Profissional da saúde prepara vacina contra a malária em Yala, no Quênia. Brian Ongaro - Tiscali/AP

Primeira vacina contra a malária dá alívio ao oeste do Quênia

Fred Ooko

SIAYA (QUÊNIA) | AFP Os três filhos de Lucy Akinyi eram infectados com malária com frequência, sob pressão para ir ao hospital várias vezes por mês. Assim, quando surgiram que ela participasse de um programa piloto de vacina contra a malária, não hesitou em aceitar.

No oeste do Quênia, onde a malária é endêmica, mais de 100 mil crianças foram inocu-

ladas com esta nova vacina. Na África Subsaariana, a malária mata anualmente 260 mil crianças com menos de cinco anos de idade.

Esse plano de vacinação inovador começou em 2019 no Quênia, em Gana e no Maláui para testar um composto que levou 30 anos para ser desenvolvido.

Em outubro de 2021, a Organização Mundial da Saúde (OMS) aprovou o uso generalizado desta vacina para crian-

ças em outras áreas de risco. Para Akinyi e sua família, que vivem na comunidade rural de Siaya, perto do lago Vitória, a vacina fez maravilhas. A empresa local para que ficasse de que seus filhos dormiam sob mosquiteiros e, apesar dos esforços, as crianças continuavam sendo picadas quando brincavam fora de casa. "Tínhamos muita malária. As vezes tínhamos que ir ao hospital três vezes por mês". Desde que foram vacinados,

nenhum de seus filhos adoeceu, o que mudou suas vidas. Sua cunhada, Millicent Akoth Oyoya, também vacinou os filhos depois de ver os resultados em seus sobrinhos. Os centros de saúde no oeste do Quênia, onde os serviços pediátricos ficavam frequentemente sobrecarregados por casos de malária, já começam a ver os resultados. A chegada de pacientes com malária diminuiu e também a gravidade dos sintomas dos doentes.

"Desde que começamos a administrar a vacina em setembro de 2019, vimos uma redução nos casos de malária", diz Elsa Sweru, enfermeira chefe de um centro de saúde em Akala, Siaya.

Esta doença pode afetar uma pessoa várias vezes em um ano e com esta vacina as famílias reduzem as suas deslocações aos centros de saúde, o que representa uma poupança significativa para as famílias.

"Antes da vacina (...) gastávamos muito dinheiro em remédios, indo ao hospital", conta Akinyi.

O médico Simon Kariuki, pesquisador do Instituto de Pesquisa Médica do Quênia e em malária, afirma que a vacina "faz o jogo virar". "Mostramos que esta vacina é segura e que pode ser administrada às crianças africanas, o que são aquelas que sofrem de malária", acrescentou.

Nubank enxerga crise no Brasil como oportunidade de crescer mais rápido

Expansão da carteira de crédito do banco é vista como essencial para alcançar rentabilidade

MERCADO

Tatiana Bautzer
e Carolina Mandl

SÃO PAULO | REUTERS | A desaceleração da economia brasileira pode representar uma oportunidade para o banco ganhar participação de mercado, apesar do ambiente de risco mais alto, disse o cofundador e presidente do banco digital Nubank, David Vélez. O Nubank, um dos maiores bancos digitais do mundo, com 48 milhões de clientes, espera que a inadimplência suba neste ano com o consumidor lidando com inflação e juros altos, além da estagnação econômica.

Mas Vélez acredita que o Nubank conseguirá manter seus índices abaixo das médias de mercado por conta do uso de inteligência artificial para conceder crédito.

A taxa de inadimplência de 20 dias do Nubank nos cartões de crédito é de 3,3%, an-

te uma média de 4,8%.

A perspectiva de maior risco pode até gerar uma oportunidade para um crescimento mais rápido do Nubank, disse Vélez numa entrevista por vídeo à Reuters.

Com depósitos de seus clientes de viréio, o Nubank não depende de financiamento dos mercados e tem um grande colchão de recursos depois do seu IPO, que captou US\$ 2,6 bilhões (R\$ 13,7 bilhões).

"A gente pode ter a oportunidade de acelerar, ganhar mais mercado e deixar as taxas de juros baixas para tornar nossos produtos mais competitivos", disse Vélez. A carteira de crédito tem prazo curto, em média 6 semanas nos cartões de crédito e até 6 meses em crédito pessoal, o que facilita administrar o risco.

A expansão da carteira de crédito é vista por analistas como essencial para levar o Nubank à rentabilidade. Cada cliente do Nubank gera uma receita de menos de R\$ 20,

segundo um relatório recente do Morgan Stanley, enquanto um corretista do Itaú gera cerca de R\$ 1.200.

As linhas de crédito mais lucrativas para os bancos de varejo são o financiamento imobiliário, seguido por consignado e empréstimos pessoais, disse o Morgan Stanley.

O Nubank está avaliando a melhor maneira de entrar no mercado de empréstimos consignados, disse Vélez, além de expandir a carteira de empréstimos com garantia de imóveis e carros, oferecidos pela parceira Credias.

Vélez diz que a queda de mais de 20% das ações do Nubank em dois meses desde o IPO não o surpreende, considerando a maior volatilidade das ações de tecnologia. "Já vimos isso falando aos investidores durante o IPO que eles esperassem volatilidade, o Brasil é volátil e a América Latina também", afirmou.

O banco estreou na NYSE em 9 de dezembro como a ins-

tituição financeira mais valiosa da América Latina, valendo US\$ 52 bilhões (R\$ 275,3 bilhões). Mas a queda recente reduziu o valor de mercado do Nubank para abaixo de grandes rivais tradicionais, como Itaú Unibanco e Bradesco.

Vélez prevê que a alta de juros nos EUA e no Brasil afete os preços das ações do Nubank, mas não interromperá a trajetória de longo prazo de crescimento, porque os consumidores continuarão procurando serviços financeiros melhores e mais baratos.

Vélez diz que o Nubank cresceu apesar das crises no Brasil, tendo atravessado duas recessões, um impeachment e a epidemia de Covid-19.

Outro canal para aumentar a receita será vender mais produtos de investimento por meio da NuInvest, resultado da aquisição da Easyinvest em setembro de 2020.

O Nubank também está expandindo serviços a clientes em seu aplicativo, que já in-

“

A gente pode ter a oportunidade de acelerar, ganhar mais mercado e deixar as taxas de juros baixas para tornar nossos produtos mais competitivos

David Vélez

presidente do Nubank

chui serviços de e-commerce, games e ofertas de seguros de mercado, onde o Nubank terá uma participação acionária por meio de seu fundo de venture capital.

Defensor do modelo bancário digital, Vélez adverte que o Nubank terá que considerar ter algum tipo de presença física no futuro para atender a alguns clientes específicos.

Ele citou como exemplo investidores de altíssima renda, que procuram assessoria de investimentos e compradores de imóveis em áreas de financiamento. O Nubank pode considerar parceria com bancos tradicionais para oferecer crédito imobiliário. "Ficariam muito felizes de fazer uma parceria com qualquer um dos grandes bancos".

Mais no curto prazo, o Nubank está se preparando para lançar contas correntes no México neste ano, depois das aprovações regulatórias da compra do banco Akala.

O crescimento no México tem sido uma surpresa positiva, disse Vélez, e o Nubank já é o maior emissor de novos cartões do país por mês, com 760 mil clientes. A penetração financeira no México é menor que no Brasil e o setor tem menos competição, disse.

A expansão na Colômbia, onde Vélez nasceu, vai demorar um pouco mais, com o começo do processo de busca de licenças operacionais.



A ponte de Koningsschouwburg, construída em 1878, localizada em Roterdã. Remo de Wael - 4.8x22/ABP/AFP

Holanda vai retirar ponte para iate de Bezos passar

MUNDO

NELA HORIZONTE | A cidade holandesa de Roterdã vai desmontar uma ponte histórica, construída há mais de um século, para possibilitar a passagem de um superiate construído para o bilionário fundador da Amazon Jeff Bezos.

A operação, segundo as autoridades, é necessária porque a embarcação é demasiadamente grande, e a local da estrutura seria o único acesso ao mar. Estima-se que o iate tenha 127 metros de comprimento e 40 metros de altura, mas as medidas não foram confirmadas pelo estaleiro Oceanac. Elas fariam da embarcação a maior a vela do mundo, superando o Sea Cloud, veleiro de 149 metros construído em

1931, hoje de propriedade de uma empresa de investimentos com sede em Malta.

A imprensa já noticiou que o barco contará com itens de luxo, como um iate de apoio e uma plataforma de pouso de helicóptero. A embarcação é avaliada em US\$ 486 milhões (R\$ 2,5 bilhões).

A ponte Koningsschouwburg, construída em 1878, é consi-

derada um monumento nacional. A estrutura foi projetada pelo arquiteto holandês Pieter Joosting e serviu de modelo para outras espalhadas pelo mundo.

Utilizada durante anos como parte de uma ferrovia, a De Hef, como é conhecida, precisou ser reconstruída em 1940, após bombardeios da Segunda Guerra Mundial atingirem Roterdã. Cinquenta anos depois, o tráfego de trens foi descontinuado, com um túnel de 2,80 metros sendo aberto para substituir uma série de pontes ferroviárias.

Nessa época, nos anos 1990, autoridades locais cogitaram derrubar a De Hef, mas desistiram após protestos de diversos moradores.

Em 2017, três anos depois de

uma grande reforma, a promessa de que a construção não seria destruída foi reforçada. Agora, porém, o dinheiro do segundo homem mais rico do planeta falou um pouco mais alto.

De acordo com a prefeitura, a operação envolvendo a embarcação vai gerar empregos para a região, o que justifica o movimento.

Além disso, o esquema para desmontar a ponte será financiado pela Oceanac, segundo as autoridades.

Odessa da De Hef deve começar no verão europeu — de junho a setembro —, e no mesmo dia a prefeitura promete dar início ao processo de restauração da estrutura.

Segundo autoridades, não haverá mudanças estruturais na operação de remontagem.

O responsável pelo projeto, Marcel Walraven, afirmou que não seria prático terminar a construção do barco em outro lugar, apenas para evitar que a ponte precisasse ser desmontada.

O iate está sendo erguido em Abblissdijk, 120 quilômetros de Roterdã. "A construção naval é um importante pilar do município", destacou.

Roterdã, segunda maior cidade da Holanda, a 65 quilômetros da capital Amsterdã, tem uma das melhores infraestruturas portuárias do mundo e é considerada um polo de inovação marítima.

Amêlia, de 10 metros, foi criticada por moradores da região e políticos como Stephan Leewis, do Partido Esquerda Verde.

"Esse homem [Bezos] ganhou seu dinheiro explorando funcionários e evadindo impostos e agora temos que derrubar nossa bela monumento nacional? Isso é ir longe demais", disse Leewis, solicitou um debate sobre a questão no Parlamento.

Holandeses contrários à operação criaram um evento no Facebook intitulado "Jogando ovos no superiate de Jeff Bezos". Como o próprio nome sugere, o convite é para a população de Roterdã "lutar uma caixa de ovos podres" e "jogar" os em massa na embarcação quando ele navegar pela Hef.

Amêlia, de 10 metros, foi criticada por moradores da região e políticos como Stephan Leewis, do Partido Esquerda Verde.

Além de ser um gigante no setor de comércio eletrônico, ele também é dono do jornal americano The Washington Post e da empresa espacial Blue Origin.

folhamaís



Adam Driver (acima) e Matt Damon (abaixo) estão entre as estrelas de 'O Último Duelo', filme de Ridley Scott, em outras épocas, seria candidato a atrair bilheteria

Foto: Divulgação

Para agradar ao público, Oscar pode ignorar arte

Dramas que seriam blockbusters em outra época, mas fracassam na bilheteria hoje, caminham para ser destronados

ILUSTRADA ANÁLISE

Kyle Buchanan

THE NEW YORK TIMES Depois que a cerimônia do Oscar no ano passado premiou filmes pequenos e desafiantes e fracassou em termos de audiência, pode apostar que, neste ano, a Academia, responsável pelo prêmio, está ansiosa para indicar filmes que possam entusiasmar o público.

Na verdade, os possíveis indicados (a lista sai nesta terça (8)) inclui diversos filmes do ano que costumava agradar bastante ao público no passado. Só há um problema — o público continua a ser teimosamente hipotético.

"Bellis" basta como exemplo. O drama familiar dirigido por Kenneth Branagh é considerado como candidato ao Oscar de melhor filme, mas não se deu bem nas bilheterias; faturou modestos US\$ 7 milhões nos cinemas dos EUA.

Para levar o Oscar de melhor filme, normalmente é preciso um desempenho bem melhor. Entre ganhadores recentes, só "Nomadland", premiado em 2021, faturou menos — e foi lançado em um momento no qual as salas mal tinham retomado atividade.

"King Richard: Criando Campeões" não se saiu muito melhor. Embora tenha sido lançado simultaneamente

nos cinemas e na HBO Max, a expectativa ainda era a de que um drama inspirador estrelado por Will Smith no papel do pai das lendas do tênis Venus e Serena Williams tivesse resultado muito melhor nas bilheterias. Mas fez apenas US\$ 14,7 milhões nas salas de cinema da América do Norte, o faturamento mais baixo de um filme de Smith em décadas.

E há o caso de "O Último Duelo", de Ridley Scott, que provavelmente teria sido o grande sucesso da temporada em uma era passada. O drama medieval atraiu grandes astros — entre os quais Matt Damon e Adam Driver — e a qualidade de produção elevada.

Não se passa um dia sem que alguém em minha lista de contatos do Twitter descubra o filme, agora disponível sob demanda, e anuncie que "na verdade é muito bom". A surpresa talvez se deya ao fato de ele ter fracassado estrondosamente nos cinemas ao ser lançado em outubro, com bilheterias de apenas US\$ 10,8 milhões nos Estados Unidos.

É verdade que muitos desses candidatos ao Oscar são dirigidos a espectadores mais velhos e vem se mostrando mais difícil atrair essa audiência de volta aos cinemas em meio à pandemia prolongada.

Um filme menor, como "Bellis", costumava estreiar em apenas algumas cidades e conquistava aos poucos o público, se expandindo para mais sa-

las a cada semana com o avanço da divulgação boca a boca.

Mas o desempenho nada impressionante desses filmes não pode ser atribuído apenas à ausência desse público. O resultado milionário de "Homem-Aranha: Sem Volta para Casa" seria simplesmente impossível atingir se todas as faixas etárias não tivessem comparcido em grande número aos cinemas. Se os adultos mais velhos estão dispostos a ir ao cinema para assistir a um filme do Homem-Aranha, fica mais difícil defender o argumento de que não existe o que os tire de casa.

Mas a maré alta da Marvel não desencilhou todos os barcos. Em lugar disso, metade dos títulos continua atolada. Será que as audiências estão mesmo vacilando tanto para ver os filmes mais aclamados do ano? Ou será que esses filmes simplesmente não conseguiram provar que são dignos de atenção?

Creio que essa última questão tenha atrapalhado "Amor,

Sublime Amor", que tinha muito em seu favor ao estreiar em dezembro.

Dirigido por Steven Spielberg, o filme recebeu críticas altamente positivas e é uma adaptação de um dos mais famosos musicais de teatro de todos os tempos. Ainda que o plano original fosse o de lançar "Amor, Sublime Amor" na temporada de festas de 2020, os executivos da Disney adiaram a estreia desse filme empolgante por um ano, na expectativa de que tivessem em mãos um sucesso duradouro.

Não foi o que aconteceu. "Amor, Sublime Amor" faturou apenas US\$ 10,5 milhões no final de semana de estreia e encontrou dificuldades para atingir a marca dos US\$ 20 milhões em seu primeiro mês em cartaz. Para um filme dirigido pelo mais confiável dos fabricantes de grandes sucessos de Hollywood, é um resultado de desastre.

A culpa vem sendo atribuída aos suspeitos habituais — a disparidade da pandemia no fi-

nal do ano, a ausência dos cinefilos mais velhos —, mas atribuiu o fracasso dieteticamente a uma campanha de marketing que desperdiçou oportunidades cruciais.

Os cartazes desse musical romântico eram estranhamente sombrios, e os trailers e comerciais de TV pareciam rebar em destacar a participação de Spielberg, o grande nome do filme.

Essa talvez seja a lição mais importante da atual temporada de premiações. Se você não conseguir fazer com que seu filme pareça um grande evento, as pessoas simplesmente escolherão não ir.

Fica claro que o único filme que conseguiu essa façanha nas últimas semanas foi "Homem-Aranha: Sem Volta para Casa", e, porque seus resultados impressionantes de bilheteria aqueceram tudo mais que foi lançado nos cinemas, os poderosos envolvidos com essa produção da Marvel da Sony defenderam que a obra mereceria a indicação ao Oscar de melhor filme.

Será que Peter Parker tem alguma chance? Não tenho certeza. Os votantes do Oscar já demonstraram que estão dispostos a indicar filmes de grande sucesso ao prêmio, mas preferem trabalhos de artesão esmerado e alcance mais amplo, capazes de competir em diversas categorias.

Pense em "Pantera Negra", que conquistou troféus no

Oscar pela trilha sonora, pelo design de produção e pelo figurino, ou "Mad Max: Estrada da Fúria", que venceu em praticamente todas as categorias técnicas para as quais foi indicado.

Neste ano, "Duna" será um candidato importante nessas categorias, o que reforçará sua candidatura ao prêmio de melhor filme, mas "Homem-Aranha: Sem Volta para Casa", na verdade, é mais um feito narrativo e de boa administração de calendário do que uma façanha artística notável.

Ainda assim, não há como negar o imenso sucesso de bilheteria do filme. Se os dramas adultos continuarem a ter desempenhos medíocres de público à medida que a pandemia se estende para seu terceiro ano, pode ser que desapareçam de vez dos cinemas, e a experiência de assistir a um filme na tela se torne simplesmente uma forma de ver filmes da Marvel.

Parte da missão do Oscar é evitar que isso aconteça. O prêmio gera interesse por filmes menores e mais artísticos que desesperadamente precisam dele. Mas, se os filmes que não são franquias se provarem incapazes de atrair pessoas às salas de exibição sem ajuda, o cinema estará diante de um problema mais grave do que o de mais uma cerimônia de entrega do Oscar com índices pessimistas de audiência.

Tradução Paulo Miglacci



Brasil Revistas

Entre em nosso Canal no Telegram.

Acesse t.me/BrasilRevistas



Tenha acesso as principais revistas do Brasil.

Distribuição gratuita, venda proibida!